

REVUE SPIRITE |

Journal d'Études Psychologiques
Fondée par ALLAN KARDEC



Lei de adoração

Aproximar a Deus

Uma ponte entre a razão e a espiritualidade

Editorial



JUSSARA KORNGOLD
SECRETÁRIA - GERAL DO CEI
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Há datas que não se limitam a marcar um calendário — elas iluminam um caminho. Ao celebrarmos, nesta edição, o centenário da Federação Espírita Portuguesa, não estamos apenas revisitando uma história: estamos diante da prova viva de que um propósito sustentado no bem atravessa gerações, regimes, crises e silêncios impostos, e continua, cem anos depois, a acender a mesma luz com que começou.

Essa é, talvez, a lição mais simples e mais necessária que uma instituição centenária pode oferecer: a de que a persistência, quando ancorada num ideal maior do que nós mesmos, não se desgasta com o tempo — fortalece-se. O edifício erguido há um século não resistiu porque foi poupado das dificuldades. Resistiu porque, a cada dificuldade, encontrou motivo para recomençar. Essa é a resiliência que verdadeiramente importa: não a ausência de provas, mas a capacidade de nelas



reconhecer uma oportunidade de reforma e de crescimento.

O tema escolhido para o Congresso Nacional de Espiritismo de 2026 — Espiritismo: Uma Ponte entre a Razão e a Espiritualidade — parece-nos, por isso, mais do que uma bandeira de congresso: é a própria descrição do que significa perseverar no bem. Toda ponte constrói-se pouco a pouco, pedra sobre pedra, e sustenta-se apenas enquanto alguém continua a atravessá-la. O Espiritismo não sobrevive nos livros que produz nem nas instituições que ergue, mas nas mãos que, dia após dia, escolhem servir.

É nesse trabalho silencioso — o atendimento fraterno, o estudo sistemático, a palavra de conforto, o gesto de solidariedade que não pede reconhecimento — que se revela algo essencial: fazemos, coletivamente, muito mais do que jamais conseguiríamos perceber isoladamente. Cada centro espírita, cada grupo de estudo, cada voluntário que abre as portas de sua casa ou de seu coração soma-se a uma corrente que atravessa fronteiras e séculos. Visto de perto, um ges-

to de bondade parece pequeno; visto de longe — como agora, à distância de cem anos —, compreendemos que esses gestos, somados, ergueram uma obra inteira.

Talvez seja esse o convite que esta edição nos faz: lembrar que os desafios do nosso tempo — sejam eles pessoais, institucionais ou civilizacionais — não são maiores do que aqueles já superados por quantos vieram antes de nós. Se um pequeno grupo de idealistas, há um século, conseguiu erguer algo que ainda hoje nos abriga e nos orienta, é porque a persistência no bem produz resultados que a pressa jamais alcança.

Que o centenário da Federação Espírita Portuguesa sirva, então, não como ponto final de uma celebração, mas como ponto de partida renovado: prova viva de que é possível perseverar, de que a solidariedade transforma mais do que imaginamos, e de que cada geração é chamada, à sua maneira, a continuar erguendo a mesma ponte — entre a razão e a espiritualidade, entre o que já foi feito e o que ainda está por fazer.

Revue Spirite

**Journal d'Études Psychologiques Fondée par ALLAN
KARDEC le 1er janvier 1858**

Propriedade do Conselho Espírita Internacional (CEI)

Logo et Marque Européenne enregistrée à l'**EUIPO** (Office
de l'Union Européenne pour la propriété intellectuelle)

® **Trade mark** 018291313

Marque française déposée à l'**INPI** (Institut National de la
Propriété Intellectuelle) sur le numéro ® 093686835.



Editado por

Federação Espírita Portuguesa

Praceta do Casal Cascais 4, r/c, Alto da Damaia, Lisboa

ISSN 2184-8068

Depósito Legal 403263/15

© **copyright 2020**

Ano 169

Nº25

CEI | Trimestral | Outubro 2026

Distribuição gratuita

Direção (CEI)

Jussara Korngold

Coordenação (FEP)

Vitor Mora Féria

Coordenação Editorial

Sílvia Almeida

Edição e revisão de texto

Cláudia Lucas

José Carlos Almeida

Web

Marcial Barros

Arte e design

Sara Barros

revuespirite@cei-spiritistcouncil.com

www.revuespirite.cei-spiritistcouncil.com

www.cei-spiritistcouncil.com

Conteúdos

2	Editorial	Jussara Korngold
32	Espiritismo e Filosofia	Mário Frigéri
62	Espiritismo e Religião	Caio Dumas
82	Revisitando a Revista	Daniel Assisi
98	A Geração Nova	Ricardo Faria Tomásio
120	Palestras Familiares de Além-túmulo Hoje	CEI AIJF
126	Plano Histórico	Espírito Bezerra de Menezes
144	Espiritismo e Sociedade	Carlos Miguel Pereira
164	Momento Espírita	Sílvia Almeida
172	Entrevista	Redação Momento Espírita
		Maria Helena Marcon

Equipa

Revue Spirite

Com este Número inauguramos uma sequência dedicada à Lei da Adoração, com o tema "Aproximar a Deus".

Refere Allan Kardec, na obra *O Livro dos Espíritos*, que a adoração consiste na elevação do pensamento a Deus, meio através do qual é possível ao Homem aproximar-se do Criador (Q. 649).

Como entender a "elevação do pensamento", quando, com o Espiritismo, Deus deixou de estar em cima, para estar em toda a parte? E como interpretar a aproximação a Deus, se ele está sempre presente? Para nos ajudar a refletir sobre estas e outras questões, os autores deste Número trouxeram-nos os seus estudos, desafiando-nos a acompanharmos o seu pensamento e a questionarmos-nos quanto às ideias já constituídas e, por vezes, pouco refletidas. Desde o exercício ousado de submeter a obra de Allan Kardec a um interrogatório moderno, unindo ciência contemporânea, exegese bíblica e crítica filosófica, até às inquietantes exposições sobre a exigência ética de acreditar num Deus que não aceita ser bajulado e cuja crença se revela no modo como tratamos o próximo, cada artigo, acrescenta-nos um novo pretenxto para pensarmos a Vida, o nosso propósito no mundo e a nossa relação connosco, com o próximo e com Deus.

NOTA: Relembramos que optámos por manter a grafia e a construção sintáctica do país de origem dos autores. Assim, o leitor encontrará, nas páginas desta série da *Revue*, artigos cuja redação obedece às normas do Português do Brasil e outros redigidos segundo as regras do Português de Portugal.

HITÓRIA DE CAPA

A universalidade dos ensinamentos dos espíritos traz-nos um amplo significado da vida. As dimensões, tal como os homens as conhecem, transformam-se numa interioridade que se expande pelo universo incomensurável. E nós, os espíritos, passamos a viver sem fronteiras, porque nos aproximamos cada vez mais do amor.

Nesse tempo, sem fronteiras, seremos plenos na compreensão do universo infinito e criaremos, por meio de todo o Bem que nos for possível alcançar, o bem-estar.

O horizonte deixa de ser uma mera linha para tornar-se o futuro próximo da esperança.

A nossa escolha de capa é um convite a observar a lei divina como um ato de viver na Terra com o olhar voltado para o espaço infinito.

Quanto mais nos transformamos moralmente, mais nos aproximamos da fonte de amor, justiça e perfeição que reconhecemos como Deus.



Olhai,
refleti,
ponderai!...
Depois disso,
naturalmente,
estareis
prontos a
vigiar e orar
com proveito



1



2



3

*XAVIER, Francisco C. (Emmanuel). *Vinha de Luz*. Cap.87

1. Sara Barros, "Close".a nossa escolha de capa para o número 25 da *Revue Spirite*.

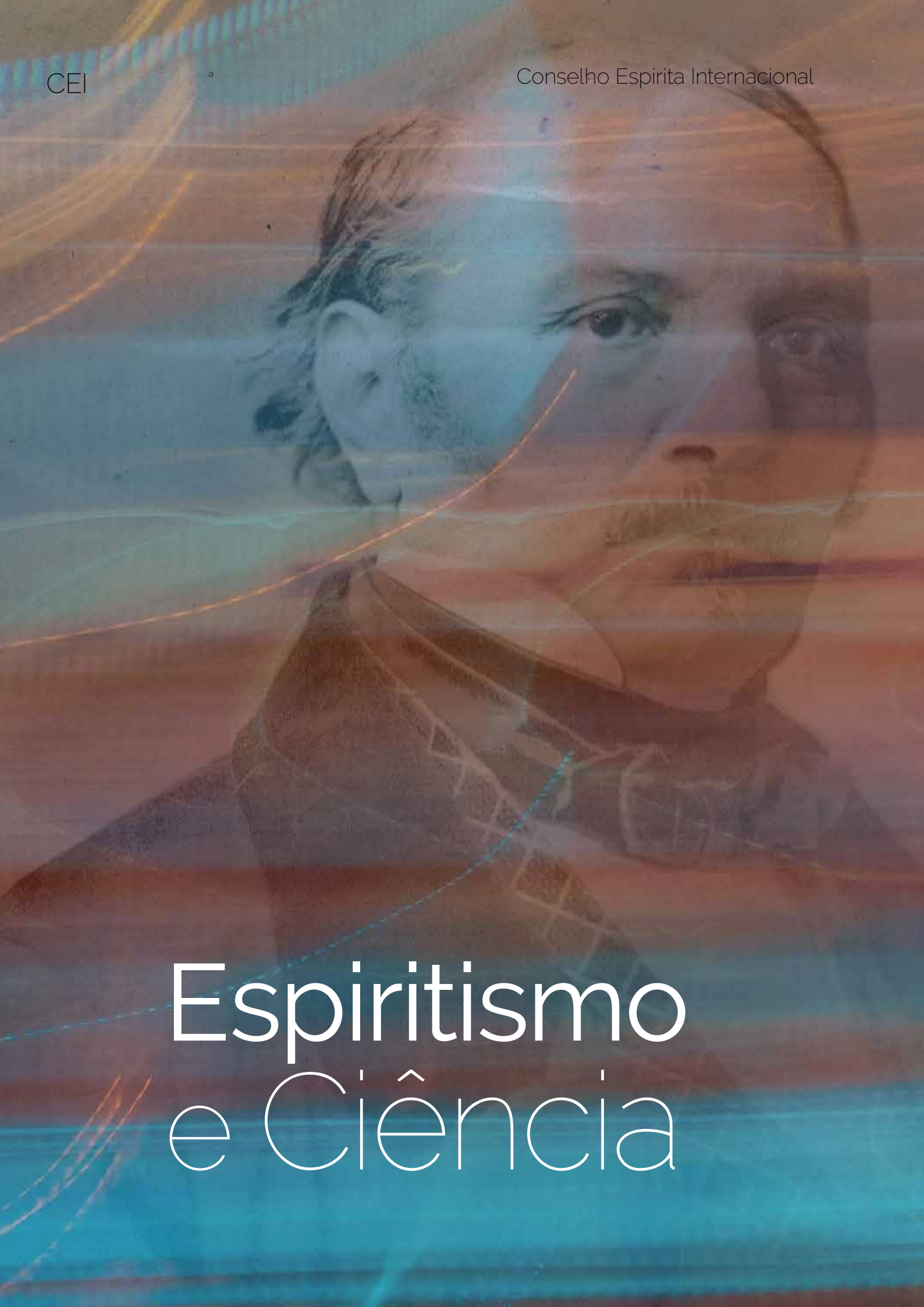
2. Sara Barros, "Close". estudo de capa.

3. Sara Barros, "Close". estudo de capa.

CEI

a

Conselho Espírita Internacional



Espiritismo e Ciência

LA GENÈSE

LES MIRACLES ET LES PRÉDICTIONS

SELON LE SPIRITISME

PAR

ALLAN KARDEC

Auteur du *Libre des Esprits*

MÁRIO FRIGÉRI*

Decodificando A Gênese

PARIS

LIBRAIRIE INTERNATIONALE

16, BOULEVARD MONTMARTRE

A. LACROIX, VERBODKHOFF & C^o Successeurs

À PARIS, 16, BOULEVARD MONTMARTRE, 16, EN FACE DE LA GARE D'ORLÈANS

LES DÉPÔTS DE LA REVUE SPIRITE, 16, BOULEVARD MONTMARTRE, 16



***Mário Frigéri** é poeta e escritor pelo coração e operador do Direito por profissão. É paulista de Nuporanga, onde nasceu em 1945, e reside atualmente em Campinas/SP. Conheceu a Doutrina Espírita aos 15 anos. Tem oito livros publicados (três pela Editora da FEB) e escreve regularmente para diversas revistas, entre elas o Reformador. frigerimario@gmail.com

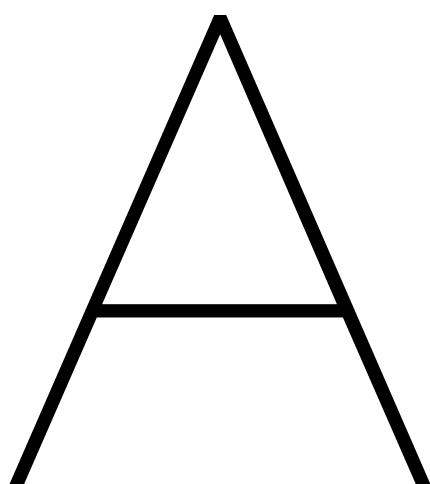




Resumo

Este artigo propõe um exercício ousado: submeter *A Gênese* de Allan Kardec a um interrogatório moderno, unindo ciência contemporânea, exegese bíblica e crítica filosófica. Em 20 perguntas formuladas por um interlocutor agnóstico – exigente, informado, pouco complacente –, o livro é desafiado em seus três pilares: a revelação espírita como processo racional, a leitura científica da criação (material e espiritual) e a explicação espírita dos milagres e das predições evangélicas. As respostas, redigidas em primeira pessoa como se o próprio Kardec nos falasse desde o século XXI, não pretendem canonizar a obra, mas mostrar que ela permanece viva quando aceita ser revista à luz de novos dados e novas sensibilidades. Em vez de blindagem, opta-se por diálogo; em vez de veneração passiva, por exame lúcido; em vez de uma “Gênese” que fecha, apresenta-se uma “Gênese” que abre portas para futuras sínteses entre ciência, filosofia e espiritualidade.

Palavras-chave: Kardec reinterpretado, Ciência e fé, Revelação progressiva, Milagres e leis naturais, Gênese espiritual, Transição planetária, Doutrina viva.



Gênese nasceu no século de Allan Kardec como tentativa de costurar, num mesmo tecido, revelação espiritual, ciência nascente e leitura racional dos Evangelhos. O Codificador afirmava ali que a ciência é chamada a constituir a gênese de acordo com as leis da Natureza e que Deus prova sua grandeza pela imutabilidade dessas leis, não pela suspensão

caprichosa delas. Hoje, ao analisarmos essa obra, constatamos que a ciência avançou muito além da física e da astronomia do século XIX e que, exatamente por isso, *A Gênese* precisa ser relida e criticada, em vez de ser colocada numa redoma de vidro.

Neste texto, propomos submeter *A Gênese* a uma “sabatina” conduzida por um agnóstico contemporâneo que não se contenta com frases piedosas: exige coerência lógica, respeita os fatos e desconfia de tudo o que cheira a dogmatismo. Ele questiona o caráter da revelação espírita, o diálogo com o *Big Bang* e a evolução biológica, a ideia de fluidos, a explicação dos milagres e das profecias, assim como as passagens mais controvertidas sobre raça adâmica, revoluções do globo e “tempos chegados”. As respostas são redigidas em primeira pessoa, como se o próprio Kardec dialogasse conosco hoje; não como oráculo infalível, mas como trabalhador do pensamento que permanece fiel ao princípio que sempre defendeu: se a verdade aparecer contra nós, fiquemos com a verdade, e não com a letra.

LA GENÈSE

LES MIRACLES ET LES PRÉDICTIONS

SELON LE SPIRITISME

PAR

ALLAN KARDEC

AUTEUR DU LIVRE "LES ESPRITS"



Deus

**não é um mágico
que corta o fio da
causalidade, mas a
inteligência que
o tece**



**Uma "Gênese" que
abre portas para
futuras sínteses entre
ciência, filosofia e
espiritualidade**

1. Caráter da revelação espírita hoje

Pergunta – Sr. Kardec, o senhor abre *A Gênese* perguntando se o Espiritismo é uma revelação e em que sentido. No século XXI, “revelação” soa suspeito: remete a autoritarismo religioso, dogmas intocáveis, “verdades” que dispensam o exame. O senhor ainda usaria essa palavra hoje, ou a trocaria por outra?

Resposta – Se eu voltasse ao debate contemporâneo, manteria a palavra “revelação”, mas explicitaria melhor o que nela entendo como *processo* e não como decreto. Chamei de revelação tudo o que tira o véu do desconhecido; nesse sentido, Newton “revelou” a gravitação, como o Espiritismo “revela” o mundo espiritual. Eu insistiria, com mais força ainda, em três pontos: primeiro, que a revelação espírita é coletiva, nunca propriedade de um médium ou Espírito isolado; segundo, que ela é progressiva, isto é, corrigível, ampliável, passível de revisão; terceiro, que ela se oferece ao exame da razão e da experiência, em vez de exigir submissão. Se “revelação” for entendida como verdade caída do céu, pronta e acabada, eu a recusaria; se for compreendida como diálogo entre o Alto e a investigação humana, por meio de leis que podemos estudar, então aceito o termo, com a condição de que ninguém o use para se colocar acima do livre pensar.

2. Revelação e método experimental

P – No capítulo inicial, o senhor afirma que o Espiritismo procede como as ciências positivas, pelo método experimental. Um cientista de hoje diria: experimentação supõe controle rigoroso, estatística, reprodutibilidade, análise de vieses. As experiências mediúnicas do século XIX atenderiam a esses critérios?

R – Não, elas não atendiam a todos os critérios que hoje consideramos indispensáveis e eu seria o primeiro a reconhecê-lo. Quando afirmei que o Espiritismo procede pelo método experimental, quis dizer que ele parte dos fatos para a teoria, não da teoria para os fatos; que não supõe o que não observa; que verifica e compara comunicações, em vez de se guiar por revelações privadas. No século XXI, eu complementaria: é necessário acrescentar controles cegos, análise estatística, protocolos replicáveis, bem como estudo sistemático dos vieses cognitivos e das fraudes [todos elementos modernos do método científico, projetados para aumentar a objetividade e a confiabilidade na pesquisa da verdade]. O princípio metodológico permanece: começar pelo fenômeno e submetê-lo à crítica; o aparato técnico é que deve ser atualizado. A revelação espírita, sem esse diálogo com o rigor científico moderno, corre o risco de retomar práticas que eu próprio combati: a fé sem verificação e a autoridade sem exame.



by S Barros. "Decoding Heaven and Hell", (2026), for Revue Spirite 24

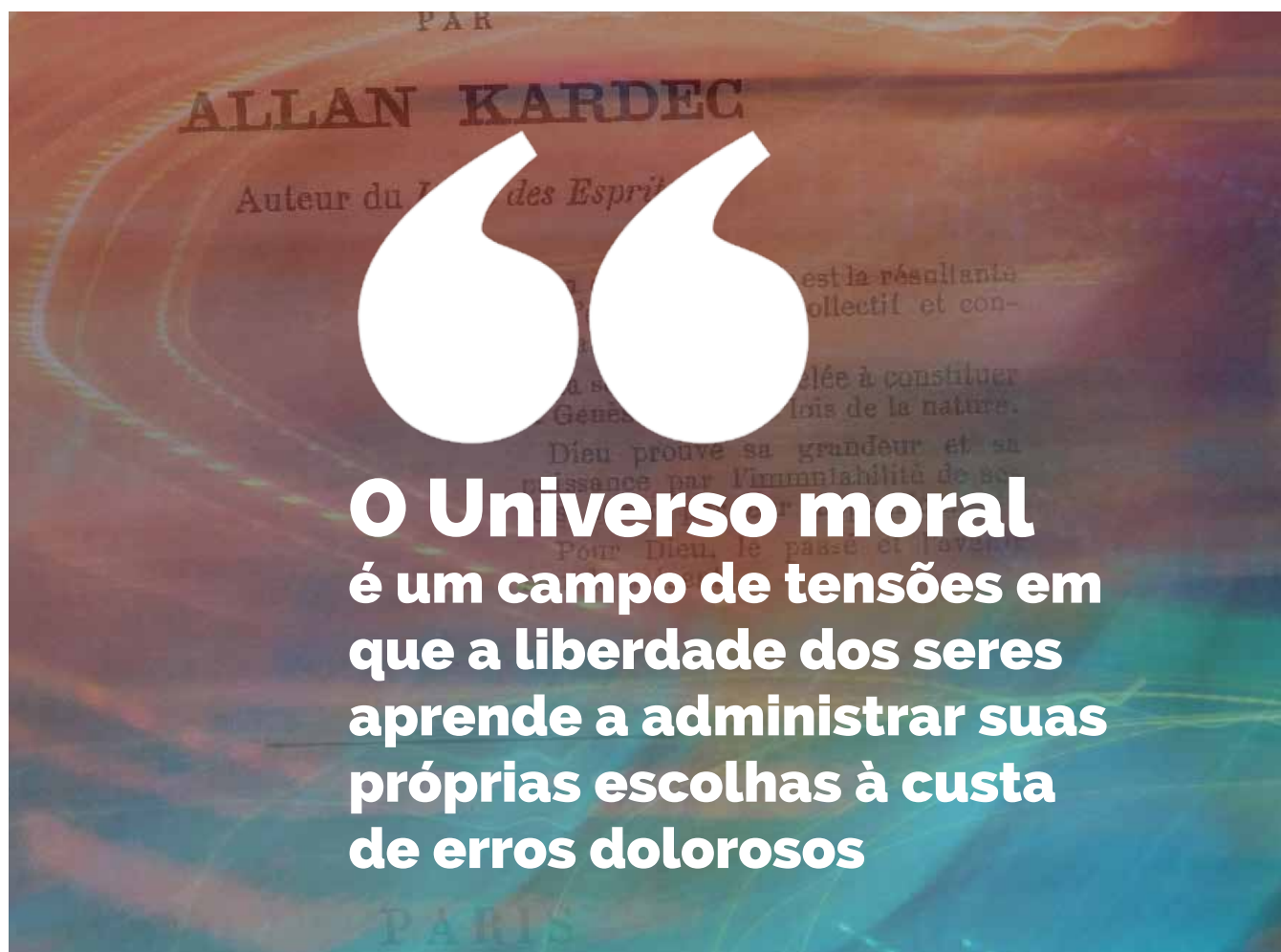
3. Deus, leis naturais e "milagre"

P – Logo no frontispício de *A Gênese*, o senhor afirma que Deus prova a sua grandeza e seu poder pela imutabilidade das suas leis e não pela ab-rogação delas. Então por que continuar falando em "milagres", termo que sugere exatamente a suspensão das leis naturais?

R – Eu conservei a palavra "milagre" porque era moeda corrente, mas já a esvaziava do sentido teológico clássico. Hoje eu diria de forma ainda mais direta: se um fenômeno viola uma lei da Natureza, ele jamais existiu; se existe, então está de acordo com alguma lei que talvez ainda ignoremos. O verdadeiro prodígio não é a exceção, mas a amplitude, a harmonia e a fineza das leis que regem o Universo físico e espiritual. Quando interpreto os "milagres" do Evangelho, proponho que são manifestações de leis fluídicas e psíquicas mal conhecidas, não caprichos divinos. Num diálogo com a física contemporânea, eu substituiria o vocabulário: em lugar de "milagre", falaria em fenômeno anômalo, em efeito de campos sutis, em interação mente-matéria ainda não modelizada. Deus não é um mágico que corta o fio da causalidade, mas a inteligência que o tece.

4. Bem, mal e ambiguidade da Natureza

P – Em *A Gênese*, o senhor aborda o problema do bem e do mal, fala de instinto, destruição recíproca dos seres, evolução moral. Hoje conhecemos a brutalidade da seleção natural e as violências históricas em larga escala. Sua visão não é otimista demais ao afirmar um progresso segundo as leis da Natureza e uma tendência geral ao bem?



R – Se olharmos apenas um fragmento da história, a conclusão pessimista parece evidente: sofrimento em excesso, injustiças gritantes, violência repetida. Mas o que eu chamei de progresso segundo as leis da Natureza não é uma linha reta, nem uma marcha triunfal; é a resultante de forças opostas. Do ponto de vista espírita, o Universo moral é um campo de tensões em que a liberdade dos seres aprende a administrar suas próprias escolhas à custa de erros dolorosos. O instinto destruidor que observo na Natureza é o estágio inicial de uma pedagogia da responsabilidade; pouco a pouco, a inteligência introduz cooperação, empatia, solidariedade. Eu aceitaria a crítica de “otimismo ingênuo” se dissesse

que tudo está bem; o que afirmo é que tudo *pode* conduzir ao bem, se a liberdade aprender a se orientar pela lei de amor. Na perspectiva espírita, o progresso não é um automatismo cego nem uma marcha retilínea. Ele constitui uma lei da Natureza, inscrita no destino do Espírito, mas cujo ritmo, desvios e dores dependem do uso que cada ser faz de sua liberdade. Deus não impõe a evolução pela força: oferece tempo, experiências e oportunidades sucessivas, respeitando a maturidade de suas criaturas. É por isso que a história humana se apresenta irregular, ambígua e, muitas vezes, sofrida – não por falha da lei divina, mas pela aprendizagem ainda imperfeita daqueles que a vivem.



Deus não impõe a evolução pela força: oferece tempo, experiências e oportunidades sucessivas, respeitando a maturidade de suas criaturas

by S Barros, "Decoding Heaven and Hell", (2026), for Revue Spirite 24

5. Ciência da gênese material: do nebular ao *Big Bang*

P – Os capítulos de *A Gênese* sobre Uranografia, formação da Terra e revoluções do globo refletem a cosmologia do século XIX: teoria nebular, idade relativa das montanhas, dilúvio bíblico repensado. Com o *Big Bang*, a cosmologia inflacionária [teoria que postula uma expansão acelerada do Universo em seus instantes iniciais] e a geologia moderna, muito do seu quadro ficou obsoleto. Isso não fragiliza o livro inteiro?

R – Eu mesmo preveni o leitor de que certas partes de *A Gênese* eram hipotéticas e deviam ser consideradas opiniões pessoais, até que fossem

confirmadas ou refutadas. Quando procuro descrever a estrutura da Via Láctea ou a cronologia dos períodos geológicos, valho-me dos melhores dados do meu tempo; não reivindico revelação infalível em astronomia. O núcleo doutrinário da obra não está nas hipóteses cosmológicas, mas nos princípios: a imutabilidade das leis divinas, a recusa do sobrenatural, a leitura progressiva das Escrituras à luz da ciência. Se hoje eu reescrevesse esses capítulos, integraria os avanços da astrofísica e da geologia e, sem constrangimento, abandonaria modelos superados. Um livro que não admite retificação científica não é espírita: é um ídolo de papel.



6. Gênese orgânica e geração espontânea

P – Em sua época, a hipótese da geração espontânea ainda era discutida. Em *A Gênese*, o senhor admite essa possibilidade para formas elementares de vida. A biologia moderna tende a rejeitá-la, falando em evolução a partir de um ancestral comum e em abiogênese num cenário muito remoto. O senhor se equivocou?

R – Em minha época, a chamada geração espontânea figurava entre as hipóteses científicas seriamente discutidas, e foi nesse contexto que a mencionei, sempre de modo provisório e condicionado ao avanço do conhecimento. Nunca a apresentei

como verdade estabelecida, nem como princípio espírita, mas como uma possibilidade então considerada para explicar o aparecimento das formas orgânicas mais simples. É essencial distinguir o que pertence ao núcleo da doutrina espiritual daquilo que é conjectura científica de um século determinado. Ao tratar da gênese orgânica, meu objetivo era afirmar três pontos centrais: primeiro, que a vida se encadeia por graus contínuos, sem intervenções arbitrárias; segundo, que o princípio vital atua segundo leis naturais ligadas à organização da matéria, e não como um ato miraculoso isolado; terceiro, que o Espírito utiliza esse longo processo como campo de aprendizado e progresso. Se a biologia contemporânea mostra que a transição da matéria inerte à vida orgânica dependeu de condições raras, de tempos imensuráveis e não se reproduz continuamente em escala observável, esse dado não contradiz o Espiritismo, antes o esclarece. A doutrina não se compromete com modelos biológicos transitórios; ela se sustenta na ideia mais ampla de uma Natureza regida por leis e de um princípio inteligente que delas se serve. Ajustar a linguagem à luz da ciência não enfraquece o Espiritismo, mas preserva-o de ser confundido com um manual científico datado.

7. Gênese espiritual e princípio inteligente

P – O senhor fala de “princípio espiritual” e “princípio inteligente” que evoluem paralelamente à vida orgânica. Um filósofo analítico diria: isso não acrescenta explicação, apenas renomeia o mistério. Em que sentido essas noções ajudam a pensar a consciência, em vez de serem apenas palavras bonitas?

R – Eu não pretendia, com as expressões “princípio espiritual” e “princípio inteligente”, oferecer uma teoria físico-matemática da consciência, mas marcar uma distinção: por mais que acompanhem o encadeamento das formas materiais, não deduzimos daí, por simples prolongamento, a experiência íntima de sentir, querer, amar, escolher. O “princípio inteligente” designa esse polo subjetivo que, na visão espírita, não é epifenômeno da matéria, mas parceiro dela. Hoje eu dialogaria com as discussões sobre o problema difícil da consciência, sobre a informação como dimensão fundamental da realidade, sobre enfoques dualistas, monistas ou pampsiquistas. O vocabulário pode e deve ser traduzido; o ponto que considero irreduzível é este: a pessoa que pensa e se reconhece como “eu” não se esgota na descrição dos seus substratos cerebrais. Chamar esse núcleo de “Espírito” não resolve tudo, mas evita que o mistério seja ocultado sob a máscara de um materialismo simplificador.

8. Hipótese sobre a origem do homem e raça adâmica

P – Em *A Gênese*, o senhor sugere uma hipótese sobre a origem do corpo humano e fala em “raça adâmica”, emigração e imigração de Espíritos, anjos decaídos. Hoje, isso é facilmente associado a teorias racialistas ou a leituras literais do Gênesis bíblico. Como defender essas ideias sem alimentar preconceitos ou pseudo-ciências?

R – Eu mesmo apresentei essas passagens como hipótese, não como dogma. Procurava conciliar, de um lado, os dados da geologia e da antropologia nascente; de outro, as tradições religiosas sobre “uma raça escolhida” e quedas espirituais. Se reescrevesse hoje, eu seria ainda mais prudente com a linguagem. Não se trata de hierarquizar povos por características biológicas ou culturais – o que seria frontalmente contrário ao princípio da igualdade espiritual –, mas de admitir que Espíritos de níveis diversos encarnam-se em grupos, épocas e ambientes diferentes, por necessidades pedagógicas recíprocas. A expressão “raça adâmica”, tal como utilizada no século XIX, reflete categorias antropológicas próprias de seu tempo e requer hoje leitura histórica e cuidadosa contextualização, a fim de evitar interpretações anacrônicas. A ideia de fundo, porém, permanece: a Humanidade terrena é um mosaico de experiências espirituais, não uma massa uniforme; e nenhuma encarnação confere privilégio ontológico a ninguém.



**A pessoa que pensa
e se reconhece como
“eu” não se esgota na
descrição dos seus
substratos cerebrais**

by S Barros. "Decoding Heaven and Hell", (2026). for Revue Spirite 24

9. Papel da ciência na Gênese

P – Há um capítulo intitulado “Papel da Ciência na Gênese”, onde o senhor diz que a ciência deve constituir a narrativa da Criação segundo as leis naturais. Muitos religiosos ainda veem a ciência como ameaça à fé. Segundo alguns críticos modernos, o senhor teria sido excessivamente dependente da ciência de seu tempo, correndo o risco de transformar o Espiritismo num “comentário piedoso” das teorias científicas então vigentes. O senhor concorda?

– Nunca afirmei que a ciência experimental seja capaz de esgotar toda a realidade. O que sustentei, no capítulo a que você se refere, é que Deus se revela na constância e na harmonia das leis naturais, não na sua suspensão arbitrária; por isso, qualquer narrativa

séria da Criação precisa levar em conta o que a pesquisa honesta descobre em seu campo próprio. À ciência cabe descrever, com os instrumentos de que dispõe, a dinâmica do Universo; ao Espiritismo, mostrar que essa dinâmica não é cega, mas portadora de sentido, finalidade e implicações morais. Não se trata de reduzir a doutrina espírita a um apêndice das teorias científicas de uma época, mas de libertá-la do equívoco perigoso de se julgar proprietária exclusiva da verdade. Quando a ciência revê um modelo cosmológico, ela não invalida a ideia de um princípio inteligente; apenas corrige a representação humana do cenário em que esse princípio atua. A fé que teme os fatos não se fortalece, mas empobrece-se. Confiança em Deus e respeito pela investigação não se excluem – completam-se.



10. Fluidos, perispírito e linguagens modernas

P – A seção sobre “fluidos” e “perispírito” parece, a um leitor contemporâneo, misturar metáforas físicas com especulações psíquicas. Nas ciências atuais, “fluido” é um termo bem definido; “campo” tem significados técnicos. O senhor não criou uma linguagem híbrida demais, que hoje confunde mais do que esclarece?

R – Reconheço que o vocabulário do século XIX não pode ser transplantado, sem ajustes, para o século XXI. Quando falei em “fluidos”, eu visava designar um estado de matéria sutil, ainda não apreendido pelos instrumentos de então, mas percebido pelos efeitos – algo intermediário entre o Espírito e a matéria densa. Hoje, eu preferiria falar em “campos” e “estruturas de informação” para evitar a impressão de estar propondo um quarto estado físico vulgar. O essencial é: há um veículo, que chamei de perispírito, por meio do qual o Espírito atua sobre o corpo, registra experiências, projeta imagens, influencia e é influenciado. Esse conceito, devidamente traduzido, dialoga com investigações sobre corpo sutil em tradições diversas, sobre correlações mente-corpo e sobre fenômenos psicofísicos. Se a palavra “fluido” gera mal-entendidos, substituamo-la; mas não suprimamos o problema que ela nomeou: como a consciência se liga à matéria e interage com ela?

11. Milagres do Evangelho reexaminados

P – Em *A Gênese*, o senhor reinterpreta os milagres de Jesus à luz dos fluidos, da dupla vista, das curas psíquicas. Alguns teólogos o acusariam de “desencantar” o Evangelho, transformando-o numa coleção de fenômenos parapsicológicos. O senhor não banalizou a figura de Jesus?

R – Meu objetivo jamais foi reduzir o Cristo, mas precisamente libertá-lo de um enquadramento mágico que o torna ininteligível para a razão moderna. Se fosse preciso aceitar violações arbitrárias das leis naturais para crer em Jesus, a fé seria frágil: bastaria melhor conhecimento da Natureza para derrubá-la. Ao mostrar que as curas, as aparições, as chamadas “ressurreições” podem ser compreendidas como ação de um Espírito de altíssima envergadura sobre os fluidos e sobre a psique humana, não o diminuo; ao contrário, reconheço nele o modelo do uso mais elevado dessas leis. O extraordinário em Jesus não está no espetáculo; está na pureza do seu sentimento, na amplitude da sua visão e na coerência entre o que ensina e o que vive. Se a ciência explicar um dia muitos fenômenos hoje tidos como “milagres”, o Cristo não será menor; seremos nós que entenderemos melhor o que ele já sabia.

12. Teoria da presciência e liberdade

P – O senhor propõe uma teoria da presciência na qual Deus vê passado, presente e futuro num mesmo “agora”, e os Espíritos superiores podem antever certas coisas sem anular o livre-arbítrio. Um filósofo perguntaria: isso é compatível com liberdade ou implica determinismo disfarçado?

R – O problema da conciliação entre presciência divina e liberdade humana é anterior à minha obra e não foi esgotado por mim. A solução que esboço é esta: a visão de conjunto não é causação. Saber antecipadamente o que alguém fará não o obriga a fazer; apenas constata qual uso ele, de fato, fará da liberdade que tem. Deus, vendo as possibilidades e os caminhos, organiza a pedagogia do Universo considerando essa ciência infinita; mas, para nós, a experiência continua aberta. Mesmo em previsões espíritas, insisto que se trata de probabilidades baseadas em tendências e em planos condicionais, não em roteiro irrevogável. O futuro é um leque de linhas possíveis; os Espíritos avançados enxergam melhor a resultante provável, mas não suprimem a capacidade humana de alterar, pela decisão, a direção do próprio destino.



**O maior
milagre do
Evangelho é a
transformação
íntima**



A fé que teme os fatos não se fortalece, mas empobrece-se

13. Predições de Jesus e leitura simbólica

P – As predições evangélicas sobre a ruína de Jerusalém, a vinda do Consolador, o “fim dos tempos” são reinterpretadas em *A Gênese* de modo menos literal. Contudo, muitos movimentos religiosos usam essas passagens para apavorar ou manipular. O senhor não deveria ter sido mais enfático na leitura simbólica?

R – Se eu soubesse, em meu tempo, a extensão dos abusos apocalípticos que se multiplicariam, teria sido ainda mais claro: o “fim do mundo” não é a explosão da Terra, mas o fim de

um estado moral; o “juízo final” não é tribunal de um dia, mas avaliação contínua da consciência; a “vinda do Filho do Homem” nas nuvens é imagem da irrupção da consciência crítica no íntimo da Humanidade. Minha intenção, ao comentar essas passagens, já era desviá-las de um catastrofismo material que contraria a própria justiça divina. No século XXI, eu insistiria: toda leitura que alimenta medo paralisante, ódio aos “ímpios” ou delírio de salvação exclusiva está fora do espírito do Evangelho. O símbolo foi feito para alargar a inteligência, não para acorrentar a mente.

14. “São chegados os tempos” e transição planetária

P – No último capítulo, o senhor fala em “tempos chegados”, geração nova, transformação do globo. Muitos espíritas transformaram isso numa espécie de cronograma apocalíptico: datas, prazos, promessas de mudança automática. O senhor avaliza essa leitura?

R – Absolutamente não. Quando escrevi que “são chegados os tempos”, referia-me a um amadurecimento das condições morais e intelectuais da Humanidade para compreender certas verdades, não a um relógio oculto determinando desastres espetaculares. A ideia de “mundo de regeneração” é um horizonte pedagógico: aponta para um estado em que o bem deixará de ser exceção heroica para tornar-se norma social. Essa transição não se faz pela troca mágica dos maus pelos bons, mas pela reencarnação sucessiva de Espíritos mais comprometidos com a fraternidade, pelo esforço de reforma íntima dos que aqui permanecem, e pelo degredo dos que não se reformam para mundos compatíveis com seu nível. Se alguém fixa dia e hora para o “grande salto”, não fala em meu nome nem no do Espiritismo; fala em nome da própria impaciência. A Terra muda na medida em que mudam os corações que a habitam.

15. Revoluções do globo e crise ecológica

P – A *Gênese* dedica um capítulo às revoluções do globo: cataclismos, dilúvios, mudanças geológicas. Hoje vivemos uma crise ecológica provocada pela ação humana. Como a sua visão dialoga com essa nova consciência ambiental?

R – Em meu tempo, eu via os grandes abalos geológicos sobretudo como fases naturais da vida do planeta, relacionadas a ciclos físicos de longa duração. Hoje eu acrescentaria: que a presença humana, dotada de tecnologia poderosa e ainda moralmente imatura, tornou-se fator geológico ela mesma. Grandes destruições já não dependem apenas de forças cegas da natureza, mas de decisões econômicas, políticas e culturais. Do ponto de vista espírita, isso agrava a responsabilidade moral coletiva: devastar ecossistemas, comprometer o futuro das gerações vindouras, ampliar sofrimentos evitáveis não é apenas “erro de cálculo”; é falta contra a lei de progresso e contra o respeito à vida. O Espiritismo pode e deve contribuir para a consciência ecológica ao mostrar que o planeta é oficina de trabalho comum, não campo de saque de uma geração sobre as outras.

16. Instituições religiosas, ciência e *A Gênese*

P – O senhor critica, nesta obra, o apego de certas religiões a interpretações literais da Bíblia e a resistência à ciência. No entanto, há espíritas que tratam a própria Codificação – inclusive *A Gênese* – como intocável. Como o senhor responderia a essa sacralização?

R – Eu diria a esses irmãos o que disse aos teólogos do meu século: toda vez que uma obra humana é colocada acima da crítica, ela se torna ídolo e deixa de ser instrumento. A força do Espiritismo está justamente em não se apresentar como revelação fechada, mas como construção coletiva em andamento, sob a vigilância da razão e da experiência. *A Gênese* foi meu esforço honesto de pensar a relação entre ciência, fé e Evangelho com os elementos de que dispunha; se hoje novos dados e novas luzes pedem ajustes, é preciso fazê-los sem temor. O respeito a um autor não consiste em congelar o que escreveu, mas em continuar a trabalhar na direção que ele indicou. Se me amam, não me citem como argumento de autoridade contra a verdade; usem minha obra como ponto de partida, não como ponto final.

17. Edições, variantes e fidelidade ao espírito

P – Há debates contemporâneos sobre edições diferentes de *A Gênese*, variantes de texto, supostas alterações póstumas. Sem entrar em detalhes filológicos, o que é mais importante preservar: a letra exata de cada parágrafo ou o espírito metodológico da obra?

R – Sem desmerecer o labor filológico – necessário para garantir textos o mais fiéis possível ao que escrevi –, eu afirmaria sem hesitação: o que importa, em primeiro lugar, é que o espírito da obra permaneça intacto. E esse espírito se resume em alguns princípios: recusa do sobrenatural arbitrário; diálogo leal com a ciência; centralidade das leis morais; visão progressiva das revelações; abertura à revisão. Se uma variante de frase, um adjetivo a mais ou a menos, se tornarem motivo de discórdia amarga, teremos perdido de vista o essencial. Que se estudem criticamente os manuscritos, que se comparem edições, que se indiquem notas; tudo isso é saudável. Mas que ninguém use a discussão textual como arma para instalar novas formas de dogmatismo em meu nome.



O “juízo final” não é tribunal de um dia, mas avaliação contínua da consciência

18. Milagre moral: o mais urgente

P – Na parte sobre os milagres, o senhor termina por deslocar o foco do extraordinário físico para o extraordinário moral. No século XXI, saturado de tecnologia, imagens e sensacionalismo, o senhor manteria essa prioridade?

R – Mais do que nunca. O mundo atual habituou-se a “prodigiar” imagens – voos espaciais, cirurgias sofisticadas, inteligência artificial –, mas ainda tropeça no gesto simples de perdoar, no esforço de repartir, na coragem

de dizer a verdade quando isso custa. Quando digo que o maior milagre do Evangelho é a transformação íntima, não faço poesia: constato que um coração que deixa o ódio e passa a amar realiza, em si, uma revolução mais profunda do que qualquer levitação. Se o Espiritismo se fixar em fenômenos espetaculares, perderá contato com sua própria fonte. A *Gênese* quis mostrar que o Cristo domina as leis sutis da Natureza; eu acrescentaria: o que o torna nosso guia não é o poder fluídico, mas o amor que dá direção a esse poder.



19. Profecias, medo e responsabilidade

P – O senhor afirma que as predições evangélicas têm, em parte, função pedagógica. No entanto, é comum o uso do medo do futuro para controlar consciências: “cataclismos”, “provas coletivas”, “colheita dos bons”. Como impedir que *A Gênese* seja cooptada por discursos fatalistas?

R – O antídoto está numa leitura que privilegie a responsabilidade sobre o temor. Quando Jesus fala de juízo, de separação de ovelhas e cabritos, de “choro e ranger de dentes”, ele está

usando imagens fortes para alertar sobre as consequências morais das escolhas, não para manter as almas em permanente pavor. Em *A Gênese*, busco reenquadrar essas imagens numa pedagogia: colhemos, no tempo, o que semeamos no espírito. Se alguém usa predições para paralisar, submeter ou explorar, está fora da linha espírita. A função das advertências não é criar pânico, mas suscitar decisão: que tipo de mundo quero ajudar a construir? Que tipo de Espírito desejo ser, quando o tempo tiver passado sobre minhas palavras e meus atos?



A Terra muda na medida em que mudam os corações que a habitam

by S Barros. "Decoding Heaven and Hell". (2026). for Revue Spirite 24

20. Atualização de *A Gênese*

P – Por fim: se o senhor pudesse hoje revisar *A Gênese* com os recursos do século XXI – cosmologia moderna, biologia evolutiva, psicologia, crítica bíblica –, aceitaria modificar, corrigir ou omitir passagens? Ou consideraria o livro um “coroamento” intocável da Codificação?

R – Se eu o considerasse intocável, trairia um dos eixos da própria obra: a submissão contínua das ideias ao exame da razão e da experiência. Em *A Gênese*, distingi partes firmemente estabelecidas e partes assumidamente hipotéticas; hoje esse critério poderia ser aplicado com ainda mais

rigor, à luz do progresso científico. Eu proporia edições anotadas, comentários críticos, estudos interdisciplinares que explicitassem: aqui há núcleo doutrinário; ali, imagem de época; acolá, hipótese a ser repensada. O que não pode ser abandonado é a convicção de que Deus se manifesta em leis sábias, que o Espírito é imortal, que a reencarnação é escola de progresso e que o Evangelho é roteiro de libertação interior. Todo o resto – linguagem, exemplos, modelos cosmológicos – está a serviço dessas verdades, e não acima delas. *A Gênese* foi, para o século XIX, uma porta; não hesitem em alargar essa porta para que entre mais luz.

Conclusão

Se hoje pudéssemos colocar *A Gênese* à mesa de trabalho do século XXI, diríamos que ela não foi escrita para ser um muro, mas uma passagem. Nasceu do esforço de pensar, com as ferramentas de um século, a relação entre Deus, Natureza e Evangelho. Quando a submetemos a perguntas duras – científicas, filosóficas, históricas –, não a desonramos, mas lhe prestamos homenagem. Uma obra verdadeiramente espírita não teme ser sabatinada, porque sabe que o que é verdadeiro nela resistirá e o que for acessório cederá lugar a formulações mais claras.

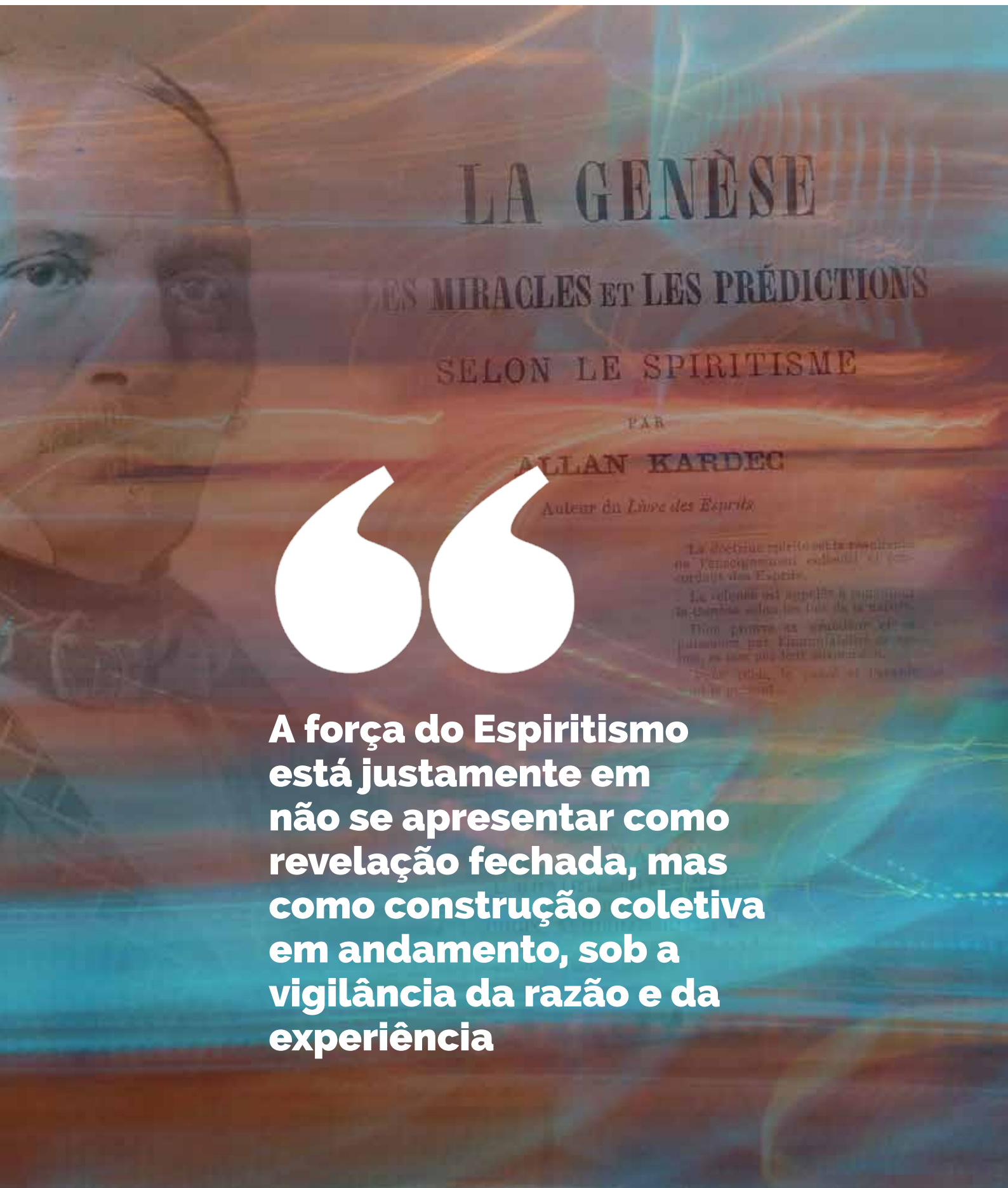
Que este exercício de interrogatório fraterno encoraje o leitor a retomar *A Gênese* não como relíquia de museu, mas como laboratório aberto. A revelação espírita, se é viva, continua; a ciência, se é honesta, corrige-se; a consciência humana, se é fiel à lei de amor, não se assusta com a luz que cresce. Sabatinar Kardec, neste contexto, não é colocá-lo no banco dos réus: é convidá-lo a caminhar conosco, ajudando-nos a discernir, em cada página, o que é semente eterna e o que é casca do tempo, para que o Evangelho, a ciência e o Espírito possam, juntos, escrever os próximos capítulos da nossa própria gênese rumo à luz.



by S Barros. "Decoding Heaven and Hell", (2026), for Revue Spirite 24



**A força do Espiritismo
está justamente em
não se apresentar como
revelação fechada, mas
como construção coletiva
em andamento, sob a
vigilância da razão e da
experiência**



CAIO DAUMAS*

Espiritismo & Filosofia

By SBarros, 'Hope' (2026), based on TrNg Quy on Unsplash



***Caio Fernando Daumas de Sousa**, 38 anos, é professor e pesquisador na área da Educação. Graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atua como professor desde 2008 e dedica-se ao estudo e à prática educativa. Seus interesses de pesquisa concentram-se especialmente na educação, na formação do pensamento espírita e nos desafios do diálogo entre o Espiritismo e o conhecimento científico e filosófico contemporâneo.



Esperança no Espiritismo:

Sufrimento,
reencarnação
e dignidade
humana



Resumo

Este artigo investiga a atualidade da mensagem espírita diante das aflições psíquicas contemporâneas. O ponto de partida desta pesquisa não é a esperança — é o sofrimento. Num mundo marcado por ansiedade, depressão, aceleração social, solidão e crises de sentido, a questão que orienta esta investigação é: como a Doutrina Espírita compreende o sofrimento humano? Somente ao percorrer as respostas internas da doutrina — a imortalidade da alma, a pluralidade das existências, a justiça divina e o progresso espiritual — é que emerge, como resultado hermenêutico e não como pressuposto, a categoria da esperança. A análise se baseia em leitura das obras fundadoras de Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, em diálogo secundário com Viktor Frankl, Byung-Chul Han, Hartmut Rosa, Ernst Bloch, Gabriel Marcel e Paul Ricoeur. Demonstra-se que a esperança kardeciana não é ingenuidade nem fuga — é uma resposta amadurecida pela travessia do sofrimento, sustentada pela convicção de que nenhuma história está definitivamente encerrada. A tese central defendida é que uma das contribuições mais significativas da compreensão kardeciana do sofrimento humano consiste em preservar a esperança, a dignidade da existência e a possibilidade permanente de recomeço.



By SBarros, "Hope" (2026). based on Tr.Ng Quy on Unsplash

Palavras-chave: Espiritismo, Sofrimento contemporâneo, Esperança, Reencarnação, Dignidade humana.



Silêncio
digitalizado de
milhões de pessoas
conectadas — mas
profundamente sós



NOTA METODOLÓGICA

A abordagem adotada neste trabalho é hermenêutica, inspirada na tradição de Hans-Georg Gadamer. Interpretar um texto, para Gadamer, exige que o leitor suspenda seus preconceitos imediatos e se deixe interpelar pela alteridade do texto — deixando-o “manifestar verdades que talvez não perceberíamos” se chegássemos a ele com conclusões já formadas. Isso significa que a esperança, tese central deste artigo, não foi introduzida como premissa de leitura: foi encontrada nos textos de Kardec ao final de um percurso que começou pelo sofrimento.

O corpus primário de pesquisa é composto por *O Livro dos Espíritos* (1857) e *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), obras fundadoras da codificação kardeciana, escolhidas por concentrarem os fundamentos doutrinários centrais — imortalidade da alma, pluralidade das existências, justiça divina — e a aplicação ética do evangelho.

Importa delimitar com precisão o escopo desta investigação: o estudo analisa prioritariamente a compreensão kardeciana do sofrimento humano, ou seja, aquela formulada

por Allan Kardec nos textos codificadores do século XIX. O Espiritismo é uma tradição viva, com longa história de reinterpretação e desenvolvimento — fato que pesquisadores como Bernardo Lewgoy e Sandra Jacqueline Stoll têm documentado e analisado em seus estudos sobre o campo espírita brasileiro —, mas esse desenvolvimento pós-kardeciano ultrapassa os limites do presente artigo. Os trechos analisados foram selecionados por relevância temática e confrontados com questões existenciais contemporâneas. Em consonância com o ciclo hermenêutico gadameriano, o movimento interpretativo percorreu sucessivamente do todo às partes e das partes ao todo, garantindo coerência interna à análise. Fontes filosóficas externas à doutrina — Frankl, Han, Rosa, Bloch, Marcel e Ricoeur — foram incorporadas como interlocutores secundários, para contextualizar o problema sem substituir a primazia dos textos kardecianos. As citações de *O Livro dos Espíritos* utilizadas neste estudo foram retiradas tanto das respostas atribuídas aos Espíritos quanto dos comentários analíticos elaborados por Allan Kardec, os quais constituem parte integrante da argumentação desenvolvida na obra.

INTRODUÇÃO

Há perguntas que a filosofia carrega desde suas origens e que o tempo não dissipa — ao contrário, parece renovar com intensidade crescente. Uma delas é a pergunta pelo sofrimento: por que sofremos? Qual o sentido da dor? O que resta ao ser humano quando a existência pesa mais do que ele é capaz de suportar? Essas questões não são abstratas. Elas habitam rostos, noites, consultórios, hospitais e, cada vez mais, o silêncio digitalizado de milhões de pessoas conectadas — mas profundamente sós.

O ponto de partida deste artigo não é, portanto, a esperança. É o sofrimento. É a observação de um fenômeno que se tornou, nas últimas décadas, uma das marcas mais reconhecíveis da condição humana contemporânea: o mal-estar psíquico disseminado, a exaustão existencial, a sensação de que a vida acelera enquanto o sentido escapa. Só depois de atravessar esse território — de habitá-lo com seriedade intelectual — será possível perguntar como a Doutrina Espírita compreende o sofrimento. E será nesse percurso, não antes dele, que a esperança aparecerá.

A pergunta orientadora deste trabalho é deliberadamente formulada de modo que não antecipe a resposta: como a codificação kardeciana compreende o sofrimento humano?

Não: o que o Espiritismo oferece ao homem que sofre? A segunda pergunta pressupõe a utilidade da doutrina e dirige a investigação para uma conclusão prévia. A primeira abre espaço para uma hermenêutica genuína. A diferença entre as duas não é retórica — é a diferença entre um pressuposto e uma descoberta.

A tese que emerge do percurso hermenêutico realizado — e que só pode ser

formulada ao final dele, não antes — é a seguinte: a principal contribuição do Espiritismo ao homem contemporâneo não consiste em explicar integralmente o sofrimento humano,

mas em preservar a esperança, a dignidade da existência e a possibilidade permanente de recomeço. Essa tese não foi introduzida como premissa. Ela apareceu como resultado.



Uma das marcas mais reconhecíveis da condição humana contemporânea: o mal-estar psíquico disseminado, a exaustão existencial, a sensação de que a vida acelera enquanto o sentido escapa

CAPÍTULO 1

O SOFRIMENTO HUMANO NA CONTEMPORANEIDADE

Para investigar como o Espiritismo compreende o sofrimento, é necessário primeiro habitar o sofrimento que precisa ser compreendido. Não em abstrato, mas em sua forma contemporânea, específica, historicamente situada.

A Organização Mundial da Saúde registrou, em 2022, um aumento global de aproximadamente 25% nos casos de ansiedade e depressão após o início da pandemia de COVID-19. Esses números iluminam apenas a superfície de um fenômeno mais profundo e de prazo mais longo. A pandemia não criou o sofrimento psíquico contemporâneo — ela o revelou, acelerou e tornou impossível de ignorar. O isolamento social, o luto sem rito, o medo onipresente e a suspensão do futuro imediato funcionaram como amplificadores de uma vulnerabilidade que já estava instalada.

O filósofo Byung-Chul Han descreveu esse fenômeno ao diagnosticar a emergência de uma “sociedade do cansaço”: uma civilização que substituiu a proibição pela exigência ilimitada de desempenho, produzindo indivíduos que adoecem não por excesso de obstáculos externos, mas por excesso de possibilidades internas não realizadas. O sujeito contemporâneo não é oprimido por um outro — ele se oprime a si mesmo. Essa

é uma forma de sofrimento sem rosto, sem inimigo visível, sem narrativa clara de redenção.

O sociólogo Hartmut Rosa identificou na aceleração social um dos motores estruturais desse mal-estar. A aceleração tecnológica transforma os instrumentos; a aceleração do ritmo de vida comprime as experiências; a aceleração das mudanças sociais desestabiliza as identidades. O resultado é uma forma específica de sofrimento: a sensação de correr sem chegar, de viver sem habitar, de existir sem pertencer. A solidão não é ausência de contato — é ausência de ressonância. E a ressonância, para Rosa, é exatamente o que a aceleração destrói.

Viktor Frankl, escrevendo a partir de uma experiência-limite que poucos conheceram com tamanha profundidade, identificou no vazio de sentido a raiz do sofrimento mais grave. Nos campos de concentração, ele observou que aqueles que sobreviviam com maior força interior não eram necessariamente os mais fortes fisicamente — eram aqueles que ainda encontravam, mesmo nas condições mais atrozes, um porquê para viver. O sofrimento físico, por mais intenso que fosse, tornava-se suportável quando acompanhado de sentido; e a ausência de sentido, mesmo sem sofrimento físico aparente, produzia um esvaziamento que se assemelhava à morte em vida.

Essa observação ressoa com parti-

cular força no contexto contemporâneo. O sofrimento psíquico de nosso tempo não é, em sua maior parte, sofrimento de falta material. É sofrimento de falta de sentido. É a depressão do jovem que tem tudo e não sabe por que continuar. É a exaustão do profissional bem-sucedido que não consegue mais sentir prazer em nada. É a angústia de quem olha para sua própria vida e não reconhece nela nenhuma direção que valha a pena percorrer.

Esse sofrimento tem ainda uma dimensão coletiva. A crise das instituições — religiosas, políticas, familiares —, o enfraquecimento dos vínculos comunitários e a substituição da experiência real pela simulação digital produziram um contexto em que o indivíduo se encontra mais nu do que nunca diante das grandes perguntas da existência.

Sem tradições suficientemente robustas para ancorá-lo, sem comunidades suficientemente vivas para acolhê-lo, ele enfrenta sozinho questões que gerações anteriores enfrentavam coletivamente: o que faço com a minha dor? O que significa ter vivido? Existe algo além desta vida?

É diante dessas perguntas — formuladas em sua radicalidade, sem atalhos consoladores prematuros — que a investigação espírita começa. Não para respondê-las de imediato, mas para levá-las a sério o suficiente para que qualquer resposta que surja tenha peso real.

By SBarros, "Hope" (2020), based on FarisMohammed on Unsplash





**A esperança espírita
é cósmica e pessoal ao
mesmo tempo: diz respeito
ao universo em evolução,
mas responde ao nome de
cada um**

By SBarros, 'Hope' (2026), based on Tonmoy Iftekhar - on Unsplash

CAPÍTULO 2

A RESPOSTA ESPÍRITA AO SOFRIMENTO

A Doutrina Espírita não se aproxima do sofrimento como problema a ser eliminado.

Ela o aborda como fenômeno a ser compreendido dentro de um quadro mais amplo de existência, que transcende os limites de uma única vida e de uma única perspectiva tempo-

ral. Essa distinção é fundamental: o Espiritismo não promete a ausência de dor — promete que a dor tem lugar dentro de uma ordem que, ainda que não inteiramente legível ao olhar humano, é governada pela justiça e pela progressão.

O primeiro fundamento dessa compreensão é a imortalidade da alma. Para Kardec, o ser humano não se reduz ao corpo que ocupa por algumas décadas. A alma — o espírito

— preexiste ao nascimento e sobrevive à morte. Esse princípio desloca radicalmente a perspectiva com que se pode olhar para o sofrimento: se a existência não se encerra com a morte física, então o sofrimento presente não é a última palavra sobre nenhuma vida. Ele é, no máximo, um capítulo de uma história muito mais longa.

O segundo fundamento é a pluralidade das existências. *O Livro dos Espíritos* ensina que cada espírito percorre múltiplas existências corpóreas, em condições variadas, como parte de um processo de desenvolvimento moral e intelectual. As circunstâncias de cada vida — a família em que se nasce, as dificuldades que se enfrentam, as capacidades com que se chega ao mundo — não são distribuídas arbitrariamente. Elas refletem o estágio evolutivo do espírito e as provas escolhidas para o seu progresso. O sofrimento adquire, nesse enquadramento, uma dimensão pedagógica: ele não é punição — é escola.

Kardec é explícito sobre a relação entre reencarnação, justiça e esperança: A doutrina da reencarnação (...) é a única que corresponde à ideia que fazemos da Justiça de Deus, com respeito aos homens de formação moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros mediante novas provações. (Kardec 2002, cap. IV, item 17).

A passagem situa a reencarnação não apenas como doutrina cosmológica, mas como resposta ao problema ético do sofrimento — especialmente o sofrimento dos que parecem inocentes, dos que chegam ao mundo já em condição de desvantagem. Para

o Espiritismo, a desproporção aparente entre virtude e sofrimento não revela um universo injusto — revela os limites de uma perspectiva restrita a uma única existência. A ampliação do horizonte temporal dissolve a injustiça aparente sem negar a realidade da dor.

O terceiro fundamento é a Justiça Divina. No pensamento kardeciano, Deus não é um ser caprichoso que distribui sofrimentos aleatoriamente, nem um juiz severo que condena definitivamente. É uma inteligência suprema e bondade infinita que governa a criação segundo leis imutáveis — incluindo a lei do progresso moral. Nenhum espírito é abandonado. Nenhuma vida é desperdiçada. Nenhum sofrimento é inútil — desde que seja aproveitado como aprendizado.

Importa sublinhar que a resposta espírita ao sofrimento não opera pelo mecanismo da explicação total. Kardec não oferece uma chave que decifra cada dor específica, que justifica cada perda, que nomeia a causa exata de cada infortúnio. O Espiritismo oferece um enquadramento — uma cosmologia moral dentro da qual o sofrimento se torna inteligível como fenômeno geral, mesmo quando permanece opaco em seus detalhes individuais. É uma resposta que respeita o mistério sem se render ao absurdo.

Ao situar o sofrimento dentro de uma ordem moral progressiva, o Espiritismo oferece ao indivíduo algo que nenhuma terapia, nenhuma ideologia e nenhuma conquista material pode garantir: a convicção de que sua vida, com tudo que ela contém de dor e de falha, não é arbitrária. Ela tem peso. Ela tem direção. Ela importa.

CAPÍTULO 3

A ESPERANÇA COMO DESCOBERTA

Ao percorrer as interpretações espíritas do sofrimento — a imortalidade da alma, a reencarnação, a justiça divina, o progresso moral —, o investigador se depara com algo que não introduziu: a esperança. Ela não foi colocada ali pelo pesquisador. Ela estava nos textos. Ela emerge, com consistência notável, em passagens de natureza distinta, como se fosse não uma conclusão imposta, mas uma consequência inevitável do próprio pensamento kardeciano.

Esse é o movimento hermenêutico central deste artigo. A esperança não é o ponto de partida — é o ponto de chegada. Um pressuposto é aquilo que se traz para o texto. Uma descoberta é aquilo que o texto revela a quem o lê com honestidade. O próprio Kardec o formula com precisão: “Ao demonstrar a existência e a imortalidade da alma, o Espiritismo reanima a fé no futuro, reergue as coragens abatidas, faz suportar com resignação as dificuldades da vida” (KARDEC, 2018, Conclusão, item III). Trata-se de afirmação conclusiva — a esperança depende do conhecimento, não o precede.

Independentemente da interpretação específica adotada para o sofrimento nos textos espíritas — seja

como expiação de faltas passadas, seja como prova escolhida para o progresso, seja como consequência de leis naturais que o espírito ainda não compreende plenamente —, algo permanece constante ao final de cada caminho interpretativo: a esperança. Esse dado é filosoficamente significativo. Ele indica que a esperança não é uma interpretação entre outras — é o horizonte que sustenta todas as interpretações.

Kardec é preciso ao descrever o estado de espírito do homem que atravessou o sofrimento com fé: “A morte não inspira ao justo nenhum temor, porque, com a fé, ele tem a certeza do futuro; a esperança o faz esperar por uma vida melhor; e a caridade, a cuja lei obedece, lhe dá a segurança de que não encontrará, no mundo em que terá de ir, nenhum ser cujo olhar ele deva temer.” (Kardec 2018, q. 730).

Essa passagem descreve uma estrutura existencial: fé, esperança e caridade não são três sentimentos independentes — são três dimensões de uma mesma orientação do ser no mundo. A fé ancora no que foi conhecido. A esperança abre para o que ainda virá. A caridade realiza no presente. A esperança, nessa estrutura, é a dimensão temporal do amor: ela é o amor projetado para o que ainda não é, mas que será.



**A esperança espírita é,
em última instância, a
recusa de deixar que
a dor presente defina
o horizonte inteiro da
existência**

3.1 — Diálogo filosófico: Bloch, Marcel e Ricoeur

A esperança que emerge dos textos kardecianos encontra interlocutores relevantes na tradição filosófica ocidental — e o confronto com eles ilumina tanto as afinidades quanto a especificidade do pensamento espírita.

Ernst Bloch, em *O Princípio Esperança*, construiu uma enciclopédia dos horizontes utópicos do pensamento humano — dos sonhos diurnos às grandes narrativas políticas e religiosas. Para Bloch, a esperança é o afeto fundamental do ser humano: não mero desejo subjetivo, mas orientação ontológica para o que-ainda-

-não-é. O Espiritismo partilha com Bloch essa abertura para horizontes temporais que transcendem o presente — a vida após a morte como promessa real. Mas diferencia-se ao fundamentar esses horizontes não em projeção utópica coletiva, mas na jornada moral individual de cada espírito. A esperança espírita é cósmica e pessoal ao mesmo tempo: diz respeito ao universo em evolução, mas responde ao nome de cada um.

Gabriel Marcel descreveu a esperança como a luz que penetra nas trevas da existência sem saber para onde conduz — preservando o ser do desespero não pela garantia de uma solução, mas pela recusa de fechar o horizonte. Essa fenomenologia marceliana converge com a postura kardeciana diante do sofrimento inexplicável: o Espiritismo também não promete decifrar cada dor, mas sustenta que o horizonte permanece aberto. A esperança espírita, como a marceliana, não é certeza de resultado — é fidelidade ao futuro diante do mistério.

Paul Ricoeur concebeu a esperança como lógica da superabundância do sentido em oposição à abundância do não-sentido. Onde o niilismo decreta que a existência é absurda, a esperança introduz um excedente de significação que o sofrimento sozinho não consegue eliminar. Essa ideia se alinha com a visão espírita de que a reencarnação e a justiça divina introduzem sentido adicional ao sofrimento, invertendo a lógica do absurdo. Há, porém, uma diferença de ênfase: Ricoeur sublinha a dimensão narrativa da esperança — ela se

constrói nas histórias que contamos sobre nós mesmos — enquanto o Espiritismo enfatiza a responsabilidade moral individual como motor do progresso. Para Kardec, não basta narrar a existência com esperança: é preciso agir em conformidade com ela.

O confronto com esses três pensadores revela que, embora todos admitam que a esperança confere sentido à existência diante do sofrimento, o Espiritismo se distingue ao entrelaçá-la com a noção de evolução moral progressiva e de justiça divina pessoal. A esperança espírita não é apenas projeção, nem apenas presença no mistério, nem apenas narrativa — ela é consequência de uma lei.

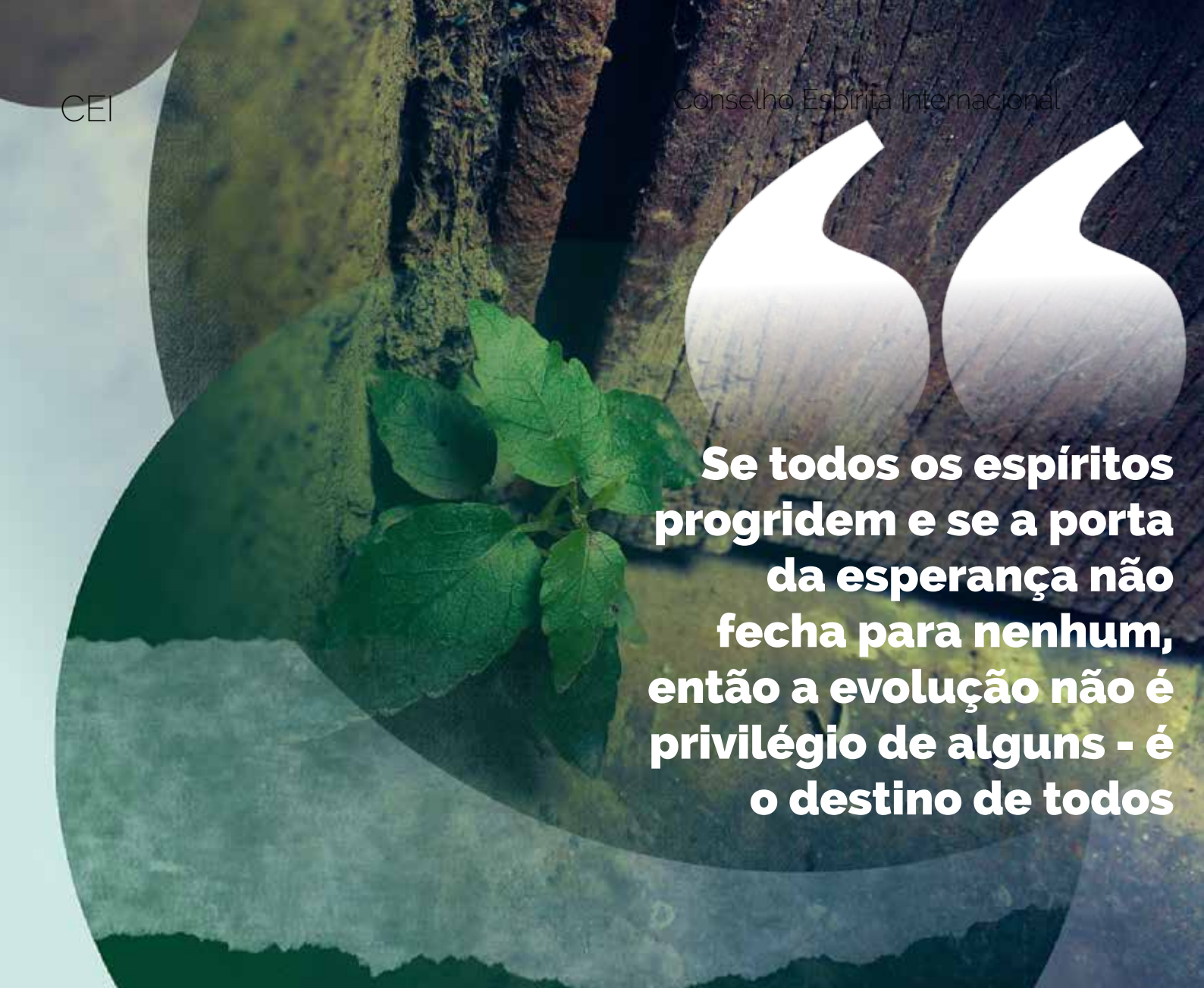
3.2 — Tensões e contrapontos hermenêuticos

Um artigo que não reconhece as tensões internas de sua fonte primária corre o risco de tornar-se apologia. É necessário, portanto, identificar os pontos em que a doutrina espírita sobre o sofrimento pode ser lida de modos distintos — e onde a esperança que ela sustenta enfrenta objeções legítimas.

A primeira tensão é entre esperança e culpa. A lei de causa e efeito, pedra angular da cosmologia espírita, promete que toda consequência tem uma causa moral — incluindo o sofrimento presente. Se levada ao extremo, essa leitura pode converter-se em autoculpabilização: o sofredor que conclui que merece sua dor porque a produziu em vidas anteriores



**A principal contribuição
do Espiritismo ao homem
contemporâneo não
consiste em explicar
integralmente o sofrimento
humano, mas em preservar
a esperança,
a dignidade da existência e
a possibilidade permanente
de **recomeço****



**Se todos os espíritos
progridem e se a porta
da esperança não
fecha para nenhum,
então a evolução não é
privilégio de alguns - é
o destino de todos**

encontra não consolo, mas um peso adicional. Essa distorção tem consequências concretas e verificáveis. No campo da saúde mental, ela pode agravar quadros depressivos ao adicionar à dor já existente a culpa de tê-la gerado. Diante da doença grave — um câncer, uma deficiência congênita —, a interpretação de que o sofrimento é expiação de faltas passadas pode impedir a busca por tratamento ou transformar a resistência à cura em resignação culpada. Diante da pobreza estrutural e da exclusão social, ela pode naturalizar desigualdades históricas ao revestir de linguagem espiritual o que é produ-

to de injustiça política e econômica. Uma hermenêutica responsável dos textos de Kardec precisa distinguir entre a compreensão do sofrimento como parte de um processo justo e a sua instrumentalização como argumento de merecimento. A justiça divina não é a crueldade disfarçada de lógica.

A segunda tensão é entre consolo e resignação. A promessa de conforto espiritual corre o risco de induzir passividade diante de injustiças sociais: se a justiça virá no plano cósmico, por que lutar no presente? Concretamente, isso pode significar aceitar

sem resistência condições de trabalho degradantes, violência doméstica ou discriminação racial — interpretando o sofrimento como “prova necessária” a ser suportada em vez de situação a ser transformada. A esperança, nessa leitura distorcida, converte-se em instrumento de manutenção do *status quo*. *O Evangelho Segundo o Espiritismo* responde a essa objeção ao insistir na caridade ativa — no imperativo ético do cuidado com o próximo — como expressão necessária da fé. A esperança espírita não é quietista; ela age. Mas a tensão permanece legítima como alerta hermenêutico, e qualquer leitura da doutrina que produza passividade diante de sofrimentos evitáveis deve ser interrogada à luz dos próprios textos de Kardec.

A terceira tensão é entre reencarnação e transformação social. A crença em múltiplas vidas pode ser interpretada como adiamento da justiça terrena: a mudança das estruturas sociais como algo que se alcançará apenas em existências vindouras, enfraquecendo o impulso por transformação agora. Pensemos em situações específicas: uma comunidade em situação de vulnerabilidade extrema, uma criança nascida em pobreza severa, um grupo sujeito a discriminação sistemática. Se a explicação espírita do sofrimento for usada para naturalizar essas situações — “é a prova que escolheram” ou “é a expiação necessária” —, ela se torna não apenas teologicamente problemática, mas eticamente perigosa. A hermenêutica kardeciana responsável deve balancear a dimensão cósmica com o imperativo ético presente — reconhecendo que a evolução do espírito se realiza, também e necessariamente, na construção de um mundo mais justo. O progresso espi-

ritual não substitui a responsabilidade histórica; ele a fundamenta.

Reconhecer essas tensões não enfraquece a tese central — ao contrário, a fortalece.

Uma esperança que sobrevive ao exame crítico de suas possíveis distorções tem mais peso intelectual do que uma esperança que nunca foi questionada.

3.3 — A esperança como atitude existencial

A esperança espírita precisa ser claramente distinguida de suas contrafações. Ela não é ingenuidade — a recusa de olhar para a realidade do sofrimento. Não é otimismo fácil — a convicção de que as coisas sempre terminam bem porque sim. Não é fuga — o esforço de não pensar no que dói. Ela é, ao contrário, uma resposta amadurecida pelo percurso do sofrimento. Ela só existe depois da travessia, não antes dela.

Kardec descreve ainda a dimensão da esperança como resistência interior. O homem de bem, diante das contrariedades da vida, não é imune à dor — é capaz de uma relação diferente com ela: “Feliz pelo bem que faz, não há decepções para ele; as contrariedades deslizam sobre sua alma sem deixarem impressão dolorosa.” (Kardec 2018, q. 941).

Não se trata de insensibilidade ao sofrimento. Trata-se de uma relação em que o sofrimento não tem poder de dissolver o sentido da existência, porque esse sentido foi construído sobre fundamentos que o sofrimento não alcança. A esperança espírita é, em última instância, a recusa de deixar que a dor presente defina o horizonte inteiro da existência.



CAPÍTULO 4

REENCARNAÇÃO, DIGNIDADE HUMANA E POSSIBILIDADE DE RECOMEÇO

Nenhum princípio do Espiritismo tem consequências mais profundas para a dignidade humana do que a reencarnação. Afirmar que o espírito reencarna é, simultaneamente, afirmar que nenhum fracasso é definitivo, que nenhuma história está encerrada e que nenhum ser humano — por mais afastado que esteja do bem — está condenado para sempre.

Essa afirmação tem um interlocutor histórico preciso: o dogma do inferno eterno, presente em certas interpretações do Cristianismo, segundo o qual determinadas almas seriam condenadas a sofrimento sem fim e sem possibilidade de redenção. Para o Espiritismo, essa concepção é incompatível com a ideia de um Deus justo e bondoso.

Kardec argumenta que a condenação eterna não é punição — é ab-

surdo. Um Deus que condena eternamente não é infinitamente bom; é infinitamente cruel. E crueldade infinita não é atributo do Criador que o Espiritismo reconhece.

A resposta espírita é a doutrina do progresso contínuo: cada espírito, em seu ritmo, avança. Não há espíritos que não possam progredir — há espíritos que ainda não chegaram ao ponto em que o progresso se torna visível. A diferença é crucial: no primeiro caso, a condição do espírito é uma sentença; no segundo, é um estágio. E estágios, por definição, têm continuidade.

Kardec é direto: "a porta da esperança nunca lhe é fechada para sempre". Essa formulação — resposta à pergunta sobre os destinos dos espíritos mais atrasados — não diz que o progresso é fácil, nem que todos chegam ao mesmo tempo ao mesmo lugar. Diz apenas — e isso é suficiente — que a porta não fecha. Que o caminho permanece aberto.



O sujeito contemporâneo não é oprimido por um outro — ele se oprime a si mesmo. Essa é uma forma de sofrimento sem rosto, sem inimigo visível

By SBarros, "Hope" (2026).

Que o esforço sempre tem para onde ir.

A consequência para a dignidade humana é imediata. Se nenhuma história está encerrada, então nenhum ser humano pode ser descartado — por si mesmo ou pelos outros.

A dignidade não depende do estado atual do espírito, de suas virtudes adquiridas ou de sua posição na hierarquia social. Ela depende do que o espírito é em sua essência: um ser em caminho, dotado da possibilidade real de progredir. Essa possibilidade é irrevogável.

Kardec também observa que a experiência adquirida — mesmo quando tardia, mesmo quando dolorosa — não se perde: "Essa experiência tardia não fica perdida; ele a aproveitará numa nova existência." (Kardec 2018, q. 171).

Essa afirmação tem dimensão consoladora e, ao mesmo tempo, exigente.

Consoladora porque diz que nada é desperdiçado — nenhuma lágrima, nenhum erro, nenhuma lição aprendida na dureza da vida. Exigente porque implica responsabilidade: a existência atual não é ensaio sem consequências — é parte de uma trajetória que se acumula e que, bem ou mal vivida, contribui para o que o espírito será nas existências seguintes.

Há ainda uma dimensão democrática profunda nessa visão. Se todos os espíritos progridem e se a porta da esperança não fecha para nenhum, então a evolução não é privilégio de alguns — é o destino de todos. As desigualdades visíveis no plano material não revelam uma ordem definitiva das coisas — revelam estágios diferentes de um mesmo processo que, em última instância, a todos inclui. Nenhum espírito é estruturalmente inferior — há apenas espíritos em momentos diferentes de uma mesma jornada.



**A sensação de correr
sem chegar,
de viver sem habitar,
de existir sem
pertencer**

CAPÍTULO 5

CARIDADE E ACOLHIMENTO DO SOFRIMENTO

A esperança que emerge do percurso hermenêutico espírita não permanece no plano das ideias. Ela tem consequências práticas — e a mais importante delas, no pensamento kardeciano, é a caridade.

A caridade, para o Espiritismo, não é mero exercício de generosidade individual. É a lei central do universo moral — a expressão prática do amor que, segundo os ensinamentos do Cristo preservados e ampliados pela Doutrina Espírita, governa toda a criação. *O Evangelho Segundo o Espiritismo* designa a fé como “mãe da esperança e da caridade” — indicando que essas virtudes não são independentes, mas brotam de uma mesma raiz de compreensão espiritual. A caridade é a esperança em ação.

Há uma lógica interna nessa relação. Se o sofrimento tem sentido dentro de um processo de progresso espiritual, e se esse processo é compartilhado por todos os seres, então o sofrimento do outro é também parte de uma história que me diz respeito. Não somos almas isoladas em trajetórias separadas — somos espíritos que se encontram, que se afetam,

que se ajudam ou se prejudicam ao longo de múltiplas existências. A solidariedade, nesse quadro, não é opcional: ela é uma implicação da compreensão espírita da realidade.

Kardec descreve o homem de bem não apenas como alguém que suporta as dificuldades da vida com serenidade, mas como aquele que se volta ativamente para o sofrimento do outro: “Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, no fazer ditosos os outros, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que prodigaliza aos aflitos. Seu primeiro impulso é para pensar nos outros, antes de pensar em si [...]. O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus.” (Kardec 2002, cap. XVII, item 3).

Essa passagem revela uma dimensão frequentemente esquecida da caridade espírita: ao acolher o sofrimento do outro, o indivíduo também transforma a maneira como se relaciona com o próprio sofrimento. Não porque o sofrimento desaparece, mas porque a atenção ao outro redimensiona a perspectiva sobre o próprio. A caridade é, simultaneamente, serviço ao próximo e caminho de paz interior.



**Fé, esperança e caridade
não são três sentimentos
independentes — são
três dimensões de uma
mesma orientação do ser
no mundo**

O Evangelho Segundo o Espiritismo amplia essa perspectiva ao descrever o trabalho espiritual como semeadura cujos frutos pertencem a todos: cada ato de amor, cada persistência no bem, cada suor e miséria suportados com fidelidade formam o tesouro coletivo que sustenta a alegria de todos no Reino do Pai. Essa visão transforma radicalmente a relação com o próprio sofrimento: ele não é apenas escola individual — é contribuição para algo maior.

Essa dimensão coletiva da esperança espírita é particularmente relevante para o sofrimento contemporâneo. Num mundo que isola o indivíduo em sua dor, que privatiza o sofrimento e torna cada pessoa a única responsável por sua própria saúde emocional, o Espiritismo propõe uma visão alternativa: sofremos juntos, crescemos juntos, e o bem que cada um faz — incluindo o bem de resistir ao desespero — contribui para a humanidade inteira.

A caridade espírita, assim compreendida, não é apenas assistência material — é acolhimento da totalidade do ser que sofre. É a presença que não foge diante da dor, que não oferece explicações antes de oferecer escuta, que reconhece na pessoa que sofre um irmão de jornada. Essa postura traduz, na prática, a esperança que emergiu do percurso hermenêutico. O homem de bem, no pensamento de Kardec, não espera sozinho: ele espera junto, e ao esperar junto, multiplica a esperança.



**Deus não é um ser
caprichoso que
distribui sofrimentos
aleatoriamente, nem um
juiz severo que condena
definitivamente**

CONCLUSÃO

Este artigo começou pelo sofrimento. Não pela esperança. A distinção não é retórica — é metodológica. Uma investigação que parte da esperança para encontrar a esperança não investiga: confirma. Uma investigação que parte do sofrimento para verificar o que resta quando ele é levado a sério — essa sim pode encontrar algo que valha a pena nomear.

O percurso hermenêutico realizado nas obras de Allan Kardec revelou que a compreensão kardeciana do sofrimento não é superficial. Ela acolhe o sofrimento em sua realidade — não o minimiza, não o estetiza, não o resolve com promessas vazias. Ela o situa dentro de uma cosmologia moral em que cada dor tem peso, cada vida tem valor e cada fracasso tem continuidade. E ao final desse percurso — ao atravessar a imortalidade da alma, a pluralidade das existências, a justiça divina, o progresso espiritual e a possibilidade permanente de recomeço —, o que permaneceu foi a esperança.

A esperança não aparece aqui como ponto de partida da reflexão, mas como aquilo que permanece quando a reflexão alcança seus limites.

Esse é o centro desta conclusão. O Espiritismo não resolveu todos os enigmas do sofrimento humano — Kardec nunca prometeu isso. Há sofrimentos que permanecem opacos, histórias de vida que resistem a qualquer enquadramento explicativo, dores que não se deixam justificar por nenhuma teoria de existências anteriores ou propósitos evolutivos. O Espiritismo reconhece esses limites — e é precisamente nesse reconhecimento que reside parte de sua honestidade intelectual.

Mas o que a doutrina oferece — e o que este artigo buscou demonstrar

— é algo mais específico e mais honesto: uma orientação que preserva a dignidade do ser que sofre e mantém aberto o horizonte do seu futuro. Diante da tentação do desespero, ela não argumenta — ela sustenta. Ela não explica por que você sofre; ela afirma que o seu sofrimento não encerra a sua história.

A esperança que emerge dos textos kardecianos não é a esperança do ingênuo que não conhece a dureza da vida. É a esperança de quem conheceu a dor e, ainda assim, não se rendeu à ideia de que ela tem a última palavra. É a esperança que Frankl identificou nos sobreviventes dos campos de concentração: não uma ilusão, mas uma orientação — a convicção de que há algo à frente que vale a pena alcançar. É a esperança que Marcel descreveu como luz nas trevas que não sabe para onde conduz, mas recusa se apagar. É o excedente de sentido que Ricoeur viu resistir ao absurdo.

E é, antes de tudo, a esperança de Kardec: fundada na imortalidade, sustentada pela justiça, expressa na caridade e aberta ao recomeço permanente. Uma esperança que não descansa no conforto — descansa na convicção de que nenhuma porta fecha para sempre, e de que o esforço de ser melhor nunca é em vão.

A análise realizada sugere que uma das contribuições mais significativas da compreensão kardeciana ao debate contemporâneo sobre o sofrimento é precisamente essa: não a certeza de que o sofrimento terminará amanhã, mas a orientação de que, após a noite mais longa, o sol de uma nova existência voltará a brilhar — para cada ser, sem exceção, sem condenação final. Trata-se de uma resposta que não elimina o mistério, mas recusa abandonar o sofredor dentro dele.

Bibliografia

BLOCH, Ernst. 2005–2006. *O Princípio Esperança*. [Tradução de Nélío Schneider]. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto. 3 v.

FRANKL, Viktor E. 1991. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. [Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline]. Petrópolis: Vozes.

GADAMER, Hans-Georg. 1997. *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. [Tradução de Flávio Paulo Meurer]. Petrópolis: Vozes.

HAN, Byung-Chul. 2015. *Sociedade do cansaço*. [Tradução de Enio Paulo Giachini]. Petrópolis: Vozes.

KARDEC, Allan. 2002. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. [Tradução de Guillon Ribeiro]. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

KARDEC, Allan. 2018. *O Livro dos Espíritos*. [Tradução de Evandro Noleto Bezerra]. Brasília: Federação Espírita Brasileira.

LEWGOY, Bernardo. 2004. *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*. Bauru: Edusc.

MARCEL, Gabriel. 1944. *Homo Viator: prolégomènes à une métaphysique de l'espérance*. Paris: Aubier.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo*. Washington, DC: OPAS/OMS, 2 mar. 2022. [Disponível em: <https://www.paho.org/>. Acesso em: 1 jun. 2026].

RICOEUR, Paul. 1988. *O Conflito das Interpretações: ensaios de hermenêutica*. Tradução de M. F. Sá Correia. Porto: Rés.

ROSA, Hartmut. 2019. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade*. [Tradução de Alexander Hirsch]. São Paulo: Editora Unesp.

STOLL, Sandra J. 2003. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: Edusp; Curitiba: Orion.



**O Espiritismo reanima a
fé no futuro, reergue as
coragens abatidas, faz
suportar com resignação
as dificuldades da vida**

CEI

Conselho Espírita Internacional

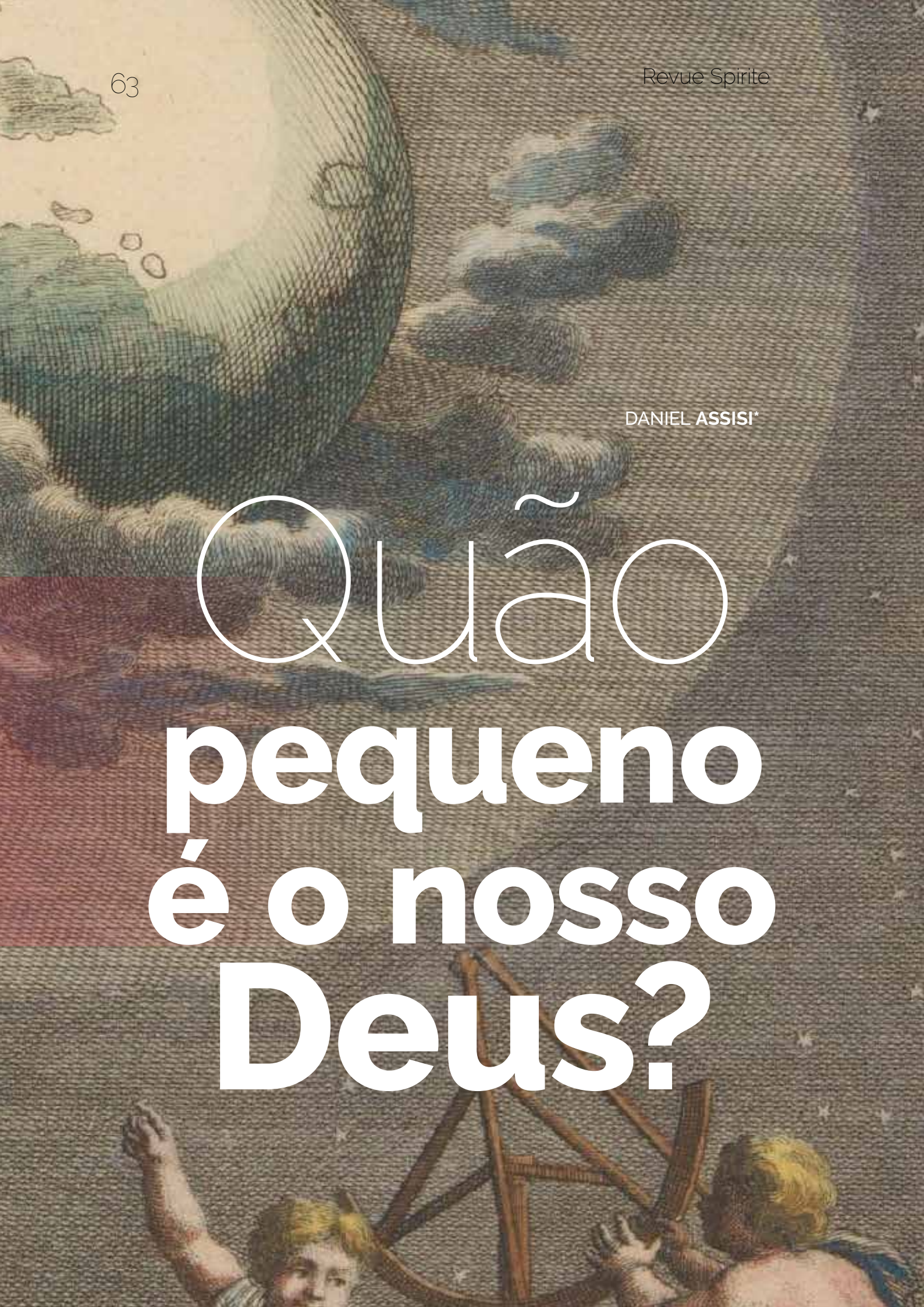
Espiritismo & Religião

By printmaker Johann Georg Pintz. "Planeet aarde en God" (1733) in Rijksmuseum



* Daniel Assisi
The Spiritist Institute.

DANIEL ASSISI*



Quão pequeno é o nosso Deus?



**Seu crime foi insistir que
o universo era infinito,
que continha incontáveis
mundos e incontáveis seres
vivos, e que o Deus que
fora o autor de tal criação
não podia ser reduzido à
teologia pequena**

Resumo

Partindo da execução de Giordano Bruno (1592–1600), este artigo pergunta como nossa concepção de Deus molda nosso comportamento ético. Bruno foi queimado pela Inquisição Romana por insistir num universo infinito e numa pluralidade de mundos habitados — visão que seus algozes não podiam acomodar. Das divindades transacionais da Antiguidade, passando pela ira das Escrituras hebraicas mais antigas, até a expansão do conceito de um Deus de Amor trazida por Jesus e ao convite a crescermos rumo ao divino, o artigo sustenta que o Espiritismo o leva ainda mais longe. Na formulação dos Espíritos organizada por Kardec, Deus é a Inteligência Suprema e Causa Primária — eterno, imutável, soberanamente justo e bom — princípio imanente em cada átomo, incapaz de ser adulado ou barganhado. Dessa forma, a exigência ética torna-se ainda mais importante: o modo como tratamos o próximo revela o Deus em que realmente acreditamos — e responde ao silencioso julgamento de nossas próprias consciências.

Palavras-chave

Deus, Espiritismo, Kardec, Giordano Bruno, ética.



**Giordano Bruno
foi queimado porque
o seu Deus era grande
demais para a teologia
do seu tempo.**

1. Na manhã de 17 de fevereiro de 1600

Na manhã de 17 de fevereiro de 1600, na praça do mercado romana do Campo de' Fiori, um ex-frade dominicano chamado Giordano Bruno foi conduzido à fogueira. Estava nu. Sua língua havia sido atravessada por um pino de madeira cravado no palato, para que não pudesse falar em seus momentos finais. Seu crime não foi a imoralidade nem a violência. Seu crime foi insistir que o universo era infinito, que continha incontáveis mundos e incontáveis seres vivos, e que o Deus que fora o autor de tal criação não podia ser reduzido à teologia pequena e defensiva de seus juízes.

Ele chegara àquela manhã depois de oito anos de prisão. Em maio de 1592, em Veneza, Bruno fora denunciado à Inquisição por seu próprio patrono, Giovanni Mocenigo — um nobre veneziano que o contratara para lhe ensinar a arte da memória e que, insatisfeito com o que aprendera, entregou o próprio mestre. Da cela veneziana, Bruno foi transferido

para Roma no início de 1593. Ali, nos cárceres do Santo Ofício, foi mantido preso, interrogado e reinterrogado durante quase uma década (Rowland 2008).

As proposições que a Inquisição por fim catalogou contra ele leem-se como um inventário de tudo aquilo que a imaginação renascentista havia alcançado e que Roma não podia permitir. Bruno ensinara que o universo era infinito. Ensinara que as estrelas eram outros sóis, e que ao redor delas giravam outros mundos, habitados por outros seres. Ensinara a transmigração das almas — que o espírito não perece com a morte, mas passa por muitos corpos em sua ascensão. Questionara a transubstanciação física da Eucaristia. Questionara as formulações recebidas da Trindade e a virgindade perpétua de Maria (Firpo 1993). Em suma, apresentava uma percepção do universo muito mais ampla e maior do que a que então se sustentava.

Foram-lhe dadas repetidas oportunidades de retratar-se. Ele recusou. Em

20 de janeiro de 1600, no Palazzo Madama, foi pronunciada a sentença de morte. É nesse momento que o principal relato contemporâneo preserva a frase pela qual ele é mais lembrado: "*Maiori forsan cum timore sententiam in me fertis quam ego accipiam*" — "Talvez pronuncieis esta sentença contra mim com medo maior do que aquele com que eu a recebo" (Firpo 1993).

Tal era o impacto que essas novas ideias e crenças tinham sobre ele.

Foi devolvido à prisão por quase um mês e, na manhã de 17 de fevereiro, foi conduzido da Torre di Nona pelas ruas de Roma até o Campo de' Fiori. Talvez validando o medo que seus acusadores tinham de suas ideias, uma mordaca lhe foi colocada para impedi-lo de se dirigir à multidão. Foi amarrado à estaca. Quando o fogo foi aceso, o relato da testemunha ocular registra que ele se recusou, uma última vez, a olhar para o crucifixo erguido diante dele (Rowland 2008) — crucifixo que simbolizava o status quo da religião.

Bruno não foi queimado por estar errado. Foi queimado por fazer a pergunta que todo aprendiz honesto precisa um dia fazer — a pergunta que nós também estamos fazendo: **quão pequeno é o nosso Deus?**

Responder à pergunta sobre o tamanho de Deus em nossos corações e mentes é, em última análise, ganhar clareza sobre como nos comportamos — e sobre como podemos agir daqui em diante.

2. A história de um deus pequeno

Durante a maior parte da história humana, o nosso deus tem sido notavelmente pequeno. Gregos e romanos da antiguidade mantinham uma divindade para cada apetite: Marte para a guerra, Afrodite para o amor, Mercúrio para o comércio. O deus que servisse ao momento recebia a prece, o incenso, o sacrifício. Era uma religião transacional: favor por favor, oferenda por resultado. Os próprios deuses eram mesquinhos, ciumentos, facilmente adulados — porque assim eram os humanos que os imaginavam. E, por mais distantes que nos imaginemos daquele mundo, ainda voltamos a ele com mais frequência do que gostamos de admitir. Ainda barganhemos. Ainda acendemos uma vela quando precisamos de algo, e esquecemos o altar quando a necessidade passa.

O Deus das Escrituras hebraicas, nas passagens mais antigas, é maior — mas ainda frequentemente vinculado a um povo, a uma terra, a uma aliança. Em algumas passagens, Ele faz chover fogo, afoga exércitos, endurece corações, executa vinganças (ver, p. ex., Êxodo 14:26–28; Deuteronômio 20:16–17). É um Deus cujo amor é real, mas cuja ira é mais fácil de invocar. E esse, também, é o deus que muitos ainda buscam quando querem que a própria raiva pareça justa — o deus do inimigo destruído, do muro erguido, da porta fechada. É um deus pequeno — o deus do "nós" contra "eles". Não porque as Escrituras sejam pequenas, mas porque





**Deus não é um
magistrado ampliado,
mas a inteligência
ordenadora de um
universo infinito**



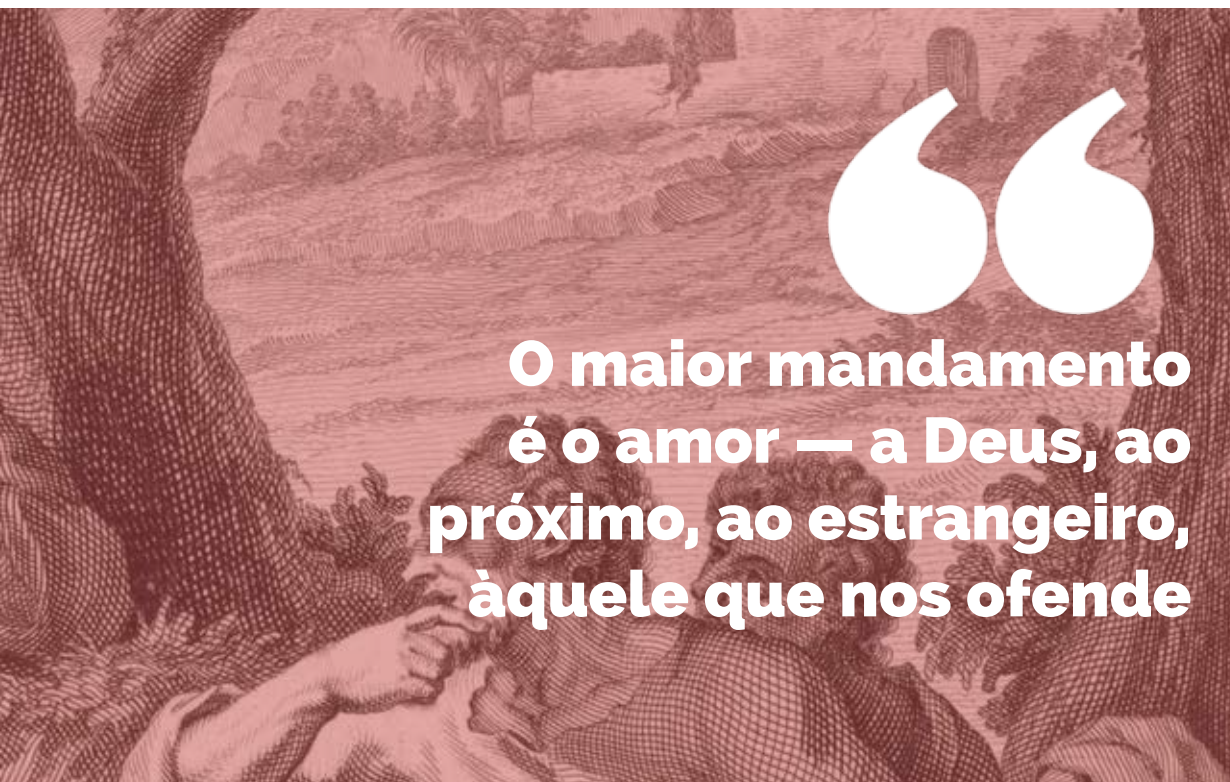
com muita frequência confundimos o registro dos primeiros balbucios da humanidade rumo ao divino com a palavra final.

Então veio Jesus de Nazaré, que passou seu ministério tentando alargar o quadro, e uma mudança fundamental aconteceu. Ele ensinou que Deus não é um contador, mas um Pai. Não um estrategista da vingança, mas a fonte de um amor tão extravagante que abraça até os nossos inimigos. Disse que o maior mandamento é o amor — a Deus, ao próximo, ao estrangeiro, àquele que nos ofende (Mateus 22:37–39). E, de modo ainda mais escandaloso: “Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste” (Mateus 5:44–45). Foi um escândalo em seu tempo. Em muitos sentidos, ainda é um escândalo no nosso.

Ele também foi mais longe do que a maioria de seus ouvintes estava pronta a segui-lo. Respondendo aos

que o acusavam de blasfêmia, citou o Salmo 82:6: “Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Sois deuses?” (João 10:34). Ele não estava reivindicando igualdade entre nós e o Divino — estava lembrando a quem o ouve que a própria Escritura retrata o ser humano como capaz de participar da natureza divina, como convidado a crescer em direção a ela. O chamado era, e continua sendo, viver de tal maneira que nossas vidas se tornem a resposta visível ao que dizemos acreditar sobre Deus. A perfeição não é um estado que herdamos, mas uma direção em que caminhamos, uma interação de cada vez (Kardec 1864, cap. XVII).

O Espiritismo, chegando séculos mais tarde, ilumina o caminho para levar essa expansão um passo adiante. Na formulação dos Espíritos que Allan Kardec nos traz, Deus não é um governante humano ampliado, sentado num trono. Deus é “a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas” (Kardec 1857, q. 1) — princípio



**O maior mandamento
é o amor — a Deus, ao
próximo, ao estrangeiro,
àquele que nos ofende**

By printmaker: Joseph Mulder "Sermon on the Mount" (1720 - 1728) in Rijksmuseum.

imane em cada átomo e em cada espírito, soberano em justiça e amor, incapaz de ser adulado, barganhado ou manipulado. Deus não precisa de nossos sacrifícios. Deus não requer apaziguamento. O que Deus nos deu foi a certeza de um universo de leis — de causa e efeito, de consequência moral, de retorno e reparação — por meio do qual nossos espíritos crescem ao longo de muitas vidas. A própria reencarnação é uma dessas leis: um ato de paciência infinita de um Deus infinito, disposto a nos dar quantas oportunidades forem necessárias para nos tornarmos quem estamos destinados a ser (Kardec 1857, q. 166–222).

Esse é um Deus muito maior do que aquele que aceitava a oferenda no altar, ou aquele que era invocado para conquistar uma cidade, ou mesmo aquele que habitava um único templo. Ou, em termos mais modernos, aquele que vence eleições ou torce por um time. E precisamente porque

esse Deus é tão maior, a exigência ética torna-se tão mais aguda.

Assim, a pergunta que fazemos não é abstrata. Não é uma questão de teologia ou de filosofia. É uma questão de comportamento. **Em que Deus nós de fato acreditamos?** No deus pequeno e transacional da nossa conveniência, invocado quando convém e esquecido quando não convém? No deus vingativo que citamos para justificar a nossa raiva? Ou no Deus de Amor que Jesus ensinou e que o Espiritismo alarga numa inteligência infinita, paciente e ordenadora, que nos pede que amemos como fomos amados?

Giordano Bruno ficou de pé diante de seus juizes com um pino atravessado na língua porque o seu Deus era grande demais para a teologia deles. A pergunta para nós — para nossas famílias, nossas comunidades, nossa conduta diária — é se o nosso Deus é grande o bastante para mudar o modo como vivemos

3. Como o Espiritismo vê um Deus maior

Kardec abre *O Livro dos Espíritos* com a pergunta mais simples e mais audaciosa da literatura religiosa: *Que é Deus?* A resposta dada é igualmente simples, e desmonta toda tentativa de encolher o divino à escala humana: “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas” (Kardec 1857, q. 1). Não uma pessoa. Não um governante. Não um apetite entre apetites. Deus é o próprio princípio pelo qual qualquer coisa chega a existir.

Os Espíritos são mais específicos sobre como é essa Inteligência Suprema. Perguntados sobre os atributos de Deus, a resposta dada é que Deus é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom (Kardec 1857, q. 13). Cada atributo, levado a sério, desmonta uma concepção menor. *Eterno*: não a divindade de uma estação ou de uma guerra. *Imutável*: não um deus que se pode irritar até a vingança e acalmar com uma oferenda. *Imaterial*: não um ser humano ampliado sobre um trono. *Único*: não um apetite dentro de um panteão. *Todo-poderoso*: não um patrono tribal competindo com o líder do povo vizinho. *Soberanamente justo e bom*: não um relativista moral a ser adulado, nem um contador com quem se barganha. O panteão de Marte e Afrodite falha em quase todos os quesitos; a divindade nacional colérica falha na maioria. Só uma concepção deste tamanho pode ser a Causa Primária de tudo o que existe.

Conceber Deus desse modo é aceitar duas coisas que a religião transacional não consegue sustentar jun-

tas. Primeira: que Deus está além de nós — e, portanto, inteiramente fora do alcance de nossas barganhas. Segunda: que Deus está em nós — imanente em cada átomo e em cada espírito consciente — e, portanto, nunca ausente, nunca alhures, nunca condicionando sua presença à nossa próxima oferenda.

A partir dessa concepção maior, três conceitos que o Espiritismo sustenta com serena convicção tornam-se não apenas aceitáveis, mas óbvios.

O primeiro é a **reencarnação**. Numa teologia pequena, uma só vida basta — para a recompensa, para a punição, para o julgamento final. É uma perspectiva distintamente humana (e, portanto, limitante). Na concepção mais ampla, nenhuma vida isolada jamais poderia ser a história inteira. (Que história pobre e pequena ela seria!) O espírito progride através de muitas existências porque o universo moral não é um tribunal, mas uma escola (Kardec 1857, q. 166–222). Deus nos dá quantas oportunidades precisarmos, não porque Deus seja leniente, mas porque Deus é paciente — e a paciência infinita só é possível a um Ser infinito, para quem o tempo não tem a mesma importância que tem para nós, e que é sinônimo de amor.

O segundo é a **pluralidade dos mundos habitados**. Os ensinamentos que Kardec nos traz mostram que a vida não é um acidente único num único planeta, mas uma lei universal que se expressa em incontáveis mundos, em incontáveis estágios de desenvolvimento (Kardec 1864, cap. III). Não se trata de “alienígenas”, mas de espíritos como nós, apenas em geografias diferentes. Era isso que Bru-



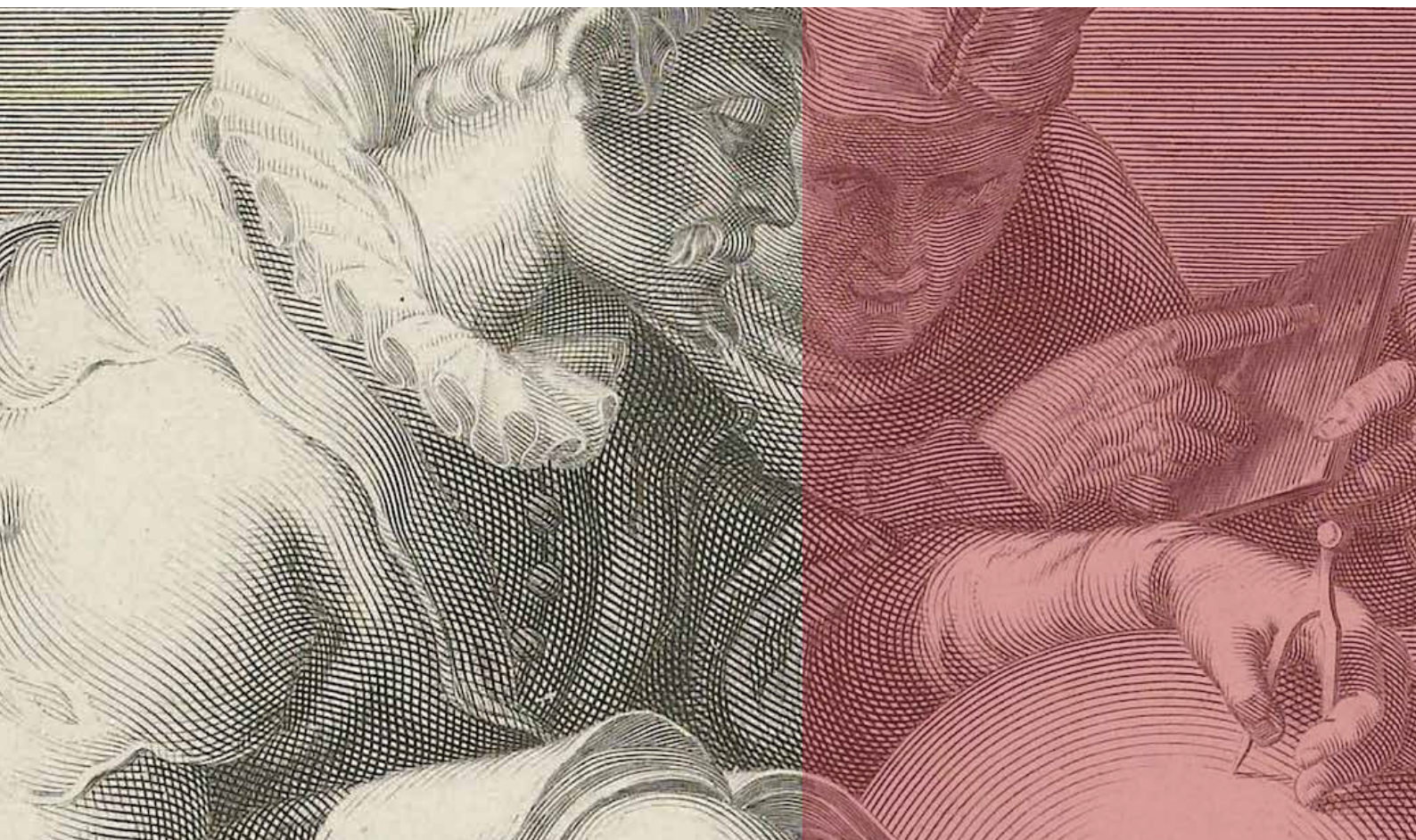
**O chamado era, e
continua sendo, viver
de tal maneira que
nossas vidas se tornem
a resposta visível ao que
dizemos acreditar sobre
Deus**

By Camille Flammarion, illustration of the book "Les terres du ciel" - detail, (Vue de Jupiter, notre Terre n'est qu'un minuscule point noir devant le Soleil) (1884)

no havia morrido defendendo dois séculos e meio antes — um cosmos incomensuravelmente maior do que a teologia de seus algozes podia permitir. A Igreja que queimou Bruno por imaginar outros mundos agora, passados quatrocentos anos, discute discretamente se poderemos encontrá-los. O Espiritismo sempre presumiu que sim.

O terceiro é **a lei moral como física do universo**. O Deus que Kardec nos apresenta não intervém para recompensar ou punir como faz um magis-

trado. Deus é autor de leis — morais, espirituais, causais — que operam com a mesma confiabilidade das leis da matéria. O que semeamos, colhemos; o que devemos, pagamos; o que amamos, nos tornamos. Não há exceção, não há isenção, não há favor garantido. Isso é severo — e é a mais profunda misericórdia, porque significa que nenhuma injustiça fica para sempre sem resposta e que nenhuma alma é permanentemente abandonada. É coerência numa escala muito mais grandiosa.



4. O Deus em que de fato acreditamos

Em última análise, crenças valem pouco. Aquilo em que *de fato* acreditamos revela-se no modo como nos comportamos quando Deus não está, por assim dizer, olhando. Sejamos honestos, então, sobre os deuses que ainda buscamos.

Ainda buscamos o deus transacional. Oramos quando precisamos de algo e esquecemos quando não precisamos. Damos quando somos notados e calculamos o retorno. Falamos de entrega e queremos dizer 'negociação'. É o deus do antigo mercado, vestido com roupas modernas — Marte para a promoção de que precisamos no trabalho, Afrodite para o relacionamento que não conseguimos consertar, Mercúrio para o

negócio que estamos tentando fechar. O deus que serve ao momento recebe a prece. Quando o momento passa, passa também a piedade. Estamos atentos a esses momentos em nossas vidas?

Ainda buscamos o deus vingativo. Quando alguém nos ofende, queremos que o universo o puna, e chamamos esse clamor por punição de uma prece. Quando a nossa tribo é ameaçada, procuramos na escritura a justificativa para o muro. Quando a nossa raiva precisa de cobertura, nós a revestimos de retidão. O deus que afoga exércitos é conveniente porque transforma os nossos piores impulsos em santos. Conseguimos identificar essas tendências limitantes em nós mesmos quando elas ocorrem?



**Deus está além de
nós — e, portanto,
inteiramente fora do
alcance de nossas
barganhas**

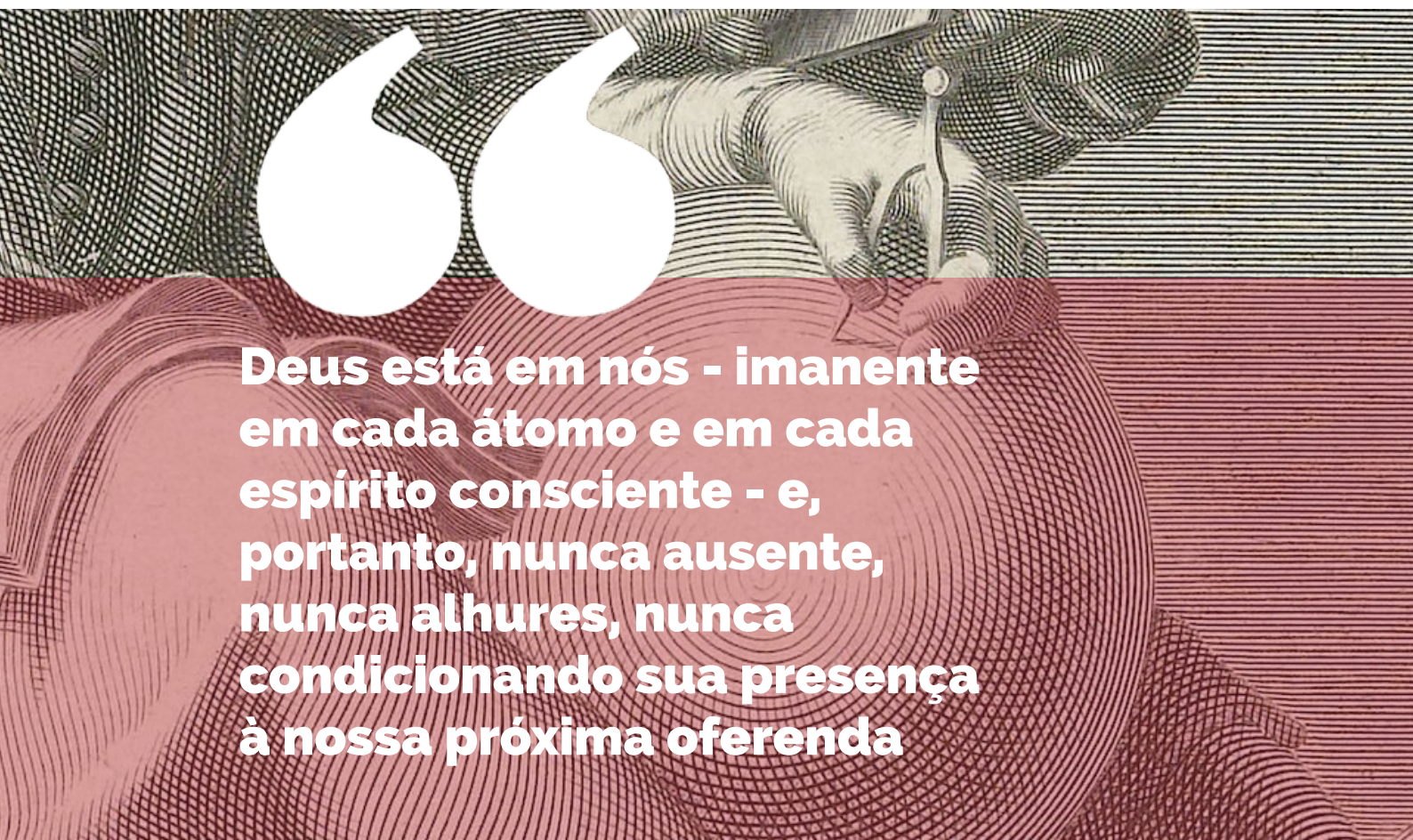
By printmaker - Henricus Wilhelmus, "Mercury as god of the arts", detail, (1829 - 1845) in Rijksmuseum.

E estamos começando a buscar — às vezes, imperfeitamente — o Deus de Amor. O Deus do Sermão da Montanha de Jesus, que "faz nascer o seu sol sobre maus e bons" (Mateus 5:45) e que nos manda amar até os que nos maldizem. Essa é a expansão, e ela não vem facilmente. Precisa ser praticada. Cada vez que o escolhemos, crescemos. Celebramos quando o fazemos?

O Espiritismo eleva a importância dessa escolha. É por isso que investir tempo em refletir sobre Deus é tão importante. Se Deus não é um magistrado ampliado, mas a inteligência ordenadora de um universo infinito, então não há onde nos escondermos do que fazemos. Não porque Deus esteja vigiando no pequeno sentido antropomórfico, mas porque a lei moral está presente em cada ato, re-

gistrando em silêncio, reequilibrando pacientemente ao longo de nossas vidas. Não há oferenda que compense uma falta de bondade. Não há ritual que apague um dano ainda não reparado. A única moeda nessa economia é *o modo como tratamos uns aos outros*. Porque *o modo como tratamos uns aos outros* é o que nós mesmos somos.

Kardec formula o ponto com força lapidar: "Fora da caridade não há salvação" (Kardec 1857, q. 886). Não fora da doutrina. Não fora do ritual. Não fora da tribo ou da denominação. Fora da caridade — do amor ativo e encarnado a favor do ser humano à nossa frente — não há caminho para Deus. Porque Deus é amor, e crescer em direção a Deus é crescer em amor.



**Deus está em nós - imanente
em cada átomo e em cada
espírito consciente - e,
portanto, nunca ausente,
nunca alhures, nunca
condicionando sua presença
à nossa próxima oferenda**

By printmaker - Henricus Wilhelmus, "Mercury as god of the arts", detail, (1829 - 1845) in Rijksmuseum.

5. A expansão é algo prático

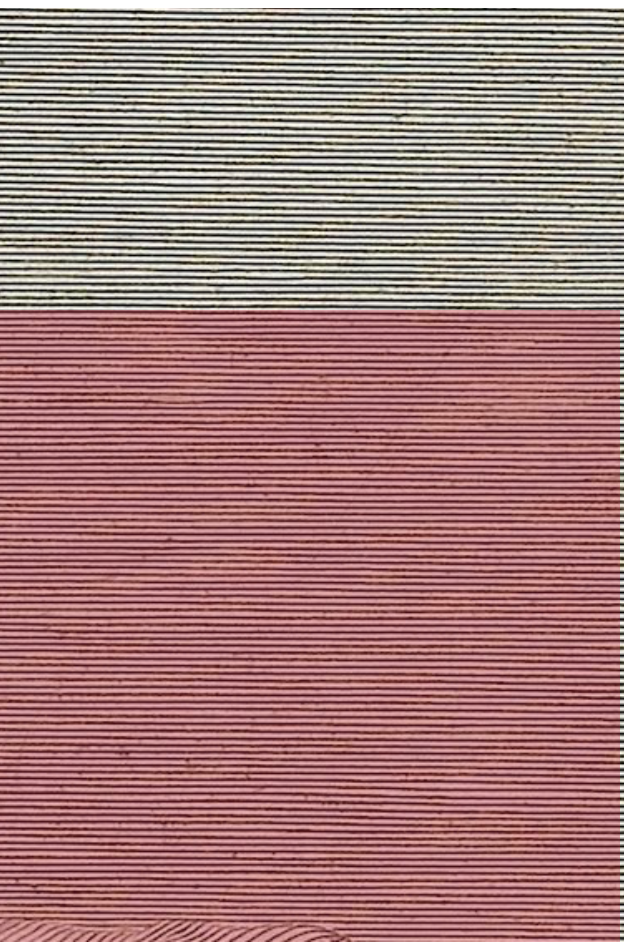
Um argumento central que fazemos é este: se tudo isso permanecer meramente teológico, perdemos o essencial. A expansão do conceito de Deus só tem sentido na medida em que modifica o nosso comportamento. O convite é concreto e diário — como é o amor de Deus por nós.

O Espírito Joanna de Ângelis põe esse alargamento em termos simples: "Vinculando todos os seres sencientes, o amor expande-se na direção de todas as coisas, mesmo as inertes, ensejando alegria de viver e razões para lutar" (Ângelis 2007). O alargamento não é uma metáfora. É uma descrição do que o amor faz quando é real. É o nosso destino.

Então, reconsideremos o caixa da loja

que foi lento esta manhã. Reconsideremos o vizinho cujas posições políticas não suportamos. Reconsideremos o familiar que já descartamos. Reconsideremos o estranho que pede algo na esquina. Reconsideremos o colega que nos prejudicou no ano passado. Reconsideremos a nós mesmos — a pessoa que não temos estado dispostos a perdoar.

Cada um desses é o lugar onde a nossa teologia se torna visível. Cada um desses é o lugar onde o Deus em que dizemos acreditar nos engrandece ou nos encolhe. Se dizemos acreditar no Deus de Amor e, em seguida, tratamos a pessoa difícil à nossa frente como indigna da nossa atenção, não acreditamos de fato no que dizemos. Acreditamos num deus menor — provavelmente num dos



transacionais ou dos vingativos — e apenas tomamos emprestada a linguagem do Amor.

O caminho espírita não é apenas um caminho filosófico. É um caminho de transformação ética, realizada uma interação de cada vez. O Deus que o Espiritismo nos mostra não pode ser adulado, barganhado ou recrutado para a nossa vingança. O que se pode fazer com esse Deus é *alinhar-se* a Ele. E o alinhamento não é um estado; é uma prática. É o que acontece quando aproveitamos a oportunidade de ser mais gentis do que o necessário, mais pacientes do que nos sentíamos, mais dispostos a perdoar do que se devia. É o que acontece quando alargamos os nossos próprios corações à medida do Deus em que dizemos acreditar.

6. A pergunta que permanece

Giordano Bruno foi queimado porque o seu Deus era grande demais para a teologia do seu tempo. O nosso teste é mais silencioso, mas não menor. Ninguém virá atrás de nós com uma tocha. Mas a mesma pergunta paira sobre cada dia de nossas vidas: ***Quão pequeno é o nosso Deus?***

E, atrás dela, a pergunta que talvez nos seja mais difícil encarar:

Quão pequenos estamos dispostos a permanecer?

A boa nova do Espiritismo — a razão pela qual o Deus maior que Kardec nos traz não é, afinal, um fardo, mas uma libertação — é que não estamos presos às concepções que nos trouxeram até aqui. Temos mais vidas. Temos mais oportunidades. O universo é paciente conosco porque é amoroso, e é amoroso porque é ordenado por uma inteligência muito mais vasta do que podemos imaginar. Cada um de nós é convidado, em cada interação de cada dia, a crescer rumo a essa vastidão — um ato de caridade, uma recusa de vingança, uma prece honesta de alinhamento de cada vez.

É isso que significa aproximar-se de Deus. Não encolher Deus ao nosso tamanho, mas permitir que o Deus que já é infinito nos engrandeça. Quão afortunados somos nós, no Espiritismo, por termos tantas fontes de sabedoria que nos expõem a esse modo de pensar mais vasto e revolucionário de que Bruno falou e do qual Jesus foi o apogeu?



**O universo é paciente
conosco porque é
amoroso, e é amoroso
porque é ordenado
por uma inteligência
muito mais vasta do que
podemos imaginar**



O que semeamos, colhemos;
o que devemos, pagamos;
o que amamos, nos
tornamos.

7. O nosso próprio julgamento de consciência

Giordano Bruno caminhou da Torre di Nona ao Campo de' Fiori numa manhã de fevereiro sabendo precisamente o que havia escolhido. Respondera a seus algozes sem tremor porque o seu Deus não era o Deus dos seus juízes. Ele vira o quadro maior e, tendo-o visto, não podia mais deixar de vê-lo. O medo deles não era o seu medo.

Não estamos diante de uma Inquisição. Nenhum tribunal exigirá a nossa retratação. Mas cada um de nós — precisamente porque recebemos a concepção espírita de Deus e sabemos agora o que um Deus maior nos pede — está diante de um julgamento de consciência que é seu. É mais silencioso. Não tem fumaça nem multidão. Mas decide-se na mesma forma: se estamos dispostos a viver como se o Deus em que dizemos acreditar fosse real.

Bruno compreendeu o seu julgamento. Compreendemos nós o nosso?

Referências

Nota. As citações às obras de Kardec remetem aos números canônicos de perguntas ou capítulos, que são estáveis entre edições e traduções, e não à paginação de qualquer edição isolada.

ÂNGELIS, Joanna de. 2007. "A Grandeza do Amor." Psicografia de Divaldo Pereira Franco na reunião mediúnica de 12 de novembro de 2007, no Centro Espírita Caminho da Redenção, Salvador, Bahia.

BÍBLIA SAGRADA. 1993. [Tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada]. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.

BRUNO, Giordano. 1584. *De l'infinito, universo e mondi*. Londres.

FIRPO, Luigi, ed. 1993. *Il processo di Giordano Bruno*. Edição de Diego Quaglioni. Roma: Salerno Editrice.

KARDEC, Allan. 1857. *Le Livre des Esprits*. Paris: E. Dentu. Edição em português: *O Livro dos Espíritos*, [Tradução de Guillon Ribeiro]. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 1864. *L'Évangile selon le Spiritisme*. Paris: Bureau de la Revue Spirite. Edição em português: *O Evangelho segundo o Espiritismo*, [Tradução de Guillon Ribeiro]. Brasília: FEB.

ROWLAND, Ingrid D. 2008. *Giordano Bruno: Philosopher/ Heretic*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux.

By printmaker: Dirck Volckertsz. Coornhert, Haarlem, "Self-knowledge inspires the conscience with horror", (1550), in Rijksmuseum.





**Sabemos agora
o que um Deus maior
nos pede - está diante
de um julgamento de
consciência que é seu.
É mais silencioso**



Revisitando

**Escolhos dos médiuns
ou a mediunidade e o
aperfeiçoamento moral:**

uma análise dos
escolhos dos médiuns

RICARDO FARIA TOMÁSIO*



Revista Espírita



* **Ricardo Faria Tomásio** Colaborador da AECV –
Associação Espírita Consolação e Vida de Águeda,
Portugal



**O Espiritismo ergue
a reforma íntima
como um imperativo
categórico e urgente
para todos os que
desejam trilhar a senda
das comunicações
mediúnicas sérias**

Resumo

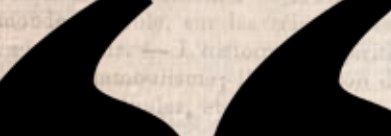
O presente artigo analisa o texto publicado na *Revista Espírita* de fevereiro de 1859 – *Escolhos dos Médiuns* – aborda o exercício da mediunidade, e de que forma esta constitui um desafio moral de profunda relevância na prática espírita, uma vez que a faculdade, por si só, não assegura a aproximação a Deus. Conforme sublinha Allan Kardec, a pureza de intenções, a modéstia e o desinteresse são os únicos elementos capazes de transformar este intercâmbio num verdadeiro ato de adoração e de prática do bem. Afastando-se dos perigos gerados pelo orgulho e pelos riscos inerentes à adoração excessiva do médium, o verdadeiro intermediário deve alicerçar a sua conduta na reforma íntima e no rigoroso discernimento da razão.

Palavras-chave: Mediunidade; Moral, Orgulho, Adoração, Reforma íntima.

JOURNAL

D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

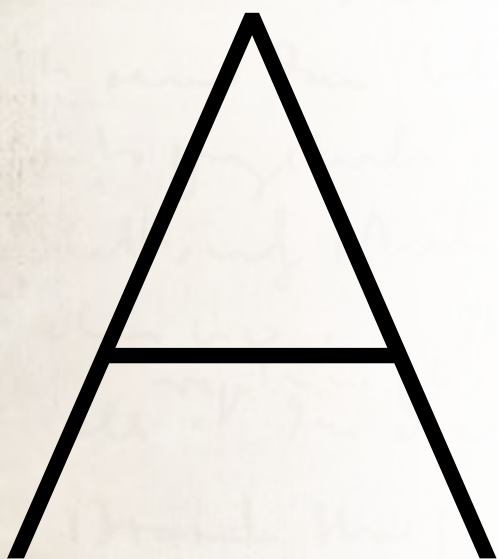
“



**A prática da
mediunidade, no
contexto da Doutrina
Espírita, encerra um
chamamento profundo
à transformação moral**

9 A313

BUREAU RUE DES MARTYRS. 3



prática da mediunidade, no contexto da Doutrina Espírita, encerra um chamamento profundo à transformação moral e à vivência da caridade cristã. O artigo "Escolhos dos Médiuns", publicado na *Revista Espírita*, constitui um dos textos mais lúcidos e assertivos, sem desprimor de qualquer outro texto publicado por Kardec, sobre as exigências e os perigos inerentes à faculdade mediúnica¹. Nele, e em consonância com

as obras basilares do Espiritismo, estabelece-se o princípio de que a mediunidade, por si só, não aproxima o homem de Deus, sendo o mérito dependente do uso que dela se faz.

Kardec começa no seu artigo por explicar a natureza da mediunidade e a pureza de intenções, referindo que a mediunidade é uma faculdade multiforme, que apresenta uma variedade infinita de matizes nos seus meios e efeitos². Por ser inerente a uma disposição orgânica, qualquer ser humano pode ser dotado desta faculdade, da mesma forma que possui a capacidade de ver, de ouvir ou de falar.

O facto de a mediunidade ser concedida tanto a pessoas estimáveis quanto a indivíduos de moralidade duvidosa demonstra que Deus a outorga com o fito de trazer a luz a todas as camadas da sociedade, e para fortificar uns no bem e corrigir os viciosos³. Muitas vezes, a faculdade é dada em alto grau a pessoas viciosas justamente com o objetivo de as ajudar a corrigir-se, visto que os doentes são os que mais necessitam de médico⁴. Assim, a posse da faculdade mediúnica não é, em caso algum, um atestado de elevação espiritual, mas uma ferramenta de trabalho cujo mérito reside na aptidão para atrair as boas entidades.

1. Cf. Kardec, "Escolhos dos Médiuns", 52.

2. Idem.

3. Cf. Kardec, "O Evangelho Segundo o Espiritismo", 296

4. Cf. Kardec, "Sobre os Médiuns", 266..

O verdadeiro mérito do médium não reside na facilidade com que obtém comunicações, mas unicamente na sua aptidão para receber apenas boas mensagens, o que exige um estado moral elevado⁵. O médium perfeito seria aquele que não desse nenhum acesso aos Espíritos maus por falha alguma, mas, como a perfeição absoluta não é alcançável de imediato, os Espíritos valorizam sobretudo os esforços, a vontade e a perseverança no bem. É com base no que é anteriormente referido que o bom médium reconhece-se pelas suas obras, ou seja, por comunicações constantemente elevadas e de incontestável moralidade, que atestam a sua afinidade com os bons Espíritos⁶.

Mas como é referido no artigo, não sendo a perfeição absoluta de imediato alcançável, apresenta-se o Orgulho como um dos grandes perigos da Prática Mediúnica. Se a pureza de intenções é o escudo do médium, o orgulho é a sua maior vulnerabilidade. Kardec adverte que, de todas as imperfeições morais, a que oferece maior fragilidade face aos Espíritos imperfeitos é o orgulho, sendo este um escolho tanto mais perigoso quanto menos os indivíduos estão dispostos a confessá-lo⁷.

Os Espíritos mistificadores e malfazejos, conhecendo as fraquezas humanas, exploram o amor-próprio do médium, lisonjeando-o, prometendo-lhe um futuro brilhante, honra e fortuna, e adornando-se com nomes veneráveis para captar a sua confiança. Alimentado por esta adulação, o orgulho desenvolve-se à medida que a faculdade cresce, levando o médium a julgar-se indispensável e a assumir ares de auto-suficiência e de desdém que são incompatíveis com a verdadeira influência dos bons Espíritos⁸.

Esta confiança cega nas próprias comunicações é o primeiro passo para a fascinação, uma forma grave de obsessão que paralisa o raciocínio do médium. O médium fascinado não acredita que o estejam a enganar; a ilusão criada pelo Espírito hipócrita fâ-lo considerar sublimes as expressões mais ridículas ou absurdas. Sob esta influência, o Espírito conduz a sua vítima como faria a um cego, levando-a a aceitar as teorias mais falsas como se fossem a única expressão da verdade e expondo o médium a situações comprometedoras e perigosas.

5. Cf. Kardec, "Escolhos dos Médiuns", 52.

6. Idem, 55.

7. Ibidem, 57.

8. Ibidem, 58.



**A mediunidade,
por si só, não
aproxima o homem de
Deus, sendo o mérito
dependente do uso
que dela se faz**



**A mediunidade
é uma faculdade
multiforme, que
apresenta uma
variedade infinita
de matizes nos seus
meios e efeitos**

Um traço característico do médium orgulhoso e fascinado é a sua rejeição a qualquer crítica. Toma aversão àqueles que não partilham da sua admiração e afasta-se de amigos e de pessoas ponderadas que lhe poderiam abrir os olhos. Todo o médium que se melindra com a análise crítica dos seus textos faz-se eco do Espírito que o domina, provando a natureza inferior da entidade que o assiste⁹. O médium seguro e modesto, por outro lado, aceita a crítica, não se julga infalível e agradece os conselhos, compreendendo que não é imune à mistificação¹⁰.

Mas os desafios não são só com o campo dos desencarnados, o risco da Adoração do Médium é altamente presente e evidente. O perigo do orgulho é frequentemente exacerbado pelo meio social em que o médium se insere. Kardec alerta para o risco da idolatria e da adoração do médium por parte dos crentes e curiosos. Quando um médium revela faculdades notáveis, é frequentemente procurado, gabado e adulado pelas pessoas que o rodeiam. Esta exaltação social é uma prova terrível, pois acaba por fazê-lo julgar-se indispensável, caso não seja essencialmente simples e modesto¹¹.

A fascinação coletiva ou a complacência de um grupo para com os ditados de um médium específico pode conduzir à fundação de grupos isolados, baseados na pretensão de deter o privilégio da verdade¹². Kardec enfatiza que a verdade não é privilégio de nenhum indivíduo ou grupo isolado; quando uma verdade tem de ser revelada, é instantaneamente comunicada a todos os grupos sérios que dispõem de bons¹³. Portanto, qualquer grupo ou médium que se julgue o único canal legítimo de um Espírito encontra-se indubitavelmente sob o império de uma obsessão bem caracterizada¹⁴.

O Espírito Joana d'Arc exorta os médiuns a acautelarem-se contra as felicitações dos homens, sublinhando que tais encômios levam ao esquecimento da incapacidade primitiva do médium. Quando o médium se apropria do mérito daquilo que não lhe pertence e começa a crer-se superior, os bons Espíritos abandonam-no, deixando-o à mercê de entidades embusteiras, até que Deus o puna, retirando-lhe uma faculdade que lhe seria fatal se continuasse a ser desviada¹⁵. A mensagem é clara: o médium é um simples instrumento do grande Criador, e render glória a si mesmo pela obra dos Espíritos é um ato que demonstra incompreensão e vaidade¹⁶.

9.. Cf. Kardec, "O Livro dos Médiuns", 356.

10. Idem, 281.

11. Cf. Kardec, "Os Médiuns", 124.

12. Cf. Kardec, "O Livro dos Médiuns", 561.

13. Cf. Kardec, "O Evangelho Segundo o Espiritismo", 275

14. Cf. Kardec, "O Livro dos Médiuns", 561.

15. Cf. Kardec, "Os Médiuns", 242..

16. Cf. Kardec, "Sobre a Inveja nos Médiuns", 196.

Se o orgulho e a adulação destroem a faculdade mediúnica, o exercício da mesma, quando alicerçado na caridade, no desinteresse e na modéstia, eleva a mediunidade à categoria de missão sagrada.

Kardec afirma que a mediunidade é uma coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente¹⁷. Os médiuns são os intérpretes incumbidos de transmitir aos homens os ensinamentos divinos para os reconduzir à senda do bem. O bom uso desta faculdade é um imperativo. Se a empregam por divertimento e distração, os médiuns cometem um ato que a própria consciência profligaria como sacrílego¹⁸.

O desinteresse absoluto, tanto campo material quanto moral, é a primeira condição para atrair a benevolência dos bons Espíritos¹⁹. Na obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Kardec recorda o ensinamento do Cristo: "Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes". Fazer da mediunidade uma profissão é transformar uma faculdade fugidia numa fonte incerta de receitas, e é explorar as almas dos mortos a troco de moeda²⁰. A gratuidade da prática mediúnica é a maior e mais eficaz garantia contra o charlatanismo e a fraude²¹.

O próprio ato de curar, na chamada mediunidade curadora, ilustra esta exigência de pureza:

- O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; não tem o direito de vendê-lo²²;
- Para transmitir o fluido regenerador dos bons Espíritos, o médium curador deve elevar a sua alma a Deus, reconhecer que por si mesmo nada pode, e fazer um ato de humildade e abnegação²³;
- A prece constante, ditada por um real sentimento de benevolência e de caridade, é essencial para obter o concurso dos Espíritos superiores²⁴.

17. Cf. Kardec, "O Evangelho Segundo o Espiritismo", 309

18. Idem, 335

19. Cf. Kardec, "O Livro dos Médiuns", 308...

20. Cf. Kardec, "O Evangelho Segundo o Espiritismo", 308

21. Cf. Kardec, "O Livro dos Médiuns", 484..

22. Cf. Kardec, "O Evangelho Segundo o Espiritismo", 309.

23. Cf. Kardec, "Médiuns Curadores", 22.

24. Idem, 24.



**Sendo a mediunidade
uma aptidão neutra e
orgânica, o seu valor
reside inteiramente
no norte moral que a
orienta**



O verdadeiro mérito do médium não reside na facilidade com que obtém comunicações, mas unicamente na sua aptidão para receber apenas boas mensagens, o que exige um estado moral elevado

O exame minucioso dos escolhos que circundam a faculdade mediúnica evidencia que a mediunidade, por si só, é destituída de poder para aproximar o homem de Deus ou para lhe garantir a salvação espiritual. Sendo uma aptidão neutra e orgânica, o seu valor reside inteiramente no norte moral que a orienta. A pureza de intenções, a modéstia e o desinteresse absoluto constituem os pilares fundamentais sobre os quais se ergue o verdadeiro apostolado mediúnico, convertendo uma faculdade passível de desvios num instrumento sublime de consolação, esclarecimento e progresso para a humanidade.

O orgulho e a vaidade, potencializados pelo risco gravíssimo da adoração ao médium, surge como o maior inimigo da Doutrina Espírita, abrindo as comportas da alma à mistificação e à fascinação pelos Espíritos inferiores. Diante de tão severas advertências, o Espiritismo ergue a reforma íntima como um imperativo categórico e urgente para todos os que desejam trilhar a senda das comunicações sérias. Só através do combate sem tréguas às próprias imperfeições, da submissão humilde às leis divinas e do exercício do bem pelo bem, pode o médium cumprir com dignidade o mandato moral que lhe foi confiado, transformando a sua faculdade num farol de luz que glorifica o Criador e serve fielmente à causa da regeneração humana.



**Se a pureza de
intenções é o escudo
do médium, o
orgulho é a sua maior
vulnerabilidade**



Kardec
ênfatiza que a
verdade não é
privilégio de
nenhum indivíduo
ou grupo isolado

Bibliografia

KARDEC, Allan. 2013. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 2003. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB.

KARDEC, Allan. 2004/2005. "O Espiritismo Diante da História e da Igreja". *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*. [Tradução de Evandro Noleto Bezerra]. Brasília: FEB. [Ano XI, N. 1 (Jan. 1868): 20-35].

KARDEC, Allan. 2004/2005. "Escolhos dos Médiuns". *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*. [Tradução de Evandro Noleto Bezerra]. Brasília: FEB. [Ano II, N. 2 (Fev. 1859): 52-60].

KARDEC, Allan. 2004/2005. "Médiuns Curadores". *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*. [Tradução de Evandro Noleto Bezerra]. Brasília: FEB. [Ano VII, N. 1 (Jan. 1864): 19-25].

KARDEC, Allan. 2004/2005. "Os Médiuns". *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*. [Tradução de Evandro Noleto Bezerra]. Brasília: FEB. [Ano III, N. 5 (Maio 1860): 241-242].

KARDEC, Allan. 2004/2005. "Sobre a Inveja nos Médiuns". *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*. [Tradução de Evandro Noleto Bezerra]. Brasília: FEB. [Ano IV, N. 4 (Abril 1861): 190-192].

CEI

Conselho Espírita Internacional

Geração **Nova**

by Christina Matvilikty on Unsplash

Influencers do bem:

O papel da família e do
evangelizador/educador
espírita junto às novas gerações

Autoria institucional



Área de Infância, Juventude e Família
do CEI - AIJF/CEI

Redação



Mirella Campos

Integrante da Comissão da Área de
Infância, Juventude e Família do CEI



Tatiana Barros

Coordenadora do Comitê de
Evangelização Infantojuvenil do
Conselho Espírita Canadense,
Colaboradora do Allan Kardec
Vancouver Society - Canadá.



Miriam Dusi

Diretora da Federação Espírita
Brasileira (FEB), coordenadora nacional
da Área da Infância e Juventude do
Conselho Federativo Nacional da FEB
e coordenadora da Área de Infância,
Juventude e Família do CEI - Brasil.





**A convivência
humana constitui,
essencialmente, um
contínuo processo de
influências
recíprocas**



**Allan Kardec confere à
educação posição de
destaque na obra da
regeneração
humana**

Resumo

O artigo discute o conceito de “Influencers do Bem” à luz da Doutrina Espírita, destacando que a verdadeira influência não depende da popularidade nas redes sociais, mas da autoridade moral construída pelo exemplo. Fundamentado nos ensinamentos de Jesus e nas obras de Allan Kardec, enfatiza que a família e os evangelizadores/educadores espíritas desempenham papel essencial na formação moral de crianças e jovens, promovendo valores como amor, respeito, discernimento, fraternidade e responsabilidade. O texto ressalta que a educação acontece principalmente pela convivência, pelo diálogo e pela coerência entre palavras e ações, fortalecendo a fé raciocinada e a capacidade de escolhas conscientes diante das influências contemporâneas. A Evangelização/Educação Espírita complementa a missão educativa da família, preparando as novas gerações para se tornarem agentes do bem em seus diversos ambientes. Conclui que influenciar para a eternidade significa semear exemplos de amor e paz, contribuindo para o progresso espiritual e a construção de uma sociedade mais fraterna.

Palavras-chave: influência moral, família, Evangelização/Educação Espírita, evolução espiritual, novas gerações.

*"Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens,
para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a
vosso Pai, que está nos céus."*

(Mateus 5:16.)

I – Contextualizando...

Vivemos em uma época em que a palavra *influencer* passou a integrar naturalmente o vocabulário cotidiano. Crianças, jovens e adultos acompanham pessoas que, por meio das redes sociais, compartilham opiniões, hábitos, valores e estilos de vida, influenciando comportamentos, escolhas e formas de pensar. Em poucos instantes, uma mensagem pode alcançar milhares de pessoas, despertar admiração, moldar decisões e exercer significativo impacto sobre a sociedade.

Embora esse fenômeno seja característico do mundo contemporâneo, a influência entre os seres é tão antiga quanto a própria humanidade. Muito antes do advento da internet e das plataformas digitais, a Doutrina Espírita já esclarecia que vivemos em permanente intercâmbio de influên-

cias, conforme exposto na questão 459 de *O Livro dos Espíritos*¹:

"Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?"

A resposta é tão concisa quanto reveladora:

"Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto que, de ordinário, são eles que vos dirigem."

A reflexão espírita amplia, assim, o significado contemporâneo da palavra *influencer*. Influenciar não depende da quantidade de seguidores, da popularidade alcançada ou da repercussão de uma publicação. Todo Espírito influencia e, ao mesmo tempo, é influenciado por pensamentos, sentimentos, palavras e exemplos nos diferentes contextos de vida. A convivência humana constitui, essencialmente, um contínuo processo de influências recíprocas.

1. KARDEC,
"O Livro dos
Espíritos",
questão 459.



Deus colocou o filho sob a tutela dos pais para que estes o dirijam pela senda do bem

Sob tal perspectiva, emerge a questão fundamental: que espécie de influência estamos oferecendo nas relações que estabelecemos ao longo da existência?

Essa indagação adquire especial relevância quando dirigida às novas gerações. A infância e a juventude representam etapas educacionais privilegiadas do Espírito imortal, essenciais ao processo de autoaperfeiçoamento. Embora cada criança traga consigo o patrimônio de múltiplas experiências reencarnatórias, esse período favorece o fortalecimento de virtudes e o redirecionamento de tendências com vistas ao contínuo alinhamento à Lei Divina.

É precisamente por essa razão que Allan Kardec confere à educação posição de destaque na obra da regeneração humana. Ao perguntar se a paternidade pode ser considerada

uma missão, recebe dos Espíritos Superiores uma resposta cuja atualidade permanece incontestável:

“É, sem contestação possível, uma verdadeira missão. É ao mesmo tempo grandíssimo dever e envolve, mais do que o homem pensa, a sua responsabilidade quanto ao futuro. Deus colocou o filho sob a tutela dos pais para que estes o dirijam pela senda do bem [...]” (Kardec 2013, q. 582).

Mais do que assegurar o desenvolvimento físico e intelectual dos filhos, compete à família cooperar com a Providência Divina por meio da formação moral do Espírito imortal, visto que educar é favorecer o despertar da consciência, auxiliando o reencarnante a reconhecer, desenvolver e consolidar os valores que o aproximam do bem.

Essa elevada missão da família conta, ainda, com a preciosa colaboração da Evangelização/Educação Espírita, que constitui fértil campo educativo para os espíritos recém-chegados à experiência reencarnatória. Família e Casa Espírita, nas respectivas esferas de atuação, unem esforços para favorecer o desenvolvimento integral da criança e do jovem, fortalecendo a fé raciocinada, os vínculos fraternos e o compromisso com a própria transformação moral, por meio do exemplo.

E foi exatamente esse o método adotado por Jesus. Ao ser definido como o “tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo”², Jesus não apenas ensinou o amor, mas viveu-o em plenitude; não apenas falou sobre misericórdia, mas acolheu os sofredores; não apenas recomendou o perdão, mas perdoou. Sua autoridade não procedia da eloquência das palavras, mas da perfeita harmonia entre aquilo que ensinava e aquilo que realizava, convidando Seus discípulos à irradiação do bem por meio do testemunho. O próprio Sermão do Monte representou um campo legítimo de influência pela vivência plena da Lei de Amor, afirmando Jesus:

“Vós sois a luz do mundo... Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens...” (Mateus 5:14-16.)

Essa distinção mostra-se fundamental: a cultura contemporânea frequentemente associa influência à visibilidade; o Evangelho, ao contrário, identifica a verdadeira influência com a autoridade moral. O brilho a que se refere o Cristo não é o da popularidade efêmera, mas o da consciência iluminada pelo amor e pela fidelidade à Lei de Deus.

Essa compreensão conduz, naturalmente, à missão confiada à família e ao evangelizador/educador espírita, visto que crianças e jovens aprendem, antes de tudo, pela convivência, por meio da qual observam atitudes, percebem sentimentos, assimilam valores e constroem referências, muito antes de compreenderem plenamente os discursos que ouvem. O exemplo vivido permanece, por essa razão, como a mais profunda e eficaz forma de educação.

Visto que as influências também decorrem das afinidades estabelecidas com os Espíritos desencarnados, compatíveis com suas inclinações elevadas ou inferiores, compreende-se que educar implica, igualmente, criar condições para que crianças e jovens aprendam a cultivar boas companhias, leituras edificantes, sentimentos nobres e hábitos saudáveis, fortalecendo sua sintonia com os Benfeitores Espirituais. A formação moral não se limita, assim, ao conhecimento das verdades espirituais, visto requerer um ambiente de afeto, diálogo, oração e estudo que favoreça escolhas cada vez mais conscientes.

Nesse cenário, as redes sociais representam uma das múltiplas formas pelas quais as influências se manifestam na sociedade, ampliando o alcance da comunicação, mas sem alterar a lei espiritual que rege a afinidade entre os seres. A tecnologia multiplica vozes que ressoam externamente; a autoridade moral, contudo, prossegue edificada pelo caráter nos investimentos internos da alma, selecionando as vozes externas a partir do senso crítico e dos valores morais que o inspiram.

2. Idem,
questão
625.

“

**O brilho a que se
refere o Cristo não
é o da popularidade
efêmera, mas o
da consciência
iluminada pelo
amor**



Pequenas atitudes cotidianas podem tornar-se grandes inspirações: respeitar as diferenças, agir com honestidade, utilizar a tecnologia com responsabilidade

À luz da Doutrina Espírita, o cenário atual representa um chamado à responsabilidade. O progresso intelectual, expressão da Lei do Progresso, constitui conquista legítima da Humanidade; entretanto, sua contribuição depende do uso moral que se faz dos recursos disponíveis. Assim também ocorre com as redes sociais, que podem tanto favorecer a difusão do conhecimento e da solidariedade quanto estimular a superficialidade, a intolerância e a valorização de padrões incompatíveis com a busca evolutiva do Espírito imortal. Se, por um lado, as tecnologias ampliaram as possibilidades de acesso às informações, por outro tornaram mais desafiador o exercício do discernimento, razão pela qual a qualidade da influência decorrerá da base moral de quem as utiliza.

Ser um **Influencer do Bem** implica, dessa forma, deixar marcas transformadoras de amor, esperança e fraternidade na vida daqueles que a Providência Divina colocou ao nosso lado na jornada da vida. Os exemplos e as relações constituem referências afetivas e aprendizados balizadores de futuras decisões. Essa é a missão que se apresenta, de maneira especial, à família e ao evangelizador/educador espírita: colaborar para que as crianças e jovens encontrem nos ensinamentos de amor, justiça, caridade, humildade, perdão, dentre outros valores exemplificados por Jesus, a referência segura para suas escolhas, seus relacionamentos e seus projetos de vida.

A relevância desse assunto foi tema de uma série de *lives* realizadas no corrente ano pela Área de Infância, Juventude e Família do Conselho Espírita Internacional (AIJF/CEI), na qual companheiros dedicados à divulgação do Espiritismo e com ampla experiência na ação evangelizadora espírita se reuniram para dialogar sobre o tema "*Influencers do Bem: O Papel da Família e do Evangelizador/Educador Espírita Junto às Novas Gerações*". As *lives* objetivaram promover momentos de diálogo e reflexão acerca da responsabilidade de pais, familiares e evangelizadores/educadores como influenciadores do bem, do amor e da paz, por meio do investimento no desenvolvimento intelectual-moral das crianças e jovens, com vistas ao seu processo de autoiluminação. Realizadas nos idiomas espanhol, inglês, italiano e português, as *lives* proporcionaram oportunas reflexões sobre o assunto, abordadas à luz do Espiritismo e sob a perspectiva do espírito imortal, e estão disponíveis no canal do youtube do CEI.

Considerando os desafios contemporâneos enfrentados por crianças e jovens, bem como os apelos das redes sociais para o irrestrito e incerto "consumo de conteúdos", necessárias reflexões e ações emergem junto às famílias e evangelizadores/educadores espíritas, a fim de que possam se posicionar como efetivos *influencers do bem* - por excelência - na jornada evolutiva das almas não por acaso unidas para a vivência reencarnatória.



Live - Português: <https://www.youtube.com/watch?v=jOuf3CfvqLI>



Live - Inglês: <https://www.youtube.com/watch?v=Nmqh3zsEmes>



Live - Espanhol: <https://www.youtube.com/watch?v=JGySTxUrZ6o>



Live - Italiano: <https://www.youtube.com/watch?v=wZQXbKthYbM>

II – As influências do mundo contemporâneo e a missão educativa da família

Considerando que a convivência humana constitui permanente intercâmbio de influências, cabe-nos uma reflexão essencial: quais referências têm orientado a formação moral das novas gerações?

Cientes de que os valores cultivados orientam nossas escolhas, compreende-se a relevante missão educativa da família, inspirada no ensinamento de Jesus: “Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (Mateus 6:21.).

Na perspectiva espírita, o lar é a primeira e mais importante escola de educação do Espírito imortal. Nele, a criança aprende valores fundamentais por meio da convivência, desenvolvendo amor, respeito, responsabilidade, dentre outros valores essenciais ao autoaprimoramento.

Nesse cenário, as atitudes, vivências e convivências em família assumem maior impacto do que seus próprios discursos. A honestidade, o respeito, o perdão e a solidariedade são aprendidos nas relações vivenciadas, nos diálogos proporcionados e nas reflexões compartilhadas, exigindo consciência, responsabilidade, sensibilidade e presença. Visto que todos os membros do núcleo familiar são espíritos em processo de aperfeiçoamento, tal responsabilidade não exige perfeição, mas sincero compromisso com o próprio aprimoramento espiritual, valorizando acertos e acolhendo equívocos com

humildade e perseverança, como passos no caminho da reforma íntima, transformando o lar em ambiente de aprendizado mútuo.

Mediante as influências diversas do mundo “de fora”, tais referências e valores do mundo “de dentro” contribuirão para o exercício do discernimento e da fé raciocinada, favorecendo o desenvolvimento de uma consciência capaz de examinar criticamente ideias e escolhas, em consonância com a orientação do apóstolo Paulo: “Examinai tudo. Retende o bem” (1 Tessalonicenses 5:21.).

Nesse sentido, mais importante do que controlar todas as influências externas – por vezes desafiadoras e sutis – faz-se relevante fortalecer a capacidade interior de discernimento, a fim de que as escolhas sejam orientadas pelos valores do Evangelho e pelo ideal do crescimento espiritual. Destacam-se, nesse processo, o Evangelho no Lar, o diálogo empático e a presença afetiva como importantes caminhos para a formação de uma consciência moral capaz de acompanhar crianças e jovens em todos os ambientes, fortalecendo-os para exercerem, com responsabilidade e consciência, seus papéis na sociedade.

A partir da sublime missão da família, torna-se natural a ação complementar da Casa Espírita, onde a atividade da Evangelização/Educação Espírita amplia e fortalece os valores semeados no ambiente familiar, constituindo uma especial parceria na formação moral das novas gerações.



**O exemplo vivido
permanece, como
a mais profunda
e eficaz forma de
educação**



**Autoridade moral,
edificada pelo caráter nos
investimentos internos
da alma, selecionando
as vozes externas a partir
do senso crítico e dos
valores morais que o
inspiram**

III – Jesus, o maior Influencer do Bem: a tarefa do evangelizador/educador espírita

Se a família constitui o primeiro núcleo de educação do Espírito reencarnado, a Evangelização/Educação Espírita representa relevante parceria para a formação integral da criança e do jovem. Enquanto a família oferece os primeiros referenciais afetivos e morais, a atividade de Evangelização/Educação Espírita aprofunda o estudo e a prática da Doutrina Espírita, fortalece a convivência fraterna e amplia a consciência da imortalidade da alma, unindo esforços em favor do progresso espiritual de todos os envolvidos.

Nesse contexto, o principal instrumento do evangelizador/educador espírita, para além do conhecimento doutrinário, é a própria vida, reconhecendo-a em constante aprimoramento pelos esforços de autossuperação: "Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas más inclinações"³.

A autoridade do evangelizador/educador espírita nasce, assim, da coerência entre conhecimentos, sentimentos e atitudes, e do esforço sincero em vivenciar as mensagens abordadas nos encontros proporcionados nos Centros Espíritas. A serenidade, o acolhimento, o diálogo, a sensibilidade, a humildade em reconhecer os próprios equívocos, a perseverança no bem, dentre outros valores, constituem investimentos diários com vistas ao contínuo aprimoramento espiritual. A tarefa da Evangelização/Educação Espírita, dessa forma, não exige igualmente a perfeição moral, mas sinceridade de propósitos, humildade para aprender

e perseverança no esforço do bem.

Podemos identificar em Jesus o modelo dessa pedagogia de amor: conhecendo as limitações de Seus discípulos, jamais os humilhava para corrigir, tampouco recorria ao temor para convencer. Evitava respostas prontas, conduzindo Seus interlocutores à reflexão e ao exercício consciente do livre-arbítrio, e educava com paciência, confiança e amor, despertando-lhes gradualmente as potencialidades espirituais.

Tais condutas inspiram os evangelizadores/educadores espíritas, convidando-os a – enquanto *influencers do bem* – promoverem o discernimento, a sensibilidade moral e a autonomia das crianças e dos jovens, respeitando as singularidades espirituais e investindo continuamente em suas potencialidades.

Tal responsabilidade requer permanente investimento na própria formação, ampliando a compreensão e contextualização às realidades das novas gerações. O estudo do Espiritismo, o aprofundamento do Evangelho de Jesus, o aperfeiçoamento pedagógico e o cultivo da vida espiritual constituem aspectos inseparáveis da tarefa educativa, reconhecendo, em cada encontro de Evangelização, feliz oportunidade de aprendizado recíproco.

Sob essa perspectiva, a tarefa da Evangelização/Educação Espírita não consiste apenas em proteger crianças e jovens das influências incompatíveis com o bem, mas em prepará-los para que se tornem – eles próprios – promotores da paz, da fraternidade, da esperança e da vivência cristã, em conformidade com a mensagem de Jesus: "Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo" (Mateus 5:13-14.).

3. Kardec, "O Evangelho segundo o Espiritismo", Cap. XVII, item 4.



A reflexão espírita amplia, assim, o significado contemporâneo da palavra influencer. Influenciar não depende da quantidade de seguidores, da popularidade alcançada ou da repercussão de uma publicação

Assim como o sal preserva e a luz ilumina, a criança e o jovem representam potenciais irradiadores do amor e do bem nos diferentes ambientes de convivência que participam. Nesse contexto, pequenas atitudes cotidianas podem tornar-se grandes inspirações: respeitar as diferenças, agir com honestidade, utilizar a tecnologia com responsabilidade, acolher quem sofre e servir ao próximo podem tornar as crianças e jovens, mesmo sem perceberem, verdadeiros influenciadores do bem.

Eis o objetivo maior da Evangelização/Educação Espírita: proporcionar a vivência do amor a Deus, ao próximo e a si mesmo, e investir na formação de pessoas de bem, colaborando com a coconstrução da paz.

É nessa síntese que família e evangelizador/educador espírita se encontram, unidos pelo mesmo ideal e chamados a exercerem profunda e duradoura influência nas almas: a vivência plena do amor, do bem e da paz, comprometida com a edificação do Reino de Deus na mente, no coração e nas mãos das novas gerações.

IV – Influenciar para a eternidade

A sociedade contemporânea valoriza intensamente a capacidade de influenciar, frequentemente medida pelo número de seguidores, visualizações ou alcance das publicações. À luz do Espiritismo, porém, a influência verdadeiramente relevante não é a que alcança multidões, mas a que transforma consciências.

As tecnologias ampliaram os meios de comunicação, porém a lei espiritual que rege as relações humanas permanece inalterável: continuamos influenciando e sendo influenciados por pensamentos, sentimentos, palavras e exemplos, conectados por vínculos de afeto e confiança.

Ser um *Influencer do Bem* não significa, assim, conquistar notoriedade e visibilidade exterior, mas conectar-se efetiva, afetiva e autenticamente com a transformação interior, ultrapassando os limites temporais da própria existência física. Nesse sentido, famílias e evangelizadores/educadores espíritas influenciam vidas para além da temporalidade corpórea, assumindo-se como co-

“

Ser um
Influencer do Bem
implica deixar marcas
transformadoras de
amor, esperança e
fraternidade

laboradores de Deus no contínuo aperfeiçoamento dos Espíritos imortais, atualmente na roupagem de crianças e jovens, cujas conquistas morais os acompanharão ao longo de sucessivas reencarnações.

Nem sempre visíveis, as sementes de consciência brotam silenciosamente nos solos dos corações, caracterizando, a educação, sublime forma de semear e influenciar para o bem. Diante dos desafios atuais, essa confiança torna-se indispensável, em consonância com a mensagem do apóstolo Paulo: “E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos [...]” (Gálatas 6:9.).

Família e Casa Espírita são chamadas, assim, a atuarem em harmonia, perseverando e confiando na colheita farta que coroará os esforços empreendidos. É da renovação íntima que surgem os verdadeiros *Influencers do Bem*: espíritos imortais em processo de aperfeiçoamento, sinceramente comprometidos com sua melhoria moral, que reconhecem os próprios equívocos, recomeçam com humildade e procuram viver a mensagem de amor em sua expressão mais autêntica.

Ao concluir estas reflexões, retornemos às palavras de Jesus: “Assim

brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus” (Mateus 5:16.). Brilhar, na perspectiva do Evangelho, não significa buscar reconhecimento humano, mas tornar-se instrumento da luz divina, iluminando os caminhos da Terra para o bem. Essa é a influência que permanece, que não depende de algoritmos nem se mede por estatísticas, visto que acompanha o Espírito além da existência corporal por fundamentar-se na Lei de Amor.

Que cada família e cada evangelizador/educador espírita possa, diariamente, perguntar a si mesmo: que influência estou deixando na vida daqueles que Deus confiou ao meu convívio? Visto que todos influenciaremos – com maior ou menor impacto – os espíritos que conosco compartilham a experiência reencarnatória, a verdadeira atenção consiste em decidir se nossas palavras, atitudes e exemplos conduzirão aos valores transitórios e materialistas da vida presente ou aos valores imperecíveis e espirituais da eternidade.

Que Jesus, nosso Mestre e Maior *Influencer do Bem* da Humanidade, os inspire nos caminhos de paz, da alegria e do amor junto às novas gerações!



10 características de um verdadeiro Influencer do Bem

À luz do Espiritismo, pais, familiares, evangelizadores e educadores tornam-se verdadeiros Influencers do Bem quando buscam:

1. Ter Jesus como Modelo e Guia de seus pensamentos, sentimentos e ações (*O Livro dos Espíritos*, q. 625);
2. Esforçar-se pela vivência do bem, buscando permanente coerência entre palavra e exemplo;
3. Cultivar a própria reforma íntima, conscientes de que educar também é evangelizar-se (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 4);
4. Exercer a autoridade com amor, empatia, respeito e equilíbrio;
5. Educar para o discernimento, fortalecendo o exercício responsável do livre-arbítrio e da fé raciocinada;
6. Valorizar a presença, a escuta e o diálogo como instrumentos de formação moral;
7. Praticar a misericórdia e o perdão, inspirando acolhimento e compreensão;
8. Semear esperança, ajudando crianças e jovens a reconhecerem sua condição de Espíritos imortais em aprimoramento;
9. Confiar no tempo da sementeira, perseverando no “plantio das boas sementes”;
10. Viver com gratidão e alegria, confiando e investindo nas potencialidades do ser em desenvolvimento.

Dicas Úteis!

Para se tornar um influencer do bem:

- Não espere os LIKES do mundo e submeta as próprias ações à leis divinas, presentes na consciência;
- Seja um SEGUIDOR de Jesus: é ele o modelo e guia da humanidade;
- Fique atento aos "POSTS" que faz na vida real. Procure refletir se as próprias ações estão em harmonia com os tesouros da alma;
- Acompanhe LIVES de conteúdos positivos, mas não se esqueça de que a "vida ao vivo" pede participação;
- Preocupe-se mais com o self e menos com as SELFIES. Entre o que o ego projeta e a realidade do ser existe uma imensa distância que necessita de esforço e trabalho;
- Se o FEED da vida real vem apresentando conteúdo muito variado, aproveite a oportunidade para silenciar, refletir e exercitar o livre-arbítrio;
- Esteja pronto para apertar o botão de COMPARTILHAR, mas certifique-se de que o conteúdo conduzirá os outros ao caminho do bem.

Bibliografia

KARDEC, Allan. 2013. *O Livro dos Espíritos*. [Trad. Guillon Ribeiro]. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 2013. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. [Trad. Guillon Ribeiro]. Brasília: FEB. 2013.

“
**Examinai
tudo.
Retende o
bem**

Palestras Famíliares de Além-túmulo **Hoje**

by Sara Barros "Jesus" (2026) RS 25

Psicografia transmitida na FEB,
Médium Marta Antunes.

BEZERRA DE MENEZES*



Avançar, Sempre com **Jesus!**



**Lançai um olhar
confiante no futuro!
Não temeis
as provações,
coletivas, grupais
ou individuais**

irmãos e irmãs do coração

Estejamos em paz! Amparados pelo Meigo Rabi da Galileia!

Retornamos aos poucos às atividades presenciais da prática mediúnica na Casa de Ismael.

Os desafios vencidos nos últimos anos e a perseverança na prática do bem demonstraram que a centelha do Evangelho permanece sempre atuante, e, assim como todos os ensinos do Cristo, recordemos: "muitos os chamados, poucos os escolhidos".

Os escolhidos que souberam superar as tormentas do mar bravio da existência, adquiriram o acréscimo de força para vencer as novas tempestades que surgirão no cenário evolutivo da vida.

As provações, meus filhinhos, são mecanismos divinos que fazem os homens tornar-se mais bem adaptados às intempéries.

Somente na refrega das lutas existenciais, caracterizadas pelo bom combate, usufrui o Espírito condições para identificar e superar os desafios. Pelo bom combate, acionando-se os valores da fé, da persistência e da esperança, o ser humano desenvolve, na prática, o devido aprendizado.

À medida que o Espírito imortal aprende contornar ou superar os obstáculos do caminho, uma nova humanidade desperta das cinzas das dores e dos sofrimentos que, como poderosa fênix renasce mais fortalecido, apto a prosseguir no caminho ascensional que a herança divina lhe faculta.

Hoje, como ontem e amanhã, o Cristo é o vencedor! Com Ele seremos sempre felizes!

Servindo o próximo como regra de bem viver, Jesus nos aponta para o mais além. Condição desafiante sem dúvida, mas rica de promessas de superação e de crescimento espiritual.

Estejamos atentos, filhos e filhas do coração, pois novas lutas advirão, considerando-se a renovação espiritual da Humanidade terrestre.

Aqui como aí as coisas não são muito diferentes. Há duas humanidades que se unem e se completam, para o bem ou para o mal. Encarnados e desencarnados mantêm-se continuamente associados, em regime de mútuo entendimento, em razão das afinidades ou das sintonias que entre si estabelecem.

Lançai um olhar confiante no futuro! Não temeis as provações, coletivas, grupais ou individuais!

Surgirão dias difíceis? É provável que sim!

Outras pandemias e males semelhantes envolverão os povos? Quase certo de que sim!

Os fenômenos da natureza, geológicos e até cósmicos, abalarão estruturas físicas, aparentemente sólidas? Efetivamente!

Lutas fratricidas, fome e desolação estarão presentes em locais que jamais se supunha. É fato!

Com fé, a alma que aguarda o grande amanhã não desanimará, mesmo se ferida pelos agulhões das dores. Sobreviverá vitoriosa e chegará, luminosa, às portas do Reino de Deus.

Filhinhos e filhinhas, persistam um pouco mais! Sejam valorosos na dor e o regozijo das alegrias celestiais os embalarão.

Fé e Esperança!

Trabalho no Bem, no pensar, falar e agir.

Eis as armas defensivas contra qualquer manifestação do mal, pois o amor é a única solução.

Tudo está bem, pois de acordo com a vontade divina.

Avançar sempre com Jesus!

Gratidão, filhos e filhas do coração.

Bezerra



**Trabalho no Bem,
no pensar, falar e agir.
Eis as armas defensivas
contra qualquer
manifestação
do mal**

CEI

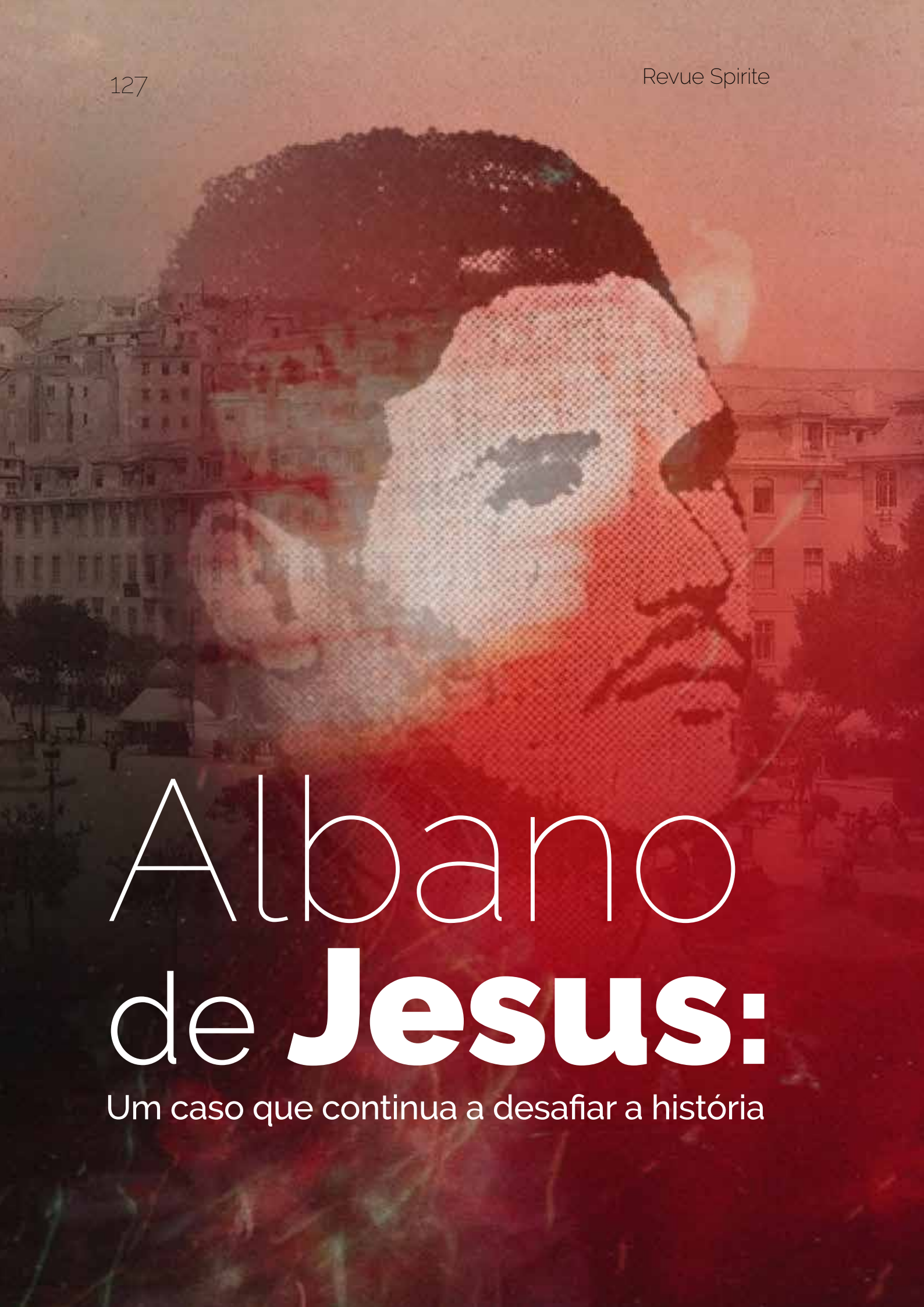
Conselho Espírita Internacional

Plano Histórico

CARLOS MIGUEL PEREIRA*



***Carlos Miguel Pereira**
trabalha na área da tecnologia
e é membro da Associação de
Divulgadores de Espiritismo
de Portugal (ADEP).



Albano de **Jesus:**

Um caso que continua a desafiar a história



Resumo

No verão de 1904, Lisboa assistiu a um dos episódios mais invulgares da sua história recente. Durante semanas, um jovem oriundo da Beira Alta percorreu as ruas da capital perseguido pela polícia, seguido por multidões e observado com perplexidade por médicos, jornalistas e curiosos. Durante as crises violentas que sofria, transformava-se numa criatura feroz, corria aos saltos pelas ruas, trepava às estátuas, aos tejadilhos dos elétricos e enfrentava sozinho quem o tentasse segurar. Os jornais deram-lhe uma alcunha que o acompanharia até ao fim da sua vida: o Homem-Macaco.



**Era analfabeto e,
durante as crises,
escrevia algumas
palavras com uma
caligrafia apreciável**

by SBarros. "The challenge of History".(2026).

Palavras-chave: Fernando de Lacerda, Albano de Jesus, psiquiatria, Miguel Bombarda, Ciência, Espiritismo.

Entre os numerosos episódios que marcaram a história do Espiritismo português, poucos suscitam tantas interrogações como o caso de Albano de Jesus Beirão. Pela singularidade das manifestações, pela abundância de documentação disponível e pelo envolvimento simultâneo de Fernando de Lacerda e de Miguel Bombarda, este

episódio permanece um dos mais interessantes pontos de encontro e de tensão entre duas formas radicalmente diferentes de compreender o ser humano. De um lado encontrava-se a jovem psiquiatria científica, representada pelo doutor Miguel Bombarda, empenhada em encontrar uma explicação fisiológica para todos os fenómenos mentais. Do outro estava Fernando de Lacerda, subinspetor da Polícia Administrativa de Lisboa e destacado espírita português, convencido de que existiam alguns fenómenos humanos que escapavam às explicações exclusivamente orgânicas.

Entre ambos, encontrava-se um jovem de uma aldeia perdida na Beira Alta, cuja vida foi profundamente marcada pela pobreza, pela exclusão e pela incompreensão. Antes de ser transformado numa figura lendária, foi uma criança que nunca teve oportunidade de viver uma infância normal.





**Fernando de Lacerda
nunca procurou
fazer de Albano uma
demonstração pública
das suas convicções.
Antes pelo contrário,
procurou zelar pelo seu
bem-estar**

Uma infância interrompida

Albano de Jesus nasceu em Aveloso, uma pequena aldeia do concelho de Mêda no distrito da Guarda, onde a vida era marcada pelo ritmo das estações e pela dureza do trabalho agrícola. Filho de um asturiano que morreu poucos meses depois do seu nascimento, cresceu numa família cuja sobrevivência dependia das colheitas sazonais. Como acontecia com milhares de crianças portuguesas do final do século XIX, também Albano deixava de ir à escola para ajudar a família na apanha da azeitona.

Foi durante uma dessas jornadas de trabalho, numa manhã particularmente fria de dezembro de 1890, que tudo mudou¹. A mãe, Felícia, percebendo que Albano tiritava enregelado, entregou-lhe uma caixa de fósforos para acender uma pequena fogueira. O rapaz permaneceu algum tempo a observar o fumo subir lentamente, até que o olhar se fixou num grande pássaro negro que sobrevoava a clareira. Instantes depois perdeu os sentidos.

O que se seguiu ficou gravado na memória de todos os presentes. Antes que alguém o conseguisse socorrer, Albano começou a rebolar pelo chão, soltando sons guturais, correndo descontroladamente e trepando às árvores com uma agilidade

que parecia impossível. Ninguém o conseguia dominar.

A partir desse momento, o rapaz começou a sofrer crises repetidas, frequentemente desencadeadas quando se aproximava de igrejas, cemitérios ou funerais, mas muitas outras vezes sem que se identificasse qualquer nexos causal. A população da pequena aldeia rapidamente passou a recear os seus ataques, mas desenvolveu uma profunda comiseração pelo sofrimento que eles imprimiam ao rapaz. Chamavam-lhe “Albaninho” ou “Albano do mal”². As outras crianças recusavam-se frequentar a escola se ele lá estivesse e o professor era o primeiro a fugir quando Albano tinha uma crise dentro da sala de aula. Pouco tempo depois, Albano foi proibido de frequentar a escola, permanecendo analfabeto durante toda a sua vida.

A mãe não se resignou. Levou-o a médicos em Viseu, Coimbra e Porto. Percorreu as possibilidades terapêuticas ao alcance de uma camponesa pobre do Portugal mais profundo numa época em que a neurologia e a psiquiatria davam ainda os primeiros passos. Ninguém sabia o que lhe fazer e nada parecia atenuar o problema. Felícia morreria alguns anos mais tarde. Albano recorda que a mãe deixara de se alimentar, mor-

rendo “sequinha como as palhas”³, lamentando-se a quem a visitava que “ninguém tinha um filho como o dela”.

Os vizinhos habituaram-se a fechar as portas sempre que surgiam novos ataques. Conta a tradição oral recolhida muitos anos depois que algumas famílias deixavam bacias de água à entrada das casas e que o jovem bebia sofregamente, recuperando assim alguma tranquilidade. Para os habitantes de Aveloso não existia grande dúvida acerca da natureza do problema. Não possuindo outra linguagem para explicar o que viam, recorriam à única que conheciam. A interpretação fazia-se através da cultura religiosa popular: dizia-se simplesmente que o Albaninho estava possuído por um espírito ruim.

Foi neste ambiente de medo, compaixão e incompreensão que Albano cresceu. Vagueava sozinho pelas ruelas de Aveloso, carregando um estigma que o acompanharia por toda a vida. Para os habitantes da aldeia, não era apenas um rapaz doente. Era um mistério com um homem dentro.



by SBarros. "The challenge of History".(2026).
Based on a photo kindly provided by the author

1. Daniel, "Tarzan nasceu no Distrito da Guarda? Albano de Jesus Beirão, o famoso 'Homem-Macaco', terá sido o inspirador da personagem?".

2. Carvalho, "Sinal Aberto".

3. *O Século Ilustrado*, "O homem-macaco ainda vive", 25 de março de 1972.

A chegada a Lisboa

Durante mais de uma década, a vida de Albano decorreu assim, entre ataques, tentativas frustradas de tratamento e o isolamento crescente. No verão de 1904, já com cerca de vinte anos, Albano deslocou-se a Lisboa acompanhado por um primo que servia na Polícia Civil. Procurava um médico da Armada, o Dr. Cabral.⁴

O médico Joaquim Manuel Cabral⁵, natural de uma aldeia vizinha da sua, conseguira diminuir significativamente a frequência dos ataques através de práticas que hoje dificilmente conseguimos reconstituir com precisão. As fontes⁶ descrevem sessões realizadas à luz de velas, à volta de uma mesa de pé de galo, envolvendo Albano em panos molhados e durante as quais o médico ordenava ao espírito responsável pelo sofrimento do jovem que abandonasse o seu corpo. Miguel Bombarda, em tom depreciativo, iria identificá-las como "sessões de espiritismo", embora vários dos elementos descritos não correspondam a práticas codificadas por Allan Kardec algumas décadas antes. Independentemente da natureza dessas práticas, os relatos coincidem num ponto: durante quase dois anos, os ataques de que sofria Albano desapareceram.

Depois desse período de alívio, as crises regressaram e como o Dr. Cabral não voltava à aldeia, Albano foi procurá-lo a Lisboa. À chegada, encontrou, porém, uma má notícia: o Dr. Cabral embarcara ao serviço da Marinha. Instalou-se então em casa da

irmã Soledad, na Rua Maria Pia, junto ao Casal Ventoso⁷. Foi então que um drama vivido durante anos no recato de uma pequena aldeia do interior se tornou um tema dos principais jornais da capital.

Nos dias seguintes à sua chegada, Albano já andava aos saltos por cima das campas do cemitério dos Prazeres e colocava o bairro de Campo de Ourique em alvoroço⁸. Há relatos dos seus ataques na baixa de Lisboa: as lojas fechavam, instalando-se o pânico entre os transeuntes⁹. A imprensa rapidamente percebeu o potencial sensacionalista daqueles acontecimentos. Os jornais descreviam minuciosamente os saltos, os urros e a extraordinária resistência física demonstrada durante as crises¹⁰. A imaginação popular começou igualmente a ampliar os relatos. Em poucas semanas, realidade e lenda confundiam-se já de tal forma que se torna necessário distinguir aquilo que efetivamente se encontra documentado por fontes credíveis daquilo que a tradição oral acrescentaria nos anos seguintes.

Foi neste contexto que, a 7 de agosto de 1904, o Século cunhou a expressão "Homem-Macaco". O epíteto transformou Albano numa atração pública. Dezenas de curiosos deslocavam-se diariamente ao Casal Ventoso e batiam à porta da casa da sua irmã apenas para tentar assistir a um novo ataque. O jovem que chegara a Lisboa à procura de ajuda para o seu "mal", transformara-se em poucos dias no espetáculo mais comentado da capital.

Fernando de Lacerda: um polícia perante o inexplicável

Foi neste ambiente de crescente inquietação que Albano de Jesus entrou pela primeira vez no Governo Civil de Lisboa. Detido depois de mais um dos seus ataques, aguardava observação médica quando foi chamado ao gabinete do subinspetor Fernando de Lacerda.¹¹

À primeira vista, pouco aproximava aqueles dois homens. Um era um camponês analfabeto, marcado pela pobreza e exclusão. O outro era um funcionário respeitado da Polícia Administrativa, conhecido pelo rigor profissional e pela competência que lhe valera sucessivos louvores. Havia, porém, um elemento decisivo que tornava aquele encontro diferente de todos os anteriores. Anos antes, na sequência de acontecimentos pessoais e familiares que o marcaram profundamente, Fernando de Lacerda aproximara-se do Espiritismo e integrava um dos principais grupos espíritas de Lisboa, dirigido pelo advogado Sousa Couto. Longe de encarar a mediunidade como mera curiosidade ou superstição, entendia-a como um fenómeno suscetível de observação e estudo.

A conversa decorria normalmente quando, de forma súbita, Albano caiu ao chão. Todos os funcionários do governo civil precipitaram-se para fora do gabinete. O delegado de saúde recusou intervir gritando "isto não é comigo!". Só Fernando de Lacerda permaneceu junto de Albano.¹²



by SBarros. "Fernando de Lacerda".(2026), In FEP

4. Vasconcelos, "Fernando de Lacerda - Mistérios de Além-Túmulo", 410.

5. Arquivo histórico da marinha. LIVRO MESTRE - MÉDICOS NAVAIS Nº 2.

6. Bombarda, "Caso de Lycantropia Hystérica".

7. *A Vanguarda*, "Anomalia Sensacional", 7 de agosto de 1904.

8. Idem.

9. *O Século*. "Um homem perigoso", 7 de agosto de 1904.

10. Idem.

11. Lacerda, "O Homem-Macaco – porque o dominava eu?".

12. Idem.



Foto gentilmente cedida pelo autor

A partir desse episódio iniciou-se uma relação singular que perduraria durante muitos anos. Segundo numerosos testemunhos publicados na imprensa da época, sempre que Albano sofria uma crise, os populares dirigiam-se ao Governo Civil para chamar Fernando de Lacerda¹³ e bastaria a sua presença para que ela cessasse. Os jornais limitavam-se a descrever repetidamente o fenómeno, sem o tentarem explicar. Quando Albano voltou a provocar o pânico na praça do Rossio, o correspondente em Lisboa do jornal *A Província* afirmava que "(...) dirigiu-se também para ali, num trem, o subinspetor sr. Fernando de Lacerda, para

mais uma vez fazer acalmar as fúrias do Albano"¹⁴. O povo estava dividido: uns falavam de hipnose ou sugestão; outros achavam que era um poder espiritual; para muitos tratava-se simplesmente de um fenómeno inexplicável.

Fernando de Lacerda interpretava estes acontecimentos de forma diferente. Anos mais tarde, já estabelecido no Brasil, publicaria uma série de crónicas nas quais descrevia uma sessão mediúnica, realizada no seu gabinete do Governo Civil de Lisboa, precisamente na sequência destes episódios¹⁵. Com base nesse relato, procurou estabelecer comunicação com a entidade que considera-

va responsável pelas manifestações observadas em Albano e, após uma intensa luta moral, adquiriu ascendente sobre ela. Segundo Fernando de Lacerda, bastava ordenar mentalmente à entidade que se afastasse de Albano para que a crise terminasse.

Ao contrário do que se poderia esperar, Fernando de Lacerda nunca procurou fazer de Albano uma demonstração pública das suas convicções. Antes pelo contrário, procurou zelar pelo seu bem-estar e foi, porventura, o seu maior protetor em Lisboa. Era ele que o acompanhava nas deslocações de comboio à sua aldeia, procurava evitar que fosse provocado pela multidão, tentou mesmo encontrar-lhe trabalho e integrá-lo socialmente. Enquanto grande parte da cidade via em Albano uma curiosidade, Fernando de Lacerda procurava devolver-lhe uma vida possível.

Rilhafoles e Miguel Bombarda

No final de setembro de 1904, a situação tornou-se insustentável.

As constantes aglomerações no Casal Ventoso, os protestos dos moradores e a crescente pressão da imprensa levaram as autoridades a intervir novamente. Albano voltou a ser detido num calabouço do Governo Civil e, desta vez, a decisão foi diferente. Os delegados de saúde determinaram o seu internamento no Hospital de Rilhafoles. O problema deixava de pertencer à polícia para passar ao domínio da psiquiatria.

Poucas figuras simbolizam melhor a renovação da psiquiatria em Portugal de finais do século XIX do que o médico Miguel Bombarda. À frente do Hospital de Rilhafoles desde 1892, Miguel Bombarda era uma das figuras mais influentes da psiquiatria portuguesa. Tinha promovido uma



by SBarros. "Miguel Bombarda".(2026) in Wikimedia Commons

13. *O Século*, "O Homem-Macaco", 1 de outubro de 1904.

14. *A Província*, "O Homem-macaco", 20 de outubro de 1904.

15. Lacerda, "O Homem-Macaco – porque o dominava eu?".

profunda modernização da instituição, procurando substituir antigas práticas por uma abordagem clínica inspirada nas modernas correntes científicas europeias.

Foi neste hospital renovado que Albano de Jesus permaneceu internado durante setenta e quatro dias. Bombarda observou-o pessoalmente em numerosas crises e deixou um relatório que constitui ainda hoje a descrição clínica mais detalhada do caso¹⁶. Registou ataques extremamente violentos, precedidos por perda de consciência, seguidos de corridas, saltos, movimentos de extraordinária agilidade e gritos capazes de impressionar quem os presenciava. "(...) os saltos e corridas dão-se da grade da janela para a da porta, com uma grande agilidade e rapidez; as mãos só são utilizadas pelo doente para se segurar às grades; muitas vezes remove coisas, que estão diante de si, mas sem o emprego das mãos. Durante estes movimentos, gritos que chegam a apavorar." Terminada a crise, Albano recuperava rapidamente a tranquilidade, mostrava-se cooperante e revelava não conservar qualquer memória do sucedido. As notas revelam um médico genuinamente intrigado. Admitiu semelhanças com determinadas formas de epilepsia - o chamado "mal comicial" - na terminologia da época, mas evitou conclusões categóricas.

Apesar da minúcia das observações, Bombarda não conseguiu estabelecer um diagnóstico seguro. A associação que estabeleceu entre a impulsividade observada, as características físicas e a hipótese de "mal comicial" é particularmente reveladora. Ao referir-se sobretudo às características das feições, seguia uma

forma de observação muito difundida na medicina do final do século XIX, aproximando-se das teorias então defendidas por Cesare Lombroso e pela antropologia criminal, que procuravam estabelecer relações entre determinados traços físicos e predisposições patológicas ou degenerativas.

Noutras passagens procurou enquadrar alguns episódios através dos mecanismos da sugestão psicológica, referindo tanto os tratamentos anteriormente realizados pelo Dr. Cabral como a alegada influência de um inspetor da polícia "que diz que tinha absoluta influência sobre o doente na ocasião do ataque a ponto de a exercer mesmo à distância." A referência é particularmente significativa: esta informação nunca fora publicada na imprensa, o que sugere que Bombarda tivera conhecimento das alegações através de Lacerda.

É precisamente isso que Fernando de Lacerda recorda numa série de crônicas publicadas já no Brasil¹⁷, em que escreve ter feito saber a Bombarda, de forma indireta, a causa que atribuía ao fenómeno, colocando-se à sua disposição para quaisquer experiências que o médico considerasse necessárias para demonstrar o seu erro ou confirmar o que afirmava. O diretor de Rilhafoles não respondeu à sua proposta, mas parece ter incorporado a alegação do subinspetor nas notas clínicas, como mais um indício do papel da sugestão nas manifestações de Albano. Lacerda concluiria de forma algo provocadora: "o que eu asseverava entrava no domínio das doutrinas heréticas e revolucionárias que scandalizavam o magistério."

A atitude de Bombarda não era acidental. A sua posição era coerente com o pensamento que defenderia publicamente ao longo de toda a sua carreira. Rejeitava qualquer explicação que considerasse sobrenatural para as doenças mentais e criticava duramente os cientistas que admitiam investigar fenómenos espíritos, considerando que tal representava um retrocesso intelectual e científico.

Miguel Bombarda e Fernando de Lacerda encontravam-se profundamente empenhados na investigação e sinceramente convencidos de que procuravam compreender um fenómeno real. Divergiam, porém, num ponto essencial: as premissas a partir das quais observavam os mesmos acontecimentos. Enquanto Fernando de Lacerda defendia que alguns fenómenos sugeriam a possibilidade da existência de uma dimensão espiritual da consciência, propondo-se a experiências que o demonstrassem ou refutassem, Bombarda defendia que toda a explicação deveria encontrar-se no funcionamento do cérebro humano, sem conceder sequer à hipótese espiritual o estatuto de objeto de estudo. Muito mais do que dois homens com ideias distintas, este era o confronto entre duas formas de reivindicar a busca pela verdade a partir de premissas irreconciliáveis.

Nenhum deles saiu deste episódio com respostas definitivas. Bombarda nunca conseguiu formular um diagnóstico conclusivo, nem muito menos um tratamento satisfatório. Lacerda nunca convenceu a comunidade científica da sua época da interpretação que defendia, nem tão pouco a que o submetessem a experiências que o desmentissem.



Based on a photo kindly provided by the author

16. Bombarda, "Caso de Lycantropia Hystérica".

17. Lacerda, "O Homem-Macaco – porque o dominava eu?".

Depois do Homem-Macaco

O internamento em Rilhafoles não resolveu o problema de Albano de Jesus. A 14 de dezembro de 1904 recebeu alta clínica e regressou à vida civil. Os médicos entenderam que não apresentava um quadro de alienação mental que justificasse a permanência prolongada no hospital. Continuava, contudo, sujeito às mesmas crises que iam e vinham. Durante as décadas seguintes foi observado por inúmeros especialistas portugueses e estrangeiros, sem que algum deles conseguisse estabelecer um diagnóstico definitivo.

Mais de cem anos depois dos episódios que colocaram a cidade de Lisboa em alvoroço, seria imprudente tentar definir de que padecia Albano de Jesus. Mas o caso continua a levantar interrogações difíceis de ignorar. Era analfabeto e, durante as crises, escrevia algumas palavras com uma caligrafia apreciável¹⁸. Diversos testemunhos afirmam igualmente que, durante os ataques, parecia não sofrer ferimentos apesar da violência dos embates e das quedas que sofria¹⁹. Em diferentes momentos da sua vida, as crises desapareceram durante vários meses, coincidindo com tratamentos de natureza espiritual conduzidos pelo Dr. Cabral e, mais tarde, por Fernando de Lacerda. O domínio que o subinspetor exercia sobre as suas crises também nunca foram explicados de forma aceitável. Finalmente, por volta dos quarenta e três anos, os ataques cessaram de forma definitiva, tão inesperadamente como tinham começado.

Albano de Jesus Beirão morreu a 2 de agosto de 1976, aos 92 anos.

É muito provável que jamais seja possível explicar com segurança o que esteve na origem das crises de Albano de Jesus Beirão. Mas a questão que colocou Fernando de Lacerda e Miguel Bombarda em posições opostas permanece em aberto. Mais de um século depois, continua a desafiar a psiquiatria, a história e o Espiritismo.

Com o passar dos anos, a história do homem-macaco adquiriu contornos quase lendários. Mas Albano de Jesus não era um monstro. Não era um fenómeno de circo. Era um ser humano que nasceu sem os recursos para enfrentar o que lhe aconteceu, vivendo numa época e num lugar que também não os tinha. Até ao final dos seus dias, foi lembrado como o "Homem-Macaco", uma designação que o magoava e que reduzia toda uma existência a um conjunto de comportamentos observados durante os seus momentos de crise. No entanto, esses episódios representavam apenas uma pequena parte da sua vida. Entre os ataques existia um homem descrito pelos próprios médicos como calmo, educado, colaborante e perfeitamente orientado. Um homem que nunca compreendeu aquilo que lhe acontecia. E foi ele, questionado sobre a possibilidade de estar possuído, quem na sua simplicidade deixou uma dúvida que continua a resumir melhor todo este caso²⁰: "Como podia outra pessoa caber dentro de mim?"



Based on a photo kindly provided by the author

18. Lacerda. "O Homem-Macaco – porque o dominava eu?"

19. *A Vanguarda*, "Anomalia Sensacional."

20. *O Século Ilustrado*, "O Homem-macaco ainda vive".

Bibliografia:

- *A Província*, "O Homem-macaco", 20 de outubro de 1904.

- *A Vanguarda*, "Anomalia Sensacional", 7 de agosto de 1904.

- Arquivo histórico da marinha. LIVRO MESTRE - MÉDICOS NAVAIS Nº 2. Refª. PT/BCM-AH/30A/01/001-014/2474.

BOMBARDA, Miguel, 2010. "Caso de Lycantropia Hystérica". *A Medicina Contemporânea*, ano XXVIII, nº 32.

CARVALHO, Louro. 2025. *Sinal Aberto*. Disponível em: <https://sinalaberto.pt/homem-macaco-de-aveloso-caso-que-a-medicina-nao-esclareceu/>

DANIEL, Manuel. 1997. "Tarzan nasceu no Distrito da Guarda? Albano de Jesus Beirão, o famoso 'Homem-Macaco', terá sido o inspirador da personagem?". *Revista Regional Altitude*, 3.ª série, Ano LVI, nº 2.

- *Fenómeno* – episódio 4, RTP2, 2001, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/fenomeno-ep-04-parte-i/>,

LACERDA, Fernando. "O Homem-Macaco – porque o dominava eu?". *O Imparcial*, Rio de janeiro, nº165, 16 de maio de 1913.

MARIANO, Fátima. 2022. *Grandes Figuras Excêntricas da História de Portugal*. Lisboa: Contraponto.

NECHO, Ana C. P. S. 2019. *A Assistência aos alienados em Portugal: o Hospital de Rilhafões (da fundação à Implantação da República)*. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

- *O Século Ilustrado*, "O Homem-macaco ainda vive", Nº 1782, 25 de março de 1972.

- *O Século*. "Um homem perigoso", 7 de agosto de 1904.

- *O Século*, "O Homem-Macaco", 1 de outubro de 1904.

RODRIGUES, Adriano V. 2002. *Terras da Meda: natureza, cultura e património*. Meda: Câmara Municipal.

VASCONCELOS, Manuela. 1992. *Fernando de Lacerda, o médium português*. Amadora: FEP.

VASCONCELOS, Manuela. 2014. *Fernando de Lacerda - Mistérios de Além-Túmulo*. Amadora: FEP.





**Um homem descrito
pelos próprios
médicos como calmo,
educado, colaborante
e perfeitamente
orientado**

Espiritismo & Sociedade



***Sílvia Almeida** Membro da associação No Invisível – Estudos e Divulgação Espírita, colaboradora da Federação Espírita Portuguesa e da Área de Comunicação Social Espírita do CEI.



100

anos
1926 - 2026

Federação Espírita Portuguesa



Federação **Espírita** Portuguesa:

**Cem anos ao serviço
da divulgação do
espiritismo**

Homenagem



Introdução



celebração do centenário da Federação Espírita Portuguesa (FEP), em 2026, constitui um marco de particular relevância para a história do Espiritismo em Portugal. Fundada em 26 de maio de 1926, a Federação nasceu da necessidade de conferir unidade organizativa ao movimento espírita português, promovendo a articulação entre as diversas associações existentes, incentivando o estudo da Doutrina Espírita e assumindo a representação institucional do Espiritismo, tanto a nível nacio-

nal como internacional.

Ao longo de um século de existência, a FEP acompanhou profundas transformações políticas, sociais, culturais e tecnológicas. A sua evolução confunde-se, em grande medida, com a própria história do movimento espírita organizado em Portugal, constituindo um testemunho da capacidade de adaptação de uma instituição que soube responder às exigências de contextos históricos muito distintos, sem abdicar da sua identidade doutrinária.

A comemoração do centenário ultrapassa, por isso, a dimensão meramente evocativa de uma efeméride institucional. Constitui igualmente uma oportunidade para refletir sobre o percurso histórico da Federação, analisar o seu contributo para a consolidação do movimento espírita português e identificar os desafios que se colocam à sua missão, num contexto social caracterizado por profundas transformações culturais, científicas e tecnológicas.



A implantação do Espiritismo em Portugal e os antecedentes da FEP

A difusão do Espiritismo em Portugal deve ser compreendida no contexto do amplo movimento espiritualista que marcou a Europa durante a segunda metade do século XIX. A publicação de *O Livro dos Espíritos*, por Allan Kardec, em 1857, conferiu consistência doutrinária a um conjunto de fenómenos mediúnicos que, desde o início da década de 1850, despertavam crescente interesse em diversos países europeus e americanos. A sistematização proposta por Kardec contribuiu decisivamente para a transformação dessas manifestações num corpo coerente de natureza filosófica, científica e moral, favorecendo a rápida expansão internacional da nova doutrina.

Em Portugal, as primeiras referências ao fenómeno das chamadas «mesas girantes» remontam a 1853, acom-

panhando uma tendência que rapidamente se difundiu pelos principais centros urbanos europeus. Poucos anos depois, a imprensa nacional começou a registar notícias relativas à realização de sessões mediúnicas e ao crescente interesse por temas associados à sobrevivência da alma, à comunicação entre os dois planos da vida e às implicações filosóficas dessas experiências.

Nas últimas décadas do século XIX verificou-se uma progressiva consolidação do movimento espírita português. Surgiram grupos de estudo, associações dedicadas à divulgação da Doutrina e diversas publicações periódicas especializadas, acompanhando uma dinâmica igualmente observável noutros países europeus. O contacto com os congressos espíritas realizados em cidades como Barcelona e Paris contribuiu para aproximar os grupos portugueses



Foto acervo da FEP - Grupo de Congressistas, e membros da Comissão Organizadora do 1º Congresso Espirita Português, (Ateneu Comercial de Lisboa, 15, 16, 17 e 18 de maio de 1925).

das principais correntes de pensamento espírita internacionais e reforçou a consciência da necessidade de uma maior organização do movimento nacional.

Apesar desse crescimento, a atividade desenvolvida pelas diferentes associações caracterizava-se por uma significativa autonomia organizativa. Cada grupo desenvolvia o seu trabalho de forma independente, adaptando as suas iniciativas às circunstâncias locais e às disponibilidades dos respetivos colaboradores. Embora esta autonomia tivesse favorecido uma ampla disseminação do Espiritismo, tornou-se progressivamente evidente a necessidade de criar um organismo capaz de coordenar esforços, promover a cooperação entre as diferentes instituições e representar o movimento espírita português nos eventos internacionais e nas instituições que começavam então a estruturar-se.

As primeiras tentativas de concretizar esse objetivo ocorreram nas primeiras décadas do século XX. Em 1912 foi constituída a Aliança Neoespírita Portuguesa, procurando estabelecer um espaço comum de articulação entre diversas associações espiritualistas. Todavia, o contexto internacional, marcado pela eclosão da Primeira Guerra Mundial, condicionou significativamente o desenvolvimento desse projeto.

Uma segunda iniciativa surgiu em 1917, com a criação da Federação dos Espíritas Portugueses. Apesar da importância simbólica desta experiência, a sua existência revelou-se extremamente breve, cessando a atividade pouco mais de um mês após a respetiva constituição. As dificuldades de consolidação institucional refletiam, em larga medida, a dispersão geográfica dos grupos e a reduzida dimensão do movimento.



Foto históricas do acervo da FEP

A consolidação definitiva da organização federativa apenas se tornaria possível na década de 1920. A realização do I Congresso Espírita Nacional, em Lisboa, em 1925, representou um momento decisivo de aproximação entre os espíritas portugueses. O encontro permitiu reforçar a ideia da necessidade de criar uma instituição nacional estável, capaz de assegurar a representação do movimento.

Na sequência dos trabalhos desenvolvidos durante este congresso, foi constituída uma comissão encarre-

gada de preparar a criação da futura Federação. O processo culminaria em 26 de maio de 1926, com a fundação oficial da Federação Espírita Portuguesa.

Mais do que a simples constituição de uma estrutura administrativa, a Federação passou a assumir a responsabilidade de promover a divulgação do espiritismo, a unidade doutrinária do movimento e estabelecer um quadro organizativo capaz de assegurar a continuidade das suas atividades.

A FEP no século XX

A fundação da Federação Espírita Portuguesa, em 1926, representou um ponto de inflexão na história do movimento espírita nacional. Esta nova configuração organizativa permitiu ultrapassar a dispersão que caracterizara as décadas anteriores e lançou as bases para um processo gradual de consolidação que se prolongaria no tempo.

Desde os seus primeiros anos de atividade, a Federação assumiu como prioridades a promoção do estudo da Doutrina Espírita e o desenvolvimento de iniciativas de divulgação destinadas a tornar mais acessível o pensamento espírita e a representar condignamente o movimento espírita português.

Entre as várias iniciativas, conta-se a compra de um terreno e a construção de uma sede, projetada de raiz para o desenvolvimento das atividades federativas, que acabou sendo inaugurada no dia 1 de janeiro de 1934, já no início do Estado Novo, um

regime político autoritário, que vigorou em Portugal entre 1933 e 1974.

A evolução da Federação não pode ser dissociada deste contexto político português. A instauração do Estado Novo alterou profundamente o enquadramento jurídico e social das associações de natureza religiosa e cultural. Embora a relação entre o regime e o movimento espírita tenha conhecido diferentes momentos, a Federação enfrentou períodos de significativa adversidade, marcados pela limitação da sua atividade, pela interrupção do seu funcionamento institucional e pela expropriação do seu património, em 1953. Estas circunstâncias condicionaram inevitavelmente a capacidade de crescimento do movimento espírita organizado durante uma parte substancial do século XX.

A Revolução de 25 de Abril de 1974 constituiu um momento decisivo na história da Federação Espírita Portuguesa. A democratização da sociedade portuguesa e o restabelecimento pleno das liberdades de associação



Foto históricas do acervo da FEP

e de expressão criaram um novo quadro jurídico e social que favoreceu o desenvolvimento do movimento espírita. A partir desse momento, tornou-se possível retomar projetos anteriormente interrompidos, fortalecer a cooperação entre as diferentes instituições e promover uma presença pública mais consistente.

Nas décadas seguintes assistiu-se a uma expansão gradual da atividade federativa. O aumento do número de centros espíritas associados, o reforço das ações de formação doutrinária e a realização regular de congressos, seminários e encontros nacionais contribuíram para consolidar uma identidade institucional cada vez mais estruturada. Paralelamente, intensificou-se o diálogo entre as diferentes regiões do país, favorecendo uma maior partilha de experiências e de recursos entre as instituições federadas.

Entre os diversos domínios de atua-

ção da Federação, a atividade editorial assumiu progressivamente um papel de especial relevância. Desde cedo se reconheceu que a divulgação da literatura espírita constituía um instrumento essencial para a divulgação, para o estudo e para a formação dos trabalhadores espíritas. Consequentemente, a publicação e distribuição de obras de Allan Kardec, bem como de autores clássicos e contemporâneos do pensamento espírita, tornou-se uma das áreas estratégicas da ação federativa.

Esta aposta permitiu ampliar o acesso dos leitores portugueses às obras fundamentais do Espiritismo.

A importância atribuída ao livro reflete uma característica distintiva do movimento espírita desde as suas origens. Ao privilegiar o estudo como fundamento da prática moral, o Espiritismo conferiu sempre à produção e circulação do conhecimento um lugar central na sua organização. Nes-



Foto históricas do acervo da FEP



Foto feita pela participação do encontro após a assinatura da Declaração JANEIRO, 1992.



Foto históricas do acervo da FEP



te contexto, a atividade editorial da Federação constitui uma expressão concreta do seu compromisso com a difusão do conhecimento espírita.

Paralelamente ao desenvolvimento da sua ação em Portugal, a Federação procurou intensificar a cooperação com organizações congêneres de outros países. A crescente internacionalização do movimento espírita, particularmente a partir das últimas décadas do século XX, abriu novas possibilidades de intercâmbio doutrinário, científico e institucional, favorecendo uma maior articulação entre as diferentes comunidades espíritas.

Neste processo, assume especial significado a participação da Federação Espírita Portuguesa na fundação do Conselho Espírita Internacional (CEI), em 1992. A criação desta organização correspondeu ao reconhecimento da necessidade de fortalecer os laços entre as instituições espíritas de diferentes países, promovendo

do iniciativas conjuntas de estudo, divulgação e cooperação internacional.

Desde então, a participação da Federação no CEI tem sido contínua e particularmente ativa. Para além da presença regular nos órgãos de coordenação internacional, a instituição portuguesa assumiu responsabilidades crescentes na dinamização de projetos editoriais de âmbito global. Entre essas responsabilidades destaca-se, atualmente, a coordenação da *Revue Spirite*, publicação fundada por Allan Kardec em janeiro de 1858 e considerada uma das mais importantes referências históricas do pensamento espírita. A responsabilidade editorial desta revista, já no século XXI, representa não apenas um reconhecimento do trabalho desenvolvido pela Federação ao longo de várias décadas, mas também uma expressão da sua crescente relevância no contexto internacional do movimento espírita.

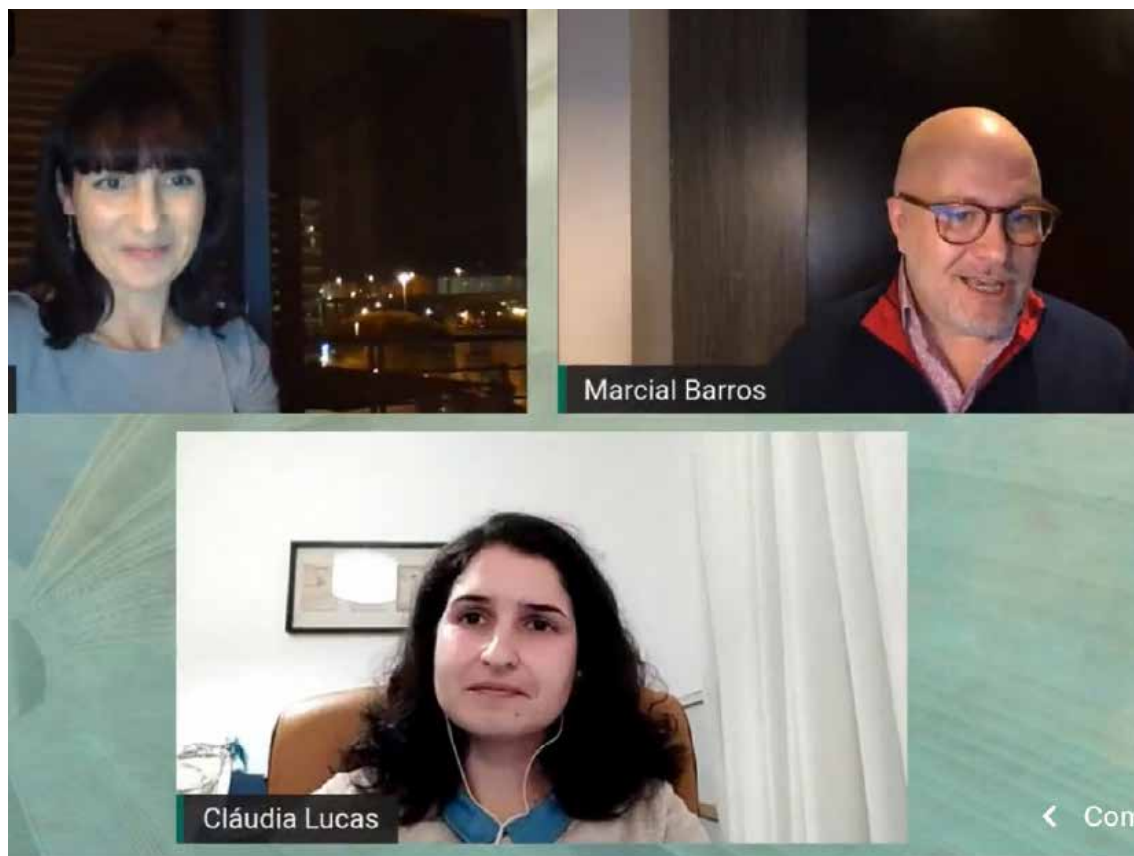


Foto históricas do acervo da FEP

A consolidação institucional alcançada durante o século XX permitiu, assim, preparar a Federação para enfrentar os desafios colocados pela rápida transformação tecnológica e comunicacional das primeiras décadas do século XXI. A emergência das plataformas digitais, a alteração dos hábitos de leitura e a crescente globalização da informação exigiram uma profunda adaptação das estratégias de divulgação e formação, conduzindo a uma nova etapa da história da instituição.

Longe de representar uma rutura com a sua missão fundacional, esta evolução constituiu antes a continuidade de um processo histórico caracterizado pela permanente procura de meios adequados para promover o estudo, a divulgação e a vivência da Doutrina Espírita.

Século XXI: internacionalização, transformação digital e renovação institucional

A entrada no século XXI inaugurou uma nova etapa na evolução da Federação Espírita Portuguesa, marcada pela necessidade de responder às profundas transformações verificadas nos processos de comunicação, nas formas de acesso ao conhecimento e nas dinâmicas de participação associativa. À semelhança de outras organizações, a Federação foi chamada a adaptar os seus modelos tradicionais de atuação a um contexto caracterizado pela crescente digitalização da informação, pela globalização das redes de comunicação e pela diversificação dos públicos interessados nas questões espirituais.

A promoção do estudo da Doutrina Espírita, a formação dos trabalhado-

Outra iniciativa de particular significado consiste na criação de uma hemeroteca digital destinada à preservação e disponibilização do património documental do Espiritismo português. A digitalização de periódicos, revistas e outras publicações históricas permitirá, progressivamente, constituir um repositório acessível a investigadores, estudantes e interessados na história do movimento espírita em Portugal. Trata-se de um projeto cuja relevância ultrapassa o âmbito estritamente institucional, contribuindo para a salvaguarda de um património documental de reconhecido interesse histórico e cultural.

No mesmo contexto de inovação institucional e celebração do centenário, foi criado um serviço de Atendimento Fraterno em formato virtual, pres-

tado através de correio eletrónico. A implementação desta modalidade implicou a preparação específica dos colaboradores envolvidos, mediante ações de formação orientadas para os aspetos doutrinários, éticos e técnicos inerentes ao exercício desta atividade.

Particular destaque merece a publicação de uma nova edição da obra *Do País da Luz*, psicografada pelo médium português Fernando de Lacerda. A revisão, anotação e contextualização desta obra constituem um exemplo do esforço desenvolvido pela Federação no sentido de preservar o património bibliográfico do Espiritismo português, tornando-o simultaneamente mais acessível aos leitores contemporâneos e mais relevante para a investigação histórica.





Foto históricas do acervo da FEP

A estratégia de comunicação da FEP passou igualmente a integrar novos canais de divulgação de informação, entre os quais se inclui a utilização de plataformas de comunicação instantânea destinadas à difusão regular de notícias, iniciativas e conteúdos formativos relacionados com o movimento espírita nacional e internacional.

A dimensão comemorativa do centenário não se limita, assim, à cele-

bração de um percurso institucional. Traduz igualmente a consciência da responsabilidade histórica assumida por uma organização que, ao longo de um século, acompanhou as transformações da sociedade portuguesa, procurando responder, em cada momento, às exigências colocadas pela divulgação do pensamento espírita e pela formação daqueles que nele encontram um referencial filosófico, moral e espiritual.



Foto históricas do acervo da FEP

O centenário: memória institucional e projeção para o futuro

O momento central das celebrações do centenário é o Congresso Nacional de Espiritismo de 2026, subordinado ao tema *Espiritismo: Uma Ponte entre a Razão e a Espiritualidade*. Previsto para os dias 3 e 4 de outubro, em Lisboa, o congresso reunirá investigadores, conferencistas e estudiosos portugueses e estrangeiros em torno de questões relacionadas com a filosofia espírita, a ética, a educação, a investigação e os desafios contemporâneos colocados à espiritualidade.

A escolha deste tema revela uma preocupação particularmente significativa na evolução recente do mo-

vimento espírita. Desde a sua formulação por Allan Kardec, o Espiritismo tem procurado apresentar-se como uma proposta de reflexão que privilegia o diálogo entre a observação, a razão e a experiência espiritual. Neste sentido, o congresso pretende constituir um espaço de debate interdisciplinar, favorecendo o encontro entre diferentes áreas do conhecimento e promovendo uma reflexão crítica sobre o contributo que o pensamento espírita pode oferecer para a compreensão das questões humanas contemporâneas.

Entre os desafios que atualmente se colocam à Federação Espírita Portuguesa destaca-se, em primeiro lugar, a necessidade de assegurar a renovação geracional das suas estru-



ras e das instituições que integram o movimento federativo. Tal como sucede com numerosas organizações de outras naturezas, a participação das gerações mais jovens constitui uma condição essencial para garantir a continuidade da missão institucional e a preservação do património humano construído ao longo de um século.

Outro domínio de crescente relevância prende-se com o aprofundamento do diálogo entre o Espiritismo e a comunidade científica, académica e cultural. Embora a Doutrina Espírita possua um enquadramento filosófico próprio, a reflexão sobre temas como a consciência, a ética, a saúde mental, a educação ou o sentido da existência tem vindo a assumir uma

importância crescente no debate contemporâneo. Neste contexto, o desenvolvimento de espaços de diálogo interdisciplinar poderá constituir uma via privilegiada para promover uma compreensão mais ampla das propostas espíritas e do seu contributo para a reflexão sobre os grandes desafios da condição humana.

Num mundo em permanente transformação, a Federação Espírita Portuguesa procura preservar o legado construído ao longo de um século, renovando simultaneamente o compromisso de promover o estudo, a divulgação e a vivência da Doutrina Espírita, contribuindo para o enriquecimento cultural, ético e espiritual da sociedade portuguesa.



A Federação
Espírita Portuguesa
procura preservar o
legado construído ao longo
de um século, renovando
simultaneamente o
compromisso de promover
o estudo, a divulgação e a
vivência da Doutrina Espírita,
contribuindo para o
enriquecimento cultural, ético
e espiritual da sociedade
portuguesa

Cronologia

1853 – Registam-se em Portugal as primeiras referências ao fenómeno das «mesas girantes», acompanhando um movimento que então se difundia pela Europa.

1857 – Publicação de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, marco fundador da Doutrina Espírita e referência para a organização do movimento espírita internacional.

Final do século XIX – Constituição dos primeiros grupos espíritas portugueses e início da publicação de periódicos especializados.

1912 – Fundação da Aliança Neoespiritualista Portuguesa.

1917 – Constituição da Federação dos Espíritas Portugueses, cuja atividade teve duração muito limitada.

1925 – Realização, em Lisboa, do I Congresso Espírita Nacional, que preparou a criação de uma estrutura federativa permanente.

26 de maio de 1926 – Fundação da Federação Espírita Portuguesa.

1929 – Compra de um terreno para a sede da FEP.

1 de janeiro de 1934 – Inauguração da nova sede da FEP, em Lisboa.

1953 – Encerramento da sede da FEP e suspensão das suas atividades pelo Estado.

1962 – Bens da FEP confiscados e vendidos pelo Estado em hasta pública.

Após 1974 – Reorganização e expansão da Federação no quadro democrático, com reforço da formação, da atividade editorial e da cooperação entre os centros espíritas.

1985 – Realização do 1º Encontro Nacional de Juventude

1992 – Participação da Federação Espírita Portuguesa na fundação do Conselho Espírita Internacional.

1994 – Realização do 2º Congresso Espírita Nacional.

1998 – Realização do 2º Congresso Espírita Mundial (no âmbito do CEI).

Século XXI – Intensificação da atividade editorial, internacionalização, transformação digital e desenvolvimento de novos instrumentos de formação e comunicação.

2026 – Celebração do centenário da Federação Espírita Portuguesa e realização do Congresso Nacional de Espiritismo, em Lisboa.



CEI

Conselho Espírita Internacional

Momento Espírita®

Photo by BENJAMIN WEDENEVER on Unsplash

Redação do Momento Espírita

A large, elegant white script letter 'A' is positioned over the text. In the background, a person's silhouette is shown in profile, with arms outstretched in a prayerful gesture, set against a warm, orange-hued sunset sky. A monarch butterfly is visible in the lower right corner.

doração
a **Deus**



**A verdadeira
adoração ao
Criador dispensa
lugares geográficos,
mas busca o
íntimo
das criaturas.**

Em seu Evangelho, o Apóstolo João relata, com sentimento e poesia, o encontro de Jesus com a mulher samaritana.

No longo diálogo, percebe-se que Jesus conhece a intimidade daquela alma sofredora e perturbada, enquanto ela mesma somente aos poucos vai se dando conta da condição de Jesus, à medida que ouve suas palavras.

Acredita-O um profeta. Mas Israel tinha tantos profetas.

No desdobramento das falas, o Mestre lhe informa acerca da verdadeira adoração ao Criador, que dispensa lugares geográficos, mas que busca o íntimo das criaturas.

A mulher ouve e entende, mas não consegue perceber a autoridade naquelas palavras.

É como se ela pensasse: *O que tu me dizes é interessante, é importante mesmo, mas aguardo o Messias, o Cristo, que virá, e, quando Ele vier, nos anunciará todas as coisas.*

* * *

Muitos de nós somos como a samaritana. Guardamos as palavras de Jesus na memória, sem lhe darmos o verdadeiro crédito, como à espera de uma confirmação.

Contudo, os ensinamentos de Jesus seguem claros e disponíveis a todos os que os queiram entender em espírito e verdade.

Para o Cristo, a adoração ao Pai não é importante se dê aqui ou ali, em algum templo luxuoso, em lugar minúsculo ou em plena natureza.

Em síntese, a alma humana também compõe a natureza, e é a alma humana a que tem condições de pensar em Deus.

Por isso mesmo, não há lugar mais apropriado para a adoração ao Criador do que a intimidade do ser.

Para adorar a Deus não há necessidade de nada material: nem símbolos, nem flores, nem velas, cânticos ou palavras. Nem mesmo posturas especiais.

Basta o coração que sente e a mente que pensa, fechando o circuito entre a criatura e o Criador.

* * *

Porque a samaritana esperasse a chegada do Messias, para tudo confirmar, o Mestre apresentou-se a ela não como mais um profeta de Israel, mas como sendo o próprio Messias esperado com tanta ansiedade: *Eu o sou, Eu que falo contigo.*

Especial momento aquele, de insuperável sublimidade.

Jesus é assim mesmo: o Caminho da Verdadeira Vida.

Quando nos demoramos em dúvidas, ou quando damos passos indecisos, Ele se mostra de diversas maneiras, em nossas existências, afirmando-se o Cristo de Deus, o Messias.

“

**Não há lugar
mais apropriado para
a adoração ao Criador
do que a intimidade
do **ser****

“

**Basta o coração
que sente e a
mente que pensa,
fechando o circuito
entre a criatura e o
Criador**

Eu o sou, Eu que falo contigo.

E os que temos ouvidos de ouvir, podemos perceber-lhe a voz terna, assegurando-nos o constante ensino.

* * *

O episódio de Jesus com a samaritana, ocorreu num mês de dezembro ou janeiro.

No Seu diálogo, Jesus selou o ensino acerca da verdadeira adoração ao Pai com estas palavras: *Virá a hora em que adorareis ao pai, não neste monte, nem em Jerusalém, mas em espírito e verdade, pois Deus é espírito e os que o adoram, em espírito e verdade é que devem adorá-lo.*

Redação do Momento Espírita, com base no cap. 14 do livro Quem é o Cristo?, pelo Espírito Camilo, psicografia de J.Raul Teixeira, ed. FRÁTER.



Entre
vista

Maria
Helena
Marcon



Há décadas que Maria Helena Marcon, carinhosamente Malena, dedica a sua vida à divulgação dos princípios espíritas, aliando reflexão, sensibilidade e um profundo compromisso com a mensagem de esperança e fraternidade que caracteriza a Doutrina Espírita. Como divulgadora, como escritora, como dirigente e responsável pelo Momento Espírita — uma das mais reconhecidas iniciativas de divulgação espírita em língua portuguesa — tem contribuído para levar diariamente palavras de conforto, esclarecimento e inspiração a milhares de pessoas. Nesta entrevista, fala sobre a sua trajetória, a missão do Momento Espírita e os desafios de comunicar valores espirituais num mundo em constante transformação.

1. Maria Helena, a sua trajetória no movimento espírita está profundamente ligada ao estudo, à educação espírita e ao trabalho federativo. Como surgiu o seu primeiro contacto com o Espiritismo e que aspectos da Doutrina mais contribuíram para orientar a sua vida?

Reputo como de importância o primeiro contato de qualquer pessoa com a Doutrina Espírita, a maneira como a Doutrina lhe é apresentada, alcançando exatamente o ponto crucial de que necessita, naquele momento, para sua vida.

Desde cedo, interessei-me pelas leituras que remetessem à vida de Jesus, Seus seguidores e, estudando em colégio que dispunha de biblioteca com seção especializada

nos chamados *santos* da Igreja, tive a oportunidade de ler a vida de quantos ali a tivessem registrada. Era uma vasta coleção e simplesmente devorei cada fascículo, que tinha como adicional o atrativo de ilustrações bem sugestivas.

Ao ter meus primeiros contatos com a Doutrina, recordo-me de que o coordenador daquele minúsculo Centro Espírita, no interior do estado gaúcho, me indagou se eu gostava de ler e qual o tipo de leitura. Então, levou-me à sua imensa biblioteca, tomou um livro e o depositou em minhas mãos.

Era *Boa Nova*, psicografia do médium mineiro Francisco Cândido Xavier, pelo Espírito Humberto de Campos.

Inteirar-me do conteúdo daquela obra foi minha estrada de Damasco. Jamais lera algo tão sublime, jamais me fora apresentado Jesus com tamanha luz e espiritualidade.

Concluí que, se aquela Doutrina assim falava a respeito do Homem de Nazaré, deveria ser extraordinária.

Passei a buscar, ávida, as demais obras espíritas. Li todos os romances produzidos pela mediunidade de Zilda Gama, Francisco Cândido Xavier, Yvonne do Amaral Pereira, Divaldo Pereira Franco.

Ingressando na Juventude Espírita, adentrei no estudo metódico e bem orientado da Codificação Kardequiana.

2. Ao longo de várias décadas de dedicação ao movimento espírita, que momentos considera mais marcantes na sua caminhada pessoal e institucional?

Penso que a possibilidade de trabalho que me foi oferecida, desde os primeiros momentos de ingresso no Centro Espírita Ildefonso Correia, em Curitiba/PR, foi de primordial valor.

Senti-me colaboradora, alguém que podia fazer a diferença. E minhas primeiras tarefas foram exatamente no ambiente que eu sempre prezei: a biblioteca. Organizei o acervo, disponibilizei para empréstimos e, na sequência, criei estratégias de dinamismo para a livreria da instituição.

Considero, portanto, especialmente marcante esse início das atividades, que prosseguiram com a coordenação da Juventude Espírita e, depois, do Departamento de Infância

e Juventude, ingresso no Conselho Deliberativo da Casa, chegando à presidência, que exerci por cinco mandatos, em diferentes momentos.

Tive a honra de, junto a companheiros de ideal e dinamismo, instituir, na Casa Espírita, o Estudo da Doutrina Espírita, estabelecendo como regra que todo trabalhador deveria estar vinculado a um desses grupos.

3. Que características considera essenciais num trabalhador espírita para os desafios da atualidade?

Creio que a essência foi estabelecida pelo Codificador Allan Kardec, ao evidenciar, em um de seus discursos pronunciados nas reuniões de Lyon e Bordeaux, que *Antes de fazer a coisa para os homens, é preciso formar os homens para a coisa, como se formam operários, antes de lhes confiar um trabalho. Antes de construir, é preciso assegurar-se da solidez dos materiais. Aqui os materiais sólidos são os homens de coração, de devotamento e de abnegação*. E estabelece que o estudo deve anteceder à prática. Isso demonstra que o trabalhador espírita precisa ser o estudioso, aquele que sabe que jamais deverá se afastar das páginas orientativas.

Aliado ao conhecimento e à vontade de aprender sempre, deve se forrar de humildade, no intuito de não se sentir imune a equívocos que precisarão ser corrigidos por quem detém experiência anterior a si.

Perseverança, por fim, porque fácil é o entusiasmo da primeira hora, mas manter-se ano após ano na atividade do Bem requer vontade firme e ânimo.

“

Manter-se ano após ano na
atividade do Bem requer
vontade firme e ânimo





“

Cabe-nos conhecer e respeitar a estrutura do movimento espírita organizado, seguindo-lhe as diretrizes de ordem e trabalho

4. A Federação Espírita do Paraná tem uma história de grande dinamismo no movimento espírita brasileiro. Na sua experiência como dirigente federativa, quais foram os principais desafios e aprendizagens?

Iniciei no setor de Infância do Departamento de Infância e Juventude, amparando-me na experiência de companheiros de valor que ombraram comigo, inicialmente: José Virgílio Góes e Maurício Roberto Silva. Exercitei-me nas experiências do movimento espírita jovem do estado, à frente do DIJ por mais de uma década, amadurecendo um tanto mais por cinco anos como vice-presidente da Federativa, antes de alcançar a presidência, cujo cargo exerci de 2004 a 2007.

Inúmeros foram os desafios, sobretudo em uma época em que a Federação Espírita do Paraná abrangia a administração de um Hospital, um colégio, três creches, uma escola profissional, além de toda a atividade doutrinária.

Incompreensão, intolerância e abandono de companheiros que considerava amigos operosos se multiplicaram. No entanto, guardando a certeza de que o trabalho é do Cristo, mantive o foco doutrinário como primordial, visitando Centros Espíritas, realizando contatos diretos com trabalhadores de todo o estado através de inter-regionais e conferências estaduais na capital e pelo interior.

Posso afirmar, como o fez o ilustre Codificador ao refletir sobre os dez anos de lançamento de *O Livro dos Espíritos* que, se muitos foram os percalços, nunca me faltou o apoio dos Bons Espíritos, manifestando-se através da ajuda ostensiva de companheiros encarnados e/ou nas mensagens de luz de tantas obras psicografadas.

5. O trabalho de unificação é um dos pilares do movimento espírita organizado. Na sua perspectiva, qual é o verdadeiro significado da unificação e como pode ela ser fortalecida no século XXI?

A Unificação somente pode ser alcançada se nos unirmos como irmãos, nos sentirmos companheiros de jornada, comungando do mesmo ideal e com o mesmo propósito. Cabe-nos conhecer e respeitar a estrutura do movimento espírita organizado, seguindo-lhe as diretrizes de ordem e trabalho.

A unificação no século XXI exige um forte alinhamento estratégico de comunicação. E comunicação exige, antes de tudo, o conhecimento de si mesmo, reconhecendo as fraquezas; conhecimento do outro, que pode oferecer balizas de fortalecimento e bom ânimo; desejo de crescimento conjunto, abrindo mão do destaque individual, tendo em mente que o trabalho é do Cristo e esse é que deve ser evidenciado.

6. As instituições espíritas vivem hoje um contexto social muito diferente daquele das décadas anteriores. Que mudanças considera mais significativas na forma como os Centros Espíritas devem atuar junto da sociedade?

Os Centros Espíritas necessitam atuar de forma criativa, conectando os valores da Doutrina Espírita aos meios culturais contemporâneos.

Há um vasto campo a joeirar e nenhuma faceta deve ser desprezada. Programas radiofônicos, televisivos, atividades on-line de estudo e palestras, transmissões ao vivo de eventos doutrinários, edição de livros impressos e digitais etc.

Entretanto, algo imprescindível é o relacionamento interpessoal, a presença na Casa Espírita, o trabalho de recepção que acolha, que esteja atenta aos que buscam consolo, esclarecimento.

Aqueles que chegam ao Centro Espírita, sabemos que, muitas vezes, foram conduzidos pelos amigos espirituais. Nós, encarnados, devemos estar a postos, acolhedores, sorrindo, oferecendo o melhor que a Doutrina Espírita possui para acalantar cora-

ções, esclarecer mentes e abrigar desalentados, ofertando-lhes a água viva que sacia toda sede.

7. A comunicação social espírita passou por uma profunda transformação com a chegada da Internet e das redes digitais. Que oportunidades e desafios identifica neste novo cenário?

O maior desafio é aprender a trabalhar com bom senso. Não deter a preocupação primeira de estatísticas de seguidores ou primazia de inscritos em canais e entusiásticos elogios.

As redes sociais, as plataformas digitais, canais, sites: tudo, enfim, que o vasto mundo da internet nos possa oferecer, não deve, de modo algum, nos afastar do propósito da correta divulgação da Doutrina que nos enriquece a vida e nos faz felizes.

A IA, com seu imenso cabedal de possibilidades, deve ser entendida como uma ferramenta a ser bem utilizada, jamais nos isentando do estudo constante da Doutrina e das demais áreas do conhecimento.

Lembramos da exortação paulina: *Todas as coisas nos são lícitas, mas nem todas as coisas convêm.* (I Cor. 6:12)



O Conselho Espírita Internacional, ajuda a manter a essência da Codificação Kardequiana, evitando distorções locais ou personalismos

“

A unificação no século XXI
exige um forte alinhamento
estratégico de comunicação





“Abrir mão do destaque individual, tendo em mente que o trabalho é do Cristo e esse é que deve ser evidenciado

8. Sendo uma das redatoras do Momento Espírita, há décadas, pode-nos revelar qual o segredo para manter a inspiração e os temas, sempre diferentes, dia após dia?

A inspiração constante e a renovação dos temas do Momento Espírita não residem em uma fórmula secreta, mas no compromisso sincero de tocar os corações e na constante atenção ao mundo que nos cerca.

Como uma das redatoras do programa desde 1992 — soma-se a isso a bênção de atuar há mais de três décadas nessa tarefa —, posso afirmar que a base primordial de todo esse trabalho vem da Espiritualidade Superior. Temos a convicção de que os benfeitores espirituais acompanham essa divulgação valiosa, cujo único objetivo é alcançar o ser humano onde quer que ele esteja, sem a preocupação de proselitismo.

Além do amparo espiritual, a vida cotidiana é uma fonte inesgotável de recursos. Colhemos inspiração nas histórias de vida, na convivência com amigos e companheiros de trabalho, cujas experiências e lutas diárias traduzem a alma humana.

Também mantendo o olhar atento no dia a dia, nas cenas simples, nos fatos históricos e nos exemplos de personagens do mundo que ilustram com precisão as virtudes que desejamos destacar.

O segredo, portanto, é manter a sensibilidade desperta. Escrevemos para o ser humano que busca res-

postas, alento e luz. Cada script é pensado com o intuito de alcançar o coração de quem ouve, insuflando bom ânimo, perseverança no bem, amor e uma profunda gratidão pela vida. Podemos dizer que é a própria vida, sob a ótica do bem e do amor, que nos fornece o combustível diário para continuar.

9. Que importância atribui à cooperação entre os diferentes países e instituições espíritas para fortalecer a divulgação da Doutrina Espírita?

A cooperação entre países e instituições espíritas é essencial para a unidade de princípios, o intercâmbio de experiências e o fortalecimento da divulgação do Espiritismo no mundo.

A união entre órgãos centrais e Federações, como o Conselho Espírita Internacional, ajuda a manter a essência da Codificação Kardequiana, evitando distorções locais ou personalismos.

A colaboração permite a tradução de obras, a realização de congressos e o desenvolvimento de conteúdos digitais em múltiplos idiomas com um nível de qualidade e alcance muito maior do que iniciativas isoladas teriam.

Em um mundo interconectado e marcado por fluxos migratórios, a integração garante que o indivíduo encontre a mesma base fraterna e doutrinária em qualquer lugar do globo, fortalecendo a rede de consolo e esclarecimento espiritual.



O verdadeiro trabalhador é aquele que transforma o conhecimento doutrinário em renovação íntima e serviço ao próximo

10. Muitos jovens procuram hoje novos caminhos de espiritualidade. Como podem as instituições espíritas aproximar-se das novas gerações e/ou envolvê-las no movimento espírita?

As novas gerações buscam respostas dinâmicas, propósito prático e ambientes acolhedores. Para conectar-se com os jovens, algumas estratégias podem ser implementadas, como o diálogo sobre os temas da atualidade (saúde mental, ecologia, diversidade, ciência e tecnologia) sob a ótica espírita, promovendo o debate.

Dar aos jovens espaço real de atuação nas tantas tarefas da Casa Espírita, permitindo que eles contribuam com suas ideias e habilidades.

Conectar a teoria doutrinária a vivências de caridade e voluntariado, pois as gerações atuais são profundamente movidas pelo impacto social concreto.

Produzir conteúdos no formato de podcasts, vídeos curtos e mídias sociais interativas, alcançando o jovem onde ele naturalmente consome informação.

11. Depois de uma vida dedicada ao movimento espírita, que mensagem gostaria de transmitir aos trabalhadores espíritas das novas gerações?

Trabalhem com amor, estudem com dedicação e perseverem no bem.

O Espiritismo não é uma obra do passado, mas um compromisso vivo com o futuro da humanidade. Aos que agora assumem ou assumirão a continuidade das tarefas, lembrem-se de que o verdadeiro trabalhador é aquele que transforma o conhecimento doutrinário em renovação íntima e serviço ao próximo.

Não se atemorizem diante dos desafios do mundo moderno, nem desanimem perante as incompreensões. Mantenham Allan Kardec como bússola doutrinária e Jesus como modelo e guia. Cultivem a humildade no serviço, a fraternidade no convívio com os companheiros e a coragem moral para exemplificar os ensinamentos no cotidiano. O futuro do movimento espírita exige mentes abertas para o progresso, mas corações firmes nos princípios do Amor e da Verdade.



“

O futuro do movimento espírita
exige mentes abertas para o
progresso, mas corações firmes
nos princípios do Amor e da
Verdade

Notícias

01. Diálogos sobre Mediunidade - mesas-redondas em Português e Inglês sobre a reunião mediúnica espírita

No dia 26 de julho de 2026, a Área de Estudo e Prática da Mediunidade do Conselho Espírita Internacional (CEI) realizou duas edições da live "Diálogos sobre Mediunidade – Mesa Redonda", uma em Português e outra em Inglês, reunindo representantes do movimento espírita de diferentes países para refletir sobre o tema "Reunião Mediúnica Espírita: O que é? Para que serve?".

As duas transmissões, moderadas por Marcia Trajano, presidente e cofundadora do Solitude Center for Spiritual Living (Tennessee, Estados Unidos), proporcionaram um espaço de diálogo e intercâmbio de experiências acerca da prática mediúnica, destacando sua finalidade, seus fundamentos doutrinários e sua relevância para o trabalho espírita.

Na edição em Português, participaram Dairson Azambuja, coordenador adjunto de O Evangelho Redivivo da Federação Espírita Brasileira (FEB) e presidente do Grupo Espírita Divaldo Franco, em Porto Alegre (RS); Rejane Planer,

cofundadora e vice-presidente da Associação de Estudos Espíritas Allan Kardec, em Viena (Áustria); e Max Lacerda, facilitador de ESDE, Mediunidade, EADE e O Evangelho Redivivo na FEB, além de expositor da Comunhão Espírita de Brasília (CEB).

A mesa-redonda em Inglês contou com a participação de Andreia Marshall-Netto, diretora do Grupo Espírita Conscious Living e da Federação Espírita da Flórida (Estados Unidos); Alba Morales, membro e palestrante da Spiritist Society of Baltimore, em Maryland (Estados Unidos); e Rafaela Calabria, presidente da Allan Kardec Vancouver Society, em Vancouver (Canadá).

Ao reunir expositores de diferentes instituições e países, as duas edições evidenciaram a universalidade dos princípios espíritas e a importância da reunião mediúnica como atividade de estudo, educação e serviço, fortalecendo o intercâmbio internacional e o aprofundamento doutrinário entre trabalhadores da mediunidade.

A realização das lives reafirmou o compromisso do Conselho Espírita Internacional com a promoção de espaços de estudo e

diálogo, contribuindo para a formação continuada dos trabalhadores espíritas e para a integração do movimento espírita em âmbito internacional.

[CANAL DE YOUTUBE DO CEI >>>](#)



Live - Inglês

<https://www.youtube.com/live/r1Et5VSojOA?si=VMvoizdGfXgo6lNI>



Live - Português

https://www.youtube.com/live/laDnqUPnS2o?si=y4Oa5_2Fjohze4Yg



02. Workshop | Valores para a Paz promoveu reflexões e experiências com crianças e jovens

A Área de Infância, Juventude e Família (AIJF) do Conselho Espírita Internacional (CEI) realizou, nos dias 12 e 13 de setembro de 2026, o workshop "Valores para a Paz: promover reflexões e experiências com crianças e jovens", em formato online, com sessões desenvolvidas em Português, Inglês e Espanhol.

O encontro reuniu evangelizadores, educadores espíritas e outros participantes de diferentes países, proporcionando um espaço de aprendizagem, reflexão e partilha de experiências sobre a formação de valores para a paz junto de crianças

e jovens, à luz da Doutrina Espírita.

Ao longo dos dois dias de atividades, foram abordados temas relacionados com os fundamentos espíritas dos valores para a paz, metodologias pedagógicas vivenciais e o papel do evangelizador como agente promotor da cultura de paz, fortalecendo a formação dos participantes e incentivando a aplicação prática dos conteúdos nas suas realidades.

A iniciativa reforçou, ainda, os laços de cooperação e fraternidade entre evangelizadores e educadores espíritas de diferentes países, promovendo o intercâmbio de experiências e o compromisso comum com a missão da educação espírita.

03. Grupo de Estudos com a Juventude Espírita Mundial

Este Grupo de Estudos Espíritas é dedicado à juventude, pensado para estudar o Espiritismo, confraternizar e unir corações.

Os encontros de estudo propõem um ambiente acolhedor e dialógico-vivencial, considerando a fundamentação doutrinária e a contextualização das reflexões e aprendizagens.

Para participar basta preencher o formulário de inscrição do "Grupo de Estudos com a Juventude Espírita Mundial", uma atividade promovida pela Comissão de Juventude da AIJF - Área da Infância, Juventude e Família do Conselho Espírita Internacional.

INFORMAÇÕES SOBRE O GRUPO DE ESTUDOS

Plataforma: Zoom.

Público: Jovens espíritas de diferentes países (a partir dos 13 anos)

Data: No último domingo de cada mês.

Horário:

11h às 12h45 – América Central

12h às 13h45 – NY

14h às 15h45 – Brasília

17h às 18h45 – Portugal

18h às 19h45 – CET

Idiomas: Inglês, Português, Espanhol e Italiano.

O ambiente virtual será aberto 15 minutos antes do horário estabelecido para o início das atividades.

Ainda não faz parte do nosso grupo?

[Inscreva-se AQUI>>>](#)



04. Centenário de Divaldo Franco

Divaldo Franco – O Semeador de Estrelas

Celebração dos 100 anos do nascimento de Divaldo Franco, cuja vida e obra continuam a inspirar gerações.

Nos dias 1 e 2 de maio de 2027, o Conselho Espírita Internacional (CEI), juntamente com a Mansão do Caminho, a Federação Espírita Brasileira (FEB) e a Federação Espírita do Estado da Bahia (FEEB), assinalam o centenário do nascimento de Divaldo Franco, numa celebração dedicada ao legado de amor, fraternidade e esperança que marcou gerações.

Este Congresso reunirá representantes do Movimento Espírita de diversos países, num encontro de partilha, reflexão e gratidão pela vida e obra deste incansável mensageiro da paz, cuja dedicação à promoção da fraternidade, da solidariedade e da cultura de paz lhe valeu reconhecimento internacional.

O Centro de Convenções de Salvador acolherá cerca de 3.000 participantes, provenientes de diferentes partes do mundo, unidos pelo ideal espírita e pelo desejo de homenagear aquele que dedicou a

sua existência ao serviço do próximo.

O Conselho Espírita Internacional convida-o a fazer parte deste momento único de união e luz.

Junte-se a nós e participe nesta homenagem inesquecível.

[VEJA MAIS AQUI>>>](#)



Nota

A equipa da *Revue Spirite* convida todos os interessados a enviarem textos inéditos para análise e possível publicação.

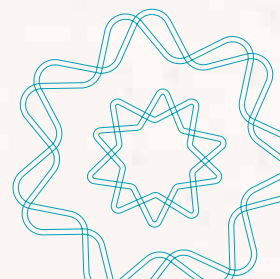
Os textos devem ser originais e não ter sido previamente publicados em qualquer formato. A equipa editorial apreciará cuidadosamente todas as submissões recebidas. Envie seu material para o e-mail: revuespirite@cei-spiritistcouncil.com

Participe e contribua para a continuidade das reflexões e estudo do Espiritismo!



COMISSÃO EXECUTIVA DO CEI
TRIÊNIO DE 2025 - 2028

Conselho Espírita Internacional





Social Media

Facebook

Instagram

Youtube

Online

<https://cei-spiritistcouncil.com>

revuespirite@cei-spiritistcouncil.com

